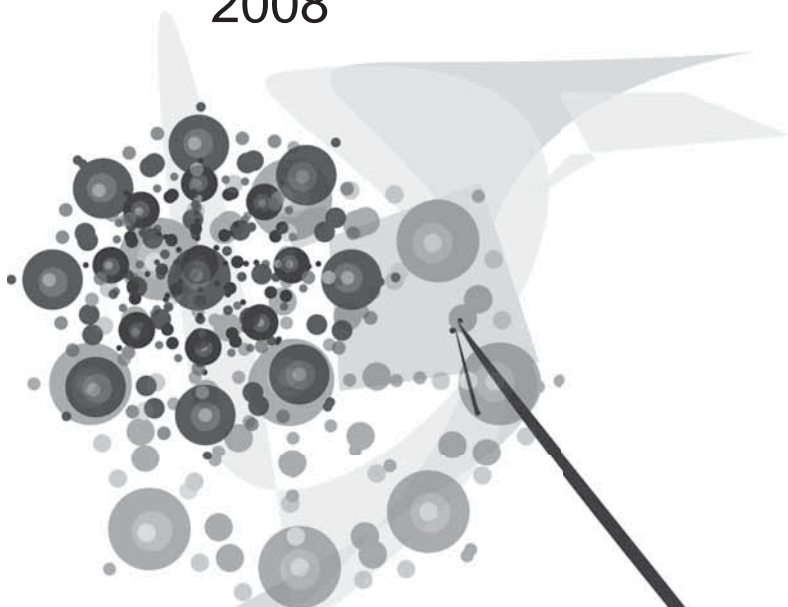


MUNDO DO TRABALHO E JUVENTUDE EM SITUAÇÃO DE RISCO

Projeto Quixote
Setor Ensino e Pesquisa

2008



Organizadores
Graziela Bedoian
Roberto Carlos Madalena

QXT
PROJETO QUIXOTE
Uma outra história



Projeto Quixote

Área Ensino e Pesquisa

Organização:

Graziela Bedoian e Roberto Carlos Madalena

Assistente de Ensino e Pesquisa:

Rosimeire Nascimento

Graffiti capa e miolo:

Vine

Textos das entradas dos blocos:

Bruno Pastore

Revisão:

Maria Helena do Nascimento

Projeto gráfico e editoração:

Giseli Bedoian



Projeto Quixote

Rua Coronel Lisboa, 713 - Vila Clementino

Cep: 04020-021 - São Paulo - SP - Brasil

Tel.: (55 11) 5572-8433

ensino@projetoquixote.org.br

www.projetoquixote.org.br



PROJETO QUIXOTE

Cecília Maria de Azevedo Marques Motta
Presidente da Associação de Apoio ao Projeto Quixote

Auro Danny Lescher Coordenador Geral

COORDENAÇÃO DE ÁREAS

Bettina Grajcer Captação e Parcerias

Elson Dinardi Administração

Fátima Rigatto Atendimento

Graziela Bedoian Ensino e Pesquisa

COORDENAÇÃO DE PROGRAMAS

Cecília Motta Abordagem de rua

Fátima Rigatto Clínico

Marília Mastrocolla Abrigamento

Roberto Madalena Educação para o Trabalho

Suely Fender Família

Zilda Ferré Pedagógico

PROJETOS ESPECIAIS

Graziela Bedoian Agência Quixote Spray Arte

Juliana da Silva Usina da Imagem

Maria Inês Rondello Projeto Cuidar



Agradecimentos

Aos professores do processo de formação,

Aos educadores participantes,

Ao Ficas,

Ao Fies - Fundo Itaú Excelência Social.



INVESTIR EM EDUCAÇÃO É CONSTRUIR UM PAÍS MELHOR

Investir em programas sociais com foco educacional, permitindo o seu desenvolvimento e sustentabilidade é uma das missões do FIES – Fundo Itaú Excelência Social. Participar do projeto que trata da inclusão dos jovens no mercado de trabalho é a concretização deste objetivo. São ações, como a feita pelo Projeto Quixote, que o Banco Itaú procura apoiar em busca de sua excelência junto à comunidade brasileira.

O FIES é um produto que além de sua vertente social, ao destinar 50% de sua taxa de administração a organizações não governamentais que possuam programas de Educação Infantil, Ambiental e para o Trabalho, é uma opção de investimento socialmente responsável para o público em geral, pois aplica seus recursos em ações de empresas com reconhecidas práticas sociais, ambientais e de governança corporativa.

Trata-se de um produto onde todos podem ganhar: o investidor ao garantir que seu patrimônio está direcionado em companhias abertas responsáveis socialmente, as organizações não-governamentais que recebem um investimento financeiro e técnico para a continuidade de suas ações junto às comunidades locais e, o banco que cumpre a sua função como agente fomentador de bons projetos para o nosso país.

Em apenas 3 anos de existência (entre 2004 a 2007), o FIES já contribuiu em 33 ONGs de todo o país, investindo mais de R\$ 4,5 milhões, para que fosse obtida uma melhoria da formação das equipes e do estabelecimento de uma rede social, com a qual seja possível uma constante troca de conhecimento. Nossa meta em 2008, será atingir mais 25 programas com um valor superior à R\$ 5 milhões.

Com o apoio da Fundação Itaú Social, o processo de seleção é realizado anualmente, durante o segundo semestre de

cada ano, onde recebemos inscrições de todas as regiões brasileiras. Estas passam por um processo rigoroso, onde são avaliadas sua capacidade de gestão para sustentabilidade política, financeira e técnica; a composição, formação e experiência profissional das equipes das organizações; a relevância do programa frente ao contexto local; o caráter inovador do programa; os resultados pretendidos além do potencial de transformação local.

A decisão final cabe a um Conselho Consultivo formado por executivos do Banco Itaú, da Fundação Itaú Social, de institutos empresariais, universidades, além de investidores institucionais que aplicam seus recursos no FIES.

Acreditamos que juntos podemos buscar alternativas para promover melhorias no processo educacional do País. Registrar experiências para compartilhá-las e sistematizar nossos projetos para multiplicá-los são nossos objetivos. Por isso, nos sentimos satisfeitos em contribuir com o “Mundo do Trabalho e Juventude em Situação de Risco”.

Fundo Itaú Excelência Social

OUTRA ILHA PARA SANCHO PANÇA

O que é o Projeto Quixote?

É um ambulatório de Saúde Mental porque usamos os instrumentos médicos e psicológicos para aliviar as dores do corpo e da alma?

É um Centro Cultural porque dançamos o break e grafitamos os muros da cidade?

É um Circo porque fazemos nossos malabarismos?

Ou um Campo de Refugiados porque acolhemos crianças e jovens que transitam pelas ruas do centro de São Paulo?

Somos tudo isso misturado – uma Escola.

Uma escola em 3D (em três dimensões). A profundidade, o volume, é dado pelo olhar muito cuidadoso dos educadores à subjetividade de cada criança, de cada jovem ou família que frequenta o Quixote.

Uma das interpretações etimológicas para a palavra educar é a possibilidade de despertar no outro a sensação gustativa do doce.

Quando conseguimos compartilhar com uma criança de um ano de idade o momento da sua primeira experiência de intimidade com o chocolate, percebemos a intensidade dessa descoberta: o êxtase se apresenta, lambuzando seus dedos, seu rosto e o olhar de quem observa.

Quando um jovem deseja um caminho instigante e acessível no mundo do trabalho, podemos crer, com poucas chances de nos equivocarmos, que práticas educativas em 3D estão acontecendo, ajudando-o a enfrentar dragões e moinhos de vento. Como o incansável Dom Quixote, que afirma, ao longo dos séculos, a potência do ser humano de tomar para si o próprio destino.

Toda boa escola deve provocar os prazeres do conhecimento, tem que buscar um equilíbrio entre o aprender a fazer conta com o aprender a fazer de conta. Como diz o poeta: “Como entender o dançarino fora da dança?”

Quando pensamos no jovem construindo a sua relação com o mundo do trabalho, pensamos algo com mais jeito de escola do que de fábrica, ou melhor: uma escola que busca ser, uma fábrica de chocolates.

Auro Danny Lescher
Coordenador Geral Projeto Quixote

DIFERENTES OLHARES

Pensar a questão do jovem e do trabalho traz um imenso desafio para educadores, técnicos, gestores, empregadores, empresas socialmente responsáveis. De cara trata-se de algo complexo que articula diferentes interesses, dificuldades e necessidades.

O jovem, com suas incertezas, potencialidades, vivências, necessidades.

Educadores, com seus desejos, programas, angústias, indignações.

Empregadores, chefias, com suas exigências, resultados, salários.

Oportunidades, encontros, diferenças.

O mundo do trabalho expressa de forma muito precisa o desafio deste caleidoscópio social brasileiro. Inclusão, exclusão. Formação de jovens. Competitividade. Satisfação pessoal. Produtividade. Crescimento econômico. Desenvolvimento subjetivo.

Este livro busca pincelar diferentes olhares sobre a questão da educação para o trabalho e jovens em situação de risco. Fruto do projeto “Inclusão social de jovens em situação de risco: conceitos e manejos”, apoiado pelo FIES – Fundo Itaú Excelência Social, o livro registra os conceitos e as discussões dos cursos e supervisões com educadores, técnicos e gestores, durante um ano.

O livro foi dividido em três blocos: Jovem, Mundo do trabalho e Educador. No primeiro bloco, o foco é o sentido do trabalho para o homem e para o jovem, contextualizando o momento subjetivo do jovem e suas dificuldades e delícias no enfrentamento do trabalho.

No segundo bloco, o lado do universo do trabalho. O ambiente corporativo e suas exigências, as dificuldades das chefias de jovens no balanço entre resultados e acolhimento. Outras al-

ternativas de trabalho, o trabalho que potencializa o jovem, o trabalho que desenvolve e algumas respostas públicas para a questão.

No último bloco, os desafios dos educadores, para além do trabalho, o acolhimento do jovem, o despertar, o reconhecer, o acompanhar. A articulação com o mundo, as famílias e as complexas situações de risco, a violência, as atividades ilícitas, o futuro.

Muitas aprendizagens nestes encontros:

- Temos que pensar mais em formação para o jovem do que trabalho para o jovem.
- Não dá pra falar de trabalho, sem considerar quem é este jovem.
- Trabalho não é só trabalhar em uma empresa.
- Cada vez mais, o jovem cria seu trabalho, empreende novas oportunidades.
- Trabalho precisa ter satisfação pessoal, escolhas.

O processo indica que o encontro entre os atores, alimenta a construção de algo do tipo ganha, ganha, ganha. Afinal, todos querem resultados, todos querem satisfação pessoal, todos querem um mundo melhor.

Graziela Bedoian

*Coordenação Ensino e Pesquisa
Projeto Quixote*

Roberto Carlos Madalena

*Coordenação Educação para o
Mundo do Trabalho Projeto Quixote*

*O Quixote mesmo me ensinou isso,
essa possibilidade de você poder trabalhar
com o que você gosta,
você ser um empreendedor,
você trabalhar com aquilo que você tem [...],
tipo aquela coisa de você ser capaz,
se você tem um sonho, até mínimo assim,
[...] é você realizar esse projeto.*

Bruno Pastore





ÍNDICE

BLOCO JOVEM

- A voz do jovem – experiências de iniciação no mundo do trabalho 19
Bruno Pastore
- Juventude e trabalho: desafios e conquistas 37
Floriano Pesaro
- Aspectos subjetivos da entrada no mundo do trabalho para o jovem 47
Felícia R. R. S. Araujo
- Contextualizando a adolescência 55
Felícia R. R. S. Araujo e Maíra Clini

BLOCO MUNDO DO TRABALHO

- Desafios para as chefias de jovens em situação de risco 65
Patrícia Loyola
- Competências para o mundo do trabalho – ambiente organizacional 69
Herbert Klassa
- E o que faltava era oportunidade 83
Raquel Barros
- Atenção à família através de oficinas de geração de renda: inclusão social e capacitação profissional de familiares de jovens em situação de risco. 91
Alberto António Comuana e Suely A. Fender
- Políticas públicas de aprendizagem ou políticas de juventude 105
Paulo A. A. Baltazar



BLOCO EDUCADOR

Encontros de rede: o olhar dos educadores participantes <i>Organizadora Rita Puosso</i>	117
Cidadania: Sentimento de pertencer <i>Roberto Carlos Madalena</i>	125
Projeto de vida: o que você quer para sua vida? <i>Aline Jardim Vasconcelos</i>	131
Planejar é preciso, e viver é preciso também <i>Tokie Ueda Robotella</i>	137
No mundo do trabalho quem não se comunica, se trumbica <i>Roberto Carlos Madalena e Zilda Rodrigues Ferré</i>	141

ANEXOS

Escrita Coletiva <i>Graziela Bedoian e Roberto Carlos Madalena</i>	147
O Projeto Quixote	149
Sobre os Autores	153



Bloco JOVEM

Você é pra lapidar,
você é pra ser o estudo,
você é pra ter o seu trabalho,
você ser o seu emprego, entendeu?

Eu preciso fazer coisas
que eu gosto pra me sentir bem,
eu acho que isso é do ser humano mesmo...

Uma dobradura, você se descobrir nessa dobradura,
você falar "nossa olha o que eu criei aqui".
[...] Você não é valorizado pelas pequenas coisas.
Qual a diferença de você fazer
e se descobrir naquilo que você quer fazer?

A VOZ DO JOVEM – EXPERIÊNCIAS DE INICIAÇÃO AO MUNDO DO TRABALHO

Bruno Pastore e educadores¹

Este texto é o resultado de uma roda de conversa entre um grupo de educadores e um jovem, Bruno Pastore, que participou de programas de educação para o trabalho, e por experiências de inserção em empresas. O depoimento e a conversa foram gravados em vídeo e depois transcritos e editados. Optou-se pelo formato de entrevista para manter o tom vivo da experiência.

Chegada ao Projeto Quixote

BRUNO - Eu sou Bruno Pastore, tenho 22 anos e fui convidado pra falar um pouco desse contexto de trabalho, de como aconteceu comigo, não sei se vai ajudar vocês, mais posso esclarecer algumas dúvidas que vocês tiverem.

Vou falar um pouco de como eu conheci o Quixote. A primeira coisa que você faz quando você chega no Quixote é rolar um acolhimento. Você chega por indicação de outra instituição, ou o que rola é que você mesmo se inscreve. Também pode ser

¹ Educadores: Aécio, arte educador de crianças e adolescentes em situação de rua e trabalho infantil; Cissa, assistente social, oficina Boracéia, com idosos e mulheres; Cleonice, assistente social de Santo André, trabalho com os jovens da área de mananciais; Edinalva, orientadora de um Núcleo de Proteção Especial na Região do Capão Redondo e artista plástica; Fabio e Marta, Associação Lua Nova, setor de geração de renda, Sorocaba; Felícia, psicóloga do Projeto Quixote; Gisele, orientadora social do Núcleo de Proteção Psicossocial Especial - Pedreira; Silmara, pedagoga da Supervisão de Assistência Social do Ipiranga; Rosane e Sidney, Núcleo de Proteção Especial Jardim Ângela; Roberto, educador, coordenador do Programa de Educação para o Trabalho do Projeto Quixote.

indicado por sua família. Lá, em primeiro lugar é o acolhimento, que são oficinas de arte, de mosaico, pintura, uma coisa bem relaxante assim, agradável. Você sai do seu mundo, vive seu lugar, é como terapia mesmo, é você ali brincar com as cores, e já vem pessoas te perguntar o que você quer fazer, o que você quer ser, falam que legal o que você está fazendo, olha fulano, ele leva jeito.

Eu sabia que lá tinha coisas relacionadas com o graffiti e eu fui indicado por causa disso, porque eu sempre tive interesse em graffiti, eu já fazia mais ou menos assim entre aspas no papel, então eu queria aprender mais, fazer uma oficina, alguma coisa, então lá, eu sabia que teria essa oportunidade de conhecer mesmo.

Então combinei dois dias, um com a Eneida, uma artista plástica, que dava mais essas coisas de mosaico, de pintura em papel, ou aquarela, guache. Eu voltava um pouco à infância, uma coisa bem gostosa de se fazer. O outro dia era com o Alê, que era o grafiteiro, uma coisa mais direcionada, a gente conversava mais sobre graffiti. Eu lembro até hoje do desenho, em que ele viu que eu levava jeito e fui indicado para a oficina de graffiti.

Depois teve o break, foi muito sério, eu falei que não levava jeito, não queria e tal, aí você dança, vai lá e conhece. O break meio que mudou minha vida; o graffiti foi mais pro lado do intelecto, assim tipo conhecer outras coisas da arte, mais no break você tem uma coisa mais assim pro corpo.

Deixei de fumar um cigarro até, que eu fumava. Na época eu larguei, eu falei “isso aqui não me ajuda com nada, eu só gastei”. Aí comecei a me dedicar, a sentir o corpo assim legal, aí comecei a perguntar sobre outros lugares que tinha o break mesmo, fui vendo que aquilo ali era uma meta de vida mesmo, você estar bem com o corpo e também com a mente.

Ai o lado do graffiti também evoluiu bastante, o lado do intelecto para buscar coisas novas. É você perceber que um detalhezinho não pode passar despercebido. Assim, como um muro para o grafiteiro, às vezes, você passa procurando aquele muro e não repara e tem coisas na sua vida que você passa por elas despercebido e não repara por falta de percepção mesmo. Às vezes era um detalhe importante pra você, mas, no cotidiano prático como o nosso, a gente não repara em nada. Tem que seguir naquele trabalho - casa, casa - trabalho, às vezes você tem direito a um lazer estipulado. Aí o graffiti me abriu um leque pra outras coisas, outra visão pra aquelas coisas que passam despercebidas numa vida normal, foi o que o graffiti me trouxe; ai eu percebi que eu era capaz de certas coisas e foi indo tudo automático, nada forçado, veio pra mim tudo, assim graças ao destino e até por mim mesmo e pessoas que me ajudaram também.

Início da educação para o trabalho

Paralelo as oficinas, eu fazia a oficina de Agente Jovem, não sei se vocês conhecem. Lá tinha oficinas e dinâmicas, eu trabalhava com graffiti e ganhava uma bolsa que pra mim funcionava como um atrativo, não pelo dinheiro, que me ajudava bastante não posso negar, mais estando lá, adquirir conhecimento, acho que acima do financeiro mesmo. Mas, pra outras pessoas (a bolsa) já funcionava como um atrativo, pessoas que precisam mesmo daquilo, mais não tem a noção de que aquilo é mais importante mesmo pra elas. Assistimos o filme Ilha das Flores que foi uma coisa que abriu bastante a minha cabeça, sobre a visão de um mundo. A gente aprendia bastante como encarar o mercado de trabalho, a vida em si, como a vida é avassaladora também, eu aprendi bastante a sagacidade da vida de você ser estratégico e pensar antes de agir, às vezes, agir antes de pensar.

1º Emprego x Fazer o que eu gosto

O Agente Jovem é importante pra isso. Depois desse Agente Jovem, eu também fazia um trabalho com a Pastoral do Belém, era atendido lá, freqüentava, fazia oficina de graffiti, eles me davam uma ajuda de custo pra eu freqüentar o Quixote com passe, essas coisas, e lá eles me indicaram pra um trabalho que era o primeiro emprego, vinculado ao MC Donald's. Eu entrei com indicação, mais fiz entrevista normal como qualquer um e fui selecionado pra trabalhar lá, trabalhei durante um ano, fiz as funções de um atendente comum, trabalhando dentro do caixa, cozinha, salão e trabalhava normal tipo assalariado básico...., mais nada que me assustasse.

Eu queria mesmo um trabalho pra mim, mais eu não conseguia fazer nada com o salário e não consegui freqüentar tanto as oficinas do Quixote, que era uma coisa tipo um escape; sabe eu preciso fazer coisas que eu gosto pra me sentir bem, eu acho que isso é do ser humano mesmo; ai eu não estava conseguindo equiparar as duas coisas, trabalhar e fazer as coisas que eu gosto; ai eu ia fazer numa folga, às vezes, eu ia no Ibirapuera, dançava lá e tal, mais era uma coisa meio vaga, ai eu perdi meio o contato com o pessoal do Quixote também.

Aí apareceu uma oportunidade, depois de quase um ano, acho que uns dez meses que eu estava trabalhando lá, o Roberto (do Quixote) me ligou falando de uma seleção para uma empresa grande. Falei “beleza, legal, vamos ver como é que é”. Estava tendo uns treinamentos; isso rolava no meio da semana, acho que duas vezes por semana; aí eu faltava no MC Donald's. Eu ganhava por hora, então pra eles tanto fazia, você ganha o que você trabalha; então, rolava de sair mais cedo, eu dava um pelézinho aqui, outro ali, arrumava um truque. Todo mundo falava, meus colegas de trabalho, “fica aí, você não vai ganhar nada,

“você vai pintar, você vai dançar, isso aí não é vida não e tal”. Eu pensava não é vida, por hora isso não é vida, mais eu nem sabia que ia, rolava dúvida se eu ia ficar no emprego ou não, porque tinha seleção, entrevista e tal, mais eu fui confiante.

Quando eu fui contratado, aí eu pedi as contas no MC Donald’s. Aí todo mundo falou “Oh! Não tem uma vaguinha pra mim lá não?” Você vê como é a vida do trabalho, as pessoas não acreditam, acho que o trabalho meio que travam elas, para não querer mais, então não sei é relação ser humano mesmo, uma coisa a ser estudada, meio psicológico.

Eu trabalhando um ano lá nessa empresa, na Price, eu vinha no Quixote toda semana, tinha reuniões. Depois de um ano eu fui contratado mesmo, efetivado nessa empresa e trabalhei mais dois anos. Trabalhei na rotina normal e até que eu gostava do que eu fazia lá; era emprego pra mim bacana, tipo não tinha nada de muito pesado. A carga horária era pesada, rotina, era superamento todo dia, tem que trabalhar, mais acho que isso é do ser humano e todo mundo tem que passar por isso, é legal você ter seu salário no final do mês e tal, mais não batia com coisas que eu gostava também, aí ficava com meu final de semana.

Aí teve uma época que eu me senti meio estagnado assim, tipo trabalho, namorada e casa, casa, trabalho, pintura no final de semana e querendo coisas pra realizar e ficava pra depois assim, projetos pessoais meus de pintura e trabalhar com que eu gosto. Vendo pessoas que começaram ao mesmo tempo que eu conseguindo realizar seus projetos por terem tempo ou por ajuda familiar não sei. E eu estagnado numa rotina, vivendo pra ajudar em casa e pagar minhas necessidades, sabe, dinheiro aqui, aqui, aqui, e você trabalhando pra ajudar, pra pintar e não recebendo tanto.

Hoje em dia eu sinto que eu podia ter investido nisso; tipo no estudo eu mesmo me estagnei, não é culpa do trabalho

nada, eu sinto que o ser humano pode arrumar meios, onde ele está, ele não precisa ficar reclamando da vida; eu não procurei buscar nada, eu podia ter estudado e tal.

Eu preferi mudar porque sempre minha vida mudou de 8 a 80 assim, quando estava uma coisa ruim, mudava muito, pra melhor, ai tudo vinha novo, mundo novo, coisa nova. Estagnava, mudava de novo e sempre crescia, e sempre foi assim, ai eu resolvi mudar, eu não estava feliz e conversei com minha chefe, com o supervisor que era muito amigo meu também, além de supervisor e eles falaram que não tava legal e tal, e foram acontecendo coisas, tipo sabe quando você não está legal numa bela terça-feira assim 8:00 horas da manhã e chega no trabalho “malsão”, não faz o seu trabalho como é pra ser feito, ai eles vão percebendo, você vai demonstrando e você quer mesmo demonstrar de propósito. Aí foi acontecendo isso, eles perceberam e me mandaram embora, tudo certo, nas leis até eu gostei, pra mim foi uma mão na roda, porque eu consegui com esse dinheiro dinamizar outras coisas. Eu estudei, fiz um ano de designer gráfico, de arte e designer na Panamericana, fui estudando.

Fui fazer coisas que eu não tinha feito nesses três anos, essa mudança abriu a pintura, mudou de 8 a 80 de novo, então eu pude ver coisas que eu não enxergava, eu estava estagnado. De abril a dezembro eu estudei e trabalhei com pesquisa de campo como autônomo, porque eu queria uma coisa de autônomo, ter essa coisa maleável com o horário e poder fazer essas coisas, dinamizar o tempo, trabalhava como freelancer como grafiteiro no Quixote.

O Quixote mesmo me ensinou isso, essa possibilidade de você poder trabalhar com o que você gosta, você ser um empreendedor, você trabalhar com aquilo que você tem e não depender de chefe nem nada, entendeu? tipo aquela coisa de você ser capaz; se você tem um sonho, até mínimo assim se

você tem um projeto é você realizar esse projeto. Não só aquela coisa da grandeza que todo mundo tem um sonho. Você vai realizar esse sonho só que, às vezes, você tem um projeto simples. O Quixote me mostrou isso e eu senti que eu era capaz; ai eu trabalhando com a pesquisa de campo e mesclando isso daí com o graffiti, ia indo; eu pagava minhas contas, pagava a faculdade, o curso e ainda fazia o que eu gostava e estava indo tudo bem, mais ai chegando hoje, mais de um ano dessa saída da empresa, eu sinto que foi uma das melhores coisas que eu fiz na vida e também me deu bastante força, e coragem e tudo, e agora eu chego aqui falando pra vocês.

Agora eu estou trabalhando também em outro lugar que tem tudo a ver com a arte, que é o Centro Cultural da Juventude da Cachoeirinha; eu sou monitor, como um sócio-educador. Atendo pessoas que chegam lá e necessitam de cultura, mas a cultura está lá pra eles, quem quiser vai procurar. Resumidamente é isso, alguma pergunta?

EDUCADOR - Quanto tempo tem tudo isso, desde começar no Quixote?

BRUNO - Oito anos. Passa rápido.

Estudo

EDUCADOR - Eu acho muito importante reforçar isso, você foi em busca de alguma coisa, você foi estudar pra isso, porque hoje em dia, às vezes, a gente percebe que o jovem não sabe pra onde ir, mais ele também não quer estudar nem na escola formal, nem na escola informal.

BRUNO - Eu penso que o que rola bastante por parte da família, dos jovens ou dos educadores dos jovens, das assistentes sociais é que falam “você tem que estudar até o 3º colegial porque esse é o básico, você tem que ter a faculdade e tal”, acho

que o legal também é ver o estudo de dentro pra fora, da pessoa ver a vida em si, a vida é um estudo, você aprende com várias coisas. A escola, às vezes, não ensina coisas, não foi na escola que eu aprendi que a leitura é importantíssima, não foi na escola que eu aprendi a arte. Na escola, aliás, eu sei que teve um determinado tempo no 3º colegial que eu chegava na escola e só assistia aula de história mesmo pra debater com o professor. Falar que a escola é o mais importante acho que isso é mentira, tipo é uma coisa que engana o personagem, o jovem.

Acho que se deve propor outras coisas, outras formas de aprendizado, você é pra lapidar, você é pra ser o estudo, você é pra ter o seu trabalho, você ser o seu emprego, entendeu? Porque você, às vezes, fica na dependência, eu acho que é legal mostrar pra ele que ele pode ser a escola dele também entendeu? Às vezes, está ali dentro mesmo.

EDUCADOR - E no Cachoeirinha você tem acesso pra conversar com os jovens, você dá esse tipo de depoimento?

BRUNO - Sabe que ainda não, porque eu comecei fazer um mês, eu estava precisando de um emprego fixo, estava querendo mesmo alguma coisa fixa na área relacionada à cultura. Eu vou abraçar, mais lá eu não tenho muito contato com o jovem como sócio educador; às vezes, eles chegam, pedem uma informação, eu falo: é inevitável o contato; às vezes eu falo “um dia você vai aprender que não é assim que se faz e calma, sem rebeldia e tal”.

Motivação

Eu pretendo escrever projetos que façam acontecer esse lado do social, eu passar um pouco do que eu passei pra eles, quem sabe isso ajuda, porque eu aprendi bastante ouvindo os outros também. Eu vi que eu era capaz e que você tem um sonho

e viver o seu sonho, eu acho que é o máximo. Ter vontade, “eu quero isso” e ir fazer. Às vezes, você pensa “pô eu quero fazer uma faculdade”, e você fica pensando, mais pobre não faz USP, o pobre não presta o ENEM. Ninguém passa isso pro jovem, a mídia impõe pra você que já está auto intitulado; isso cria um rebaixamento na sua mente que nossa, acaba com qualquer um.

Eu pretendo trazer arte pra eles porque tem que ser uma coisa que atrai. Eu acredito nisso, eles vão olhar. Um exemplo que eu vou dar agora: se você falar “vamos pra leitura de certos poetas que fazem rimas e tal”, o cara vai olhar, o moleque vai olhar e não vai se interessar. Mas se você falar “olha esse aqui é o Rap que se fazia antes, agora você pode usar isso aqui em suas rimas, esse é o verdadeiro Rap, essa é a literatura brasileira e tal”. É trazer o Rap como atrativo e inserir nisso a literatura. Trazer coisas que nunca na escola ia ter, porque na escola ele nunca ia buscar isso. Você introduz a literatura em algo que ele gosta.

EDUCADOR - Mas você valorizou muito também, todos os aprendizados que você passou, o agente jovem,... pelo seu olhar e acho que você falou uma coisa interessante, o ENEM; acho que alguém precisa falar pro jovem isso que você está falando.

BRUNO - Eles não conhecem, não conhecem cara. Eles não sabem que tem pra eles, entendeu? Colocaram pra eles essa coisa de incapacidade, não sei se pela família mesmo, porque na época da mãe deles era difícil. “Filosofia, isso não dá dinheiro não, artes plásticas não, faz economia, pelo menos você vai ter um diploma e emprego garantido”.

Hoje tem economistas vendedores de hot dog. Aí que você vê também essa coisa deles não acreditarem, porque é imposto isso e também eles não são incentivados a buscar a faculdade e nem nada, mais eu acredito naquela coisa, os poetas são grandes caras que erraram na gramática.

Auto estima

EDUCADOR - Uma coisa importante é que antes de você viver todo esse processo, você teve um trabalho de melhorar sua auto estima, de crer né? É importante falar isso para os meus jovens, “Você precisa querer”, o caminho cada um vai escolher, não é?

BRUNO - É só querer.

EDUCADOR - Mas, às vezes, a pessoa não está naquela fase de ver a possibilidade “se eu quiser eu vou, sabe isso é legal”.

BRUNO - Porque eles não tem incentivo de nada, eles tem incentivo para a compra, pro consumo, ligar a TV é o incentivo. Eu sinto que eles não tem incentivo nem com a própria vida, o próprio viver, vive porque está ali pra viver. Isso me magoa um pouco, mas eles precisam ver exemplos.

28

Deixa eu dar outro exemplo: às vezes a menina gosta bastante de balé, imagina uma pessoa na periferia que gosta de dança; ai se dá bem com o funk, conhece uma oficina de balé que tem lá no CJ, com bolsa pra todas essas crianças. Imagina a menina do balé, chega pro pai ou pra mãe hoje em dia, nos dias de hoje, 2008, fala “eu quero seguir a carreira do balé”; qual é a carreira do balé? Aqui no Brasil, a maior bailarina brasileira ninguém nem sabe quem é, o que ela faz, o dinheiro que ela ganha, porque ela ta lá fora, entendeu? Aqui no Brasil, que mãe vai poder falar “filha, a Ana Botafogo que coisa linda, vamos lá, invista nisso que um dia você vai chegar lá?”. Poucos entendem. Eles não têm culpa. Não é só o governo, mais toda uma massa que gira o mundo, e um tanto dela (mãe) também porque ela também não é incentivada a querer, a pessoa desacredita o próprio filho, a mãe desacredita do seu próprio filho, o filho ter um sonho e a mãe virar pro próprio filho “não, filho, você

não é capaz disso, não, não; melhor não”.

(No caso do graffiti) eu vejo que está mudando bastante, vejo um progresso legal por parte das ONGs e o Brasil está sendo reconhecido lá fora. Hoje em dia quem começa a grafitar, já tem exemplos como os Gêmeos. Hoje a criança com 15 anos começa a pintar, a pichar, o pai já vai procurar uma oficina de graffiti pra indicar ele, porque ele já pensa “nossa, isso dá dinheiro”, entendeu e rola um medo é de ter um filho vagabundo.

Família

EDUCADOR - Como é que foi isso pra sua família, eles sempre te apoiaram?

BRUNO - Quando eu comecei a pichar assim com uns 12 anos, minha avó ficava doida.

EDUCADOR - Você pichava a própria casa?

BRUNO - Nossa, tinha a laje, era o telhado com uma beirada. Pichar no alto é tudo, mais não dava pra ver, quem passava na rua e quem vinha de dentro de casa não dava pra imaginar que estava pichado lá, só lá de baixo, umas três quadras do outro quarteirão dava pra você ver o alto da fachada. Minha avó nem imaginava; ela foi lá, coitada, e pediu a vap da minha tia, limpou. Na época, eu não tinha noção, não sabia que maldade era essa, eu fazia porque andava com pessoas, criava letras e tal. Minha vó não entendia, mas ela ficava na dela. Minha mãe arrancava os cabelos, não entendia nada, nem o porquê, mas elas tinham noção; minha mãe teve a adolescência dela, foi mãe, é mãe jovem, então ela sabe que isso faz parte.

Quando começou a rolar essas coisas com graffiti, oficina, aí elas deram graças a Deus, porque (antes) eu estava em coisas mil vezes piores que a pichação; elas rezavam pra mim voltar a pichar; pichar ainda era a melhor coisa. Mas quando eu

conheci o graffti foi rolando os trabalhos, exposições.

Eu fiz uma exposição que eu mesmo entreguei o projeto e rolou. Foi pro currículo, e fui vendo que tinha um meio de trabalho, que isso era um futuro, além de ter toda a poética de você ser um artista na família...Hoje em dia já virou rotina, minha avó sempre pedia “ah desenha alguma coisa aqui pra mim, faz uma florzinha pra mim usar”. Ela é costureira, pedia “faz um molde aqui pra mim; a vó faz torto, você sabe como é que é, você faz retinho”. Isso é gratificante porque a arte é isso (...)

Hoje em dia é outra idéia, minha vó vê as coisas como uma beleza, ela vê um recorte legal ela guarda pra mim, passa uma coisa de graffiti na mídia ela me avisa. Ela entendeu como é que eu funciona, ela respeita todo o processo, mais que minha mãe.

Estratégias educativas

30

EDUCADOR - A gente é educador e se pergunta o tempo inteiro o que fazer pra criar uma oportunidade. Pra gente é muito importante saber o que pode dar mais certo. O que você falaria pra gente, porque você já falou várias coisas, por exemplo, é importante que a escola crie coisas atrativas e que os conteúdos obrigatórios, tipo literatura, peguem uma carona nisso.

BRUNO - Eu acho que a ONG faz parte da mudança do Brasil, o Brasil sempre teve a esperança de ser um novo mundo, vai ser aqui onde tudo vai acontecer e tal; mais eu acho que as ONGs estão caminhando pra isso, pra essa mudança e o que eu faria, eu acho que essa coisa de trabalhar com o que os jovens gostam, assim é uma grande tática; e, se fosse trabalhar, eu ia usar aquilo que eu tenho na mão e passar pra eles a minha vivência. Acho que oficinas pra ocupar a cabeça são as melhores coisas que tem a oferecer e mais o trabalho psicológico é importante.

EDUCADOR - Você indicaria vagas no MC Donald's ou para a empresa para os jovens?

BRUNO - Bom, para o MC Donald's viria quem quer o MC Donald's, quem tem o perfil, porque o MC Donald's é ruim por um lado, a empresa é melhor porque é maior e olha mais pro trabalhador. Acho importante dar exemplos de pessoas que já passaram por isso e poder mostrar os dois lados da moeda pros jovens porque, às vezes, o jovem vai lá porque precisa mesmo da grana e acho que isso é interessante pra ele, mais não sabe se é isso que ele quer.

EDUCADOR- A gente pensa muito isso que o jovem ainda não passou pelas experiências, ele ainda não sabe, ele ainda não tem exemplos de vida, então é legal ir pro MC Donald's pra ver como que é, é legal ir pra uma empresa pra ver como é; porque o que vale é você poder passar por experiências.

BRUNO - Alguém tem que ser mais subversivo porque você está criando um proletariado, você está criando o que você luta contra, querendo ou não. Não adianta dar o pão. Tem que dar a vara de pescar, não o peixe. Você tem que falar que ele pode ter a empresa dele, que ele pode ser um produtor, ele pode produzir na casa dele, ter o computador dele e trabalhar ali, entendeu? E ganhar muito mais do que trabalhar o mês inteiro numa firma; acho que falta isso no Brasil.

EDUCADOR - Isso seria um aprendizado também. Se você não tivesse vivenciado a lanchonete, a empresa, de repente você não teria essa disciplina de empreendedor, de ter que ir lá batalhar, saber que vai ser difícil no começo, mas vou lutar porque vou me aperfeiçoar, vou fazer curso disso, ir a luta. Porque é o que você faz na realidade, você é um lutador.

EDUCADOR - Mas a gente estava falando que acredita que criar oportunidades, experiências, isso pode trazer uma bagagem legal, nem que seja pra reconhecer o que seria mais

legal pra você. Talvez a gente se preocupe mais em criar essas experiências e o segredo da coisa é “como é que a gente faz para desenvolver essa capacidade de poder escolher, poder decidir, poder pensar na própria vida”.

BRUNO - É trabalhar com valores. Na minha época não era tão valorizado uma dobradura, você se descobrir nessa dobradura, você falar “nossa olha o que eu criei aqui”. Isso não era valorizado, você não é valorizado pelas pequenas coisas. Qual a diferença de você fazer e se descobrir naquilo que você quer fazer? Você pode valorizar a pintura e se descobrir numa grande empresa.

EDUCADOR - Você usou esse emprego em uma empresa como um caminho, não foi um objetivo final, que te mostrou muitas coisas, como, acordar cedo, ter o seu dinheiro. Isso foi um percurso, não foi um objetivo final. Você acha que não é possível um jovem chegar em um emprego desse e ter outros objetivos ali dentro e querer seguir aquilo?.

BRUNO - É, eu sei que tem jovens que até falaram “eu quero ser patrão lá, eu quero virar chefe, eu quero ser um grande empresário”.

EDUCADOR - Uma coisa que é importante no trabalho é o projeto de vida.

BRUNO - Eu tinha um projeto de vida.

EDUCADOR - Na época do Bruno a gente também negociava que o perfil dele não seria para empresa, mas para a necessidade e a busca de uma coisa maior, a empresa naquele momento seria de muito valor.

BRUNO - Eu não queria.

EDUCADOR - Sempre falava isso, ele sempre relutou “eu não quero trabalhar em empresa”, e quando ele entrou, ele curtiu estar lá porque ganhava dinheiro, podia sobreviver, podia comprar as coisas dele, a tinta que ele gostava pra sustentar o

sonho dele de pintar. Então, a empresa foi muito boa neste período. Mas sempre teve a angústia de não quer só isso. Até que chegou em um momento em que ele falou que não agüentava mais. Ele mesmo começou a minar o campo, começou criar situações pra negar aquele espaço ...

BRUNO - Inconsciente e consciente.

EDUCADOR- A gente estava sempre conversando, o desespero do lado dele e do lado da mãe, porque tinha o sonho da mãe também de ter um filho em uma empresa, sonho de muitas pessoas ...

BRUNO - É.

EDUCADOR - Por isso que um trabalho muito importante nosso está por trás disso que ele não conta, mas é o trabalho de pessoas que cuidam do subjetivo, das coisas mais concretas que fazem acontecer. Eu vejo que faz muita diferença ter um suporte, ter psicóloga.

Formar empreendedores

BRUNO - O que rola é que o sonho é estar trabalhando lá, mas eu não tinha uma meta. Os jovens não queriam ser isto ou aquilo, apareceu uma oportunidade e eles vão lá e ai vai rolando, eu quero ser administrador, depois eu vou estar falando inglês. Eu acho que é importante pras ONGs formar, não funcionários e sim patrões entendeu, isso é importante pro Brasil.

EDUCADOR - Tem a questão de pensar que os jovens que você conhece, que entraram nesta empresa, são jovens que não sonharam muita coisa pra vida...

BRUNO - É aí que está, eles passaram a sonhar, faz parte do processo, incentivar os jovens ao sonho. Mas eu acho importante essa coisa de indicação pro trabalho, não estou negando isso jamais, eu acho que isso é importante, faz parte,

mas existem outros meios também. É hora de fazer o jovem escolher sempre, com cautela. Eu acho que eu não sou a pessoa mais indicada pra falar isso assim, mais eu vejo que deve ser uma escolha de dentro pra fora.

EDUCADOR - Mas falta para esses jovens aproveitar essas oportunidades, independente dos sonhos, se é empresa ou se é o graffiti, viver essas experiências pra você realmente estar traçando uma linha pra conseguir aquilo que você quer.

BRUNO - O que rola com os jovens, é que vocês estão fazendo o trabalho dos jovens. Isso é cruel e que me magoa um pouco, porque tinha que ser uma coisa a partir deles. Vocês fazem um trabalho como se eles não quisessem nada, então vocês estão pondo algo que eles queiram, que podem querer.

EDUCADOR - Então a diferença é nos jovens?

BRUNO - É de eles serem os acontecimentos, entendeu?

EDUCADOR - Você conhece os jovens com quem nós trabalhamos, com muitas necessidades, eles e as próprias famílias principalmente financeiras. Então, se criam alguns projetos pra sustentar essa carência econômica. Oportunidades que aparecem para ele ganhar dinheiro. Você acha que a gente deve inserir mesmo no mercado de trabalho primeiro pra depois que ele tiver a barriga cheia começar a sonhar? Você teve barriga cheia ou teve momentos de barriga vazia?

BRUNO - Teve, teve momentos.

EDUCADOR - Você teve que agir por necessidade?

BRUNO - Tive que agir por necessidade, foi mais uma coisa minha. Acho que precisa ter calma, porque eu sinto que a pressa é alma do nosso negócio. Você quer uma faculdade, paga 05 anos, mais você não sabe nem o que você quer, quer um diploma. Sinto que tem que ter calma com isso, porque você precisa de dinheiro, é um sonho, um possível milagre, mais se você pensa assim, eu acho que rola de destruir a molecada,

querer tantas coisas. Quero ter dinheiro pra comprar minha roupinha. Eu sei que eu tive meus sonhos, eu sei que eu queria comprar minhas coisas, minhas roupas, mais hoje eu vejo que existem outras coisas mais importantes. Você quer dar bolsa pro jovem, o jovem vai lá pelo dinheiro, eles querem Playstation porque é coisa do jovem. Eu quero um treinamento para os jovens para que eles não queiram isso, porque isso, meu, é futilidade; uma outra criação pra eles não quererem tanto comprar.

EDUCADOR - Uma mudança de cultura?

BRUNO - Uma outra cultura. Sabe que quando eles vivem lá, o meio dos moleques da comunidade, com 18 anos, você não tem moto, você não tem mulher, você não tem, você não é nada, você não tem status nenhum, e trabalhar, ao contrário disso, é uma outra cultura, entendeu? Acho que as ONGs podem fazer isso e fazem assim, mais tem que ser mais incisivo.

EDUCADOR - Quando você fala do jovem ser protagonista, ele não nos procura falando “olha eu gostaria disso, eu gostaria daquilo”. A gente oferece aquele pacote que já vem pronto.

BRUNO - É, já em moldes.

EDUCADOR - Nos moldes pra ser dentro de uma sociedade capitalista em que interessa ganhar o dinheiro. Então, ou você entra aqui, ou você entra ali, ou você vai pra lanchonete ou para a empresa.

BRUNO - É isso que eu estou falando.

EDUCADOR - A gente muitas vezes não abre isso para os jovens e ele também não chega querendo, ele não quer, ele quer isso mesmo, ele quer a moto, a mulher bonita lá da periferia, o tênis de marca. Quando ele vem e a gente se adequa aquilo, se é isso que você quer, então você precisa trabalhar. É difícil a gente falar, por exemplo, dessa opção da arte como uma maneira de expressão, de realização, ou de empreendedorismo.

BRUNO – Mais pessoal, né?

EDUCADOR - É pessoal.

BRUNO - Mais empreendedorismo pessoal, falta isso mesmo, porque você vai acumulando, porque rola tantas coisas nessa vida.

EDUCADOR - Só um minutinho, mas gerar recursos não é tão fácil assim, um mês você tem, dois meses não.

BRUNO - Não é assim não; é mais medo que a sociedade te impõe, porque a coisa é diferente; se você batalhar, você tem o seu ali para viver, também eu não quero muito.

EDUCADOR – Com o graffiti tem outras opções; também pode ser areografia; existem outros recursos além da arte lá no muro, existem exposições, existem as camisetas; essa camiseta é do Bruno ...

BRUNO - É, eu quem fiz.

EDUCADOR - Existem vários suportes para o graffiti.

36 Neste livro, “Por Trás dos Muros – horizontes sociais do graffiti” da Editora Peirópolis, que é um livro baseado em relatos, há histórias de pessoas e não uma história do graffiti no país, sobre como é começar a grafitar, como era você, quais são as dificuldades, seus sonhos, o futuro. Serve como referência para outros jovens. Esse livro está aqui porque um dos autores que deu depoimentos e contou sua história é o Bruno. Então, hoje, eu vou pedir para ele autografar para vocês e vou sortear entre vocês que estão aqui. Vocês vão ter o prazer de ter um livro grafitado por ele...

EDUCADOR - Autografado...

RISOS.

JUVENTUDE E TRABALHO: DESAFIOS E CONQUISTAS

Floriano Pesaro

Introdução

Uns vão para a faculdade, fazem cursos de pós-graduação, mestrado, doutorado e, então, se sentem preparados para trabalhar. Outros concluem o ensino médio e, empolgados, já estão aptos a começarem uma carreira profissional, muitas vezes custeando eles mesmos seu curso “superior”, porta de entrada para um mundo de melhores oportunidades. Temos, ainda, aqueles que nem chegam a pensar nisso; cedo já não vão mais à escola, já têm obrigações profissionais, responsabilidade de adultos, quando mal abandonaram as fraldas.

Por que tanta desigualdade? O que é realmente trabalhar? O que é essa atividade? Cercada de tanta importância, mas, ao mesmo tempo, com desdobramentos, características e experiências tão diferentes?

Mas o que é trabalho?

Para começar a responder tais indagações, vamos tentar entender como o trabalho assumiu tal relevância em nossa sociedade. Embora alguns digam que sua importância não é mais a mesma, que seu tempo já passou, pois vivemos num mundo onde as relações humanas se dão de maneira fragmentada, em espaços múltiplos e efêmeros, sendo a velocidade e a superficialidade suas principais características, não podemos minimizar a importância do mundo do trabalho e as relações que dele advêm para a nossa vida. A centralidade do trabalho é importante para a organização das relações humanas.

Reforçando, é importante notar que o homem se distingue dos outros animais justamente por causa dessa atividade. Um chimpanzé mais esperto consegue retirar frutas de uma árvore utilizando um galho como ferramenta rudimentar. As abelhas se organizam socialmente para trabalhar e formar uma colméia. O que distingue o homem dos outros animais não é o fazer, mas como fazer e as relações que estão por trás das tarefas desempenhadas. Para ilustrar, lembraremos uma passagem, bastante simplificada, de uma história bem conhecida: Adão, ao ser expulso do paraíso, foi obrigado a trabalhar, a suar a camisa, para sustentar a si e sua mulher. Reparem na riqueza dessa única frase. Aqui é possível perceber: a religião, a idéia de Deus, as relações com o divino, a base do modelo familiar e a importância e a necessidade do trabalho. Tudo isso junto é o que podemos chamar de cultura, que é a maneira como nós escrevemos e lemos nossas vidas, um código que estabelece nossa coletividade. Pois bem, o trabalho é parte fundamental disso, contribuindo para entender e produzir cotidianamente nossa realidade.

Porém, antes de dar um salto tão grande, do início dos tempos até os dias de hoje, vamos tentar aprofundar um pouco mais essas idéias e ver o que alguns pensadores importantes têm a dizer, quais foram suas contribuições para que possamos entender melhor o trabalho e seus desdobramentos.

O trabalho e a teoria sociológica

Vamos começar nossa análise por um pensador muito importante, que percebeu a relação da religião com o mundo do trabalho e descreveu como essa união influencia nossa sociedade até os dias de hoje. Max Weber (1985), em sua obra mais importante, *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, aponta o germe da sociedade moderna. Ele identificou uma mudança

que serviu como base para a construção de toda a sociedade ocidental. Analisando as afinidades que existiam entre a doutrina protestante, surgida com a Reforma, e que se distanciava das práticas tradicionais da Igreja Católica, os Protestantes entendiam que a principal tarefa do homem, determinada por Deus, era trabalhar. A vontade de Deus, desse modo, não seria cumprida com demonstrações de riqueza e luxo mas sim nas atividades diárias, no trabalho em si. Essa ética de vida, que renunciava aos prazeres mundanos em nome do trabalho árduo, casou-se perfeitamente com o espírito do capitalismo, sistema que começava a se desenvolver nas cidades àquela época. O capitalismo, que tem no lucro sua principal característica e na acumulação de riquezas seu principal resultado, não se adequava aos preceitos católicos da época que abençoavam as grandes obras, as festas religiosas, e amaldiçoavam a usura. Dessa forma, ao surgir uma religião cuja ética ia ao encontro das práticas capitalistas, o trabalho passou a ser central na vida das pessoas. O lucro, que antes era recriminado, ou então usado no financiamento de obras que demonstrassem a felicidade e o poder de Deus, seria agora reinvestido, para o sucesso do próprio trabalho. Tudo isso causou uma revolução de costumes, ditando até hoje a maneira como vivemos, o que acabou por transformar o capitalismo no sistema econômico mundial.

Antes de prosseguirmos, já que citamos as origens do capitalismo, devemos abrir um parêntesis para outro pensador importante nessa trajetória, que também entende que o trabalho não é só o fazer, mas sim o modo como é feito. Karl Marx (1971) é um pensador interessante para nos ajudar a formar uma idéia mais precisa. Ele afirmava que a realidade era produzida tendo como base a maneira específica em que os meios de vida eram produzidos, ou seja, a maneira como fazemos as coisas, como sobrevivemos, é culturalmente dada pelo nosso passado.

A vida se desenrola tendo como base as condições materiais pré-existentes no mundo em que estamos inseridos e, dessa forma, acabamos por produzir nosso futuro de acordo com essa herança social. Esse futuro, mesmo que baseado no passado, carrega a mudança e a novidade no seu âmago, o que altera as condições iniciais e assenta novas bases para o que está sendo construído.

Assim, entendemos que os homens são os produtores da sua própria vida, no sentido mais amplo que essa palavra possa ter, mesmo que não tenham consciência disso. Resumindo bastante, podemos entender que a falta de consciência sobre as ações que desempenhamos no nosso dia a dia nos coloca numa posição de estranhamento frente ao que fazemos e produzimos. Não conseguimos nos reconhecer naquilo que é feito por nós mesmos e esse é um dos conceitos mais importantes de Marx e, para ele, a caracterização mais importante do trabalho hoje em dia: a alienação.

O homem alienado deixa de ser o sujeito de sua própria vida, não consegue estabelecer seus objetivos, nem entender seu papel no mundo. A alienação é uma das características mais perversas do modelo capitalista, já que transforma o homem consciente em mais uma engrenagem do sistema, transformando o trabalho, a atividade que confere ao homem sua humanidade, em algo totalmente desprovido de sentido. Dessa forma, retomamos ao argumento inicial em que não basta desenvolver uma tarefa, por mais complexa que ela seja, se as condições sociais não estiveram colocadas nessa atividade.

Para resumir, devemos entender que o trabalho é a atividade humana fundamental. Esse trabalho é desenvolvido de forma social e coletiva, com bases culturais e históricas. Vimos, também, como surgiu o modo capitalista de produção, suas vinculações religiosas iniciais e como as relações de trabalho se de-

senvolveram e se modificaram ao longo da nossa história. Mas, como isso veio parar no Brasil? Ou melhor: como os brasileiros, segundo suas características históricas, culturais e sociais estabeleceram suas relações com o trabalho e a construção do seu meio de vida?

O trabalho no Brasil

A invenção da idéia de que a “preguiça” indígena tornava o trabalho nas lavouras inviável justificou a escravidão em nosso país. Para quem vivia desse tráfico era um ótimo negócio. Para os africanos representou a maior transfusão forçada de pessoas de um continente para o outro, um crime bárbaro. Como consequência, o trabalho, principalmente o pouco qualificado, o “braçal”, nunca foi valorizado. A elite brasileira gabava-se do número de escravos que possuía e, assim, nunca faziam a mais simples tarefa. Por outro lado, trabalhar bastante nunca levaria a ascensão social, à riqueza nem à melhora na condição de vida do trabalhador. Realmente, no Brasil o trabalho nunca “dignificou o homem”. Nascia-se escravo ou senhor e morria-se do mesmo jeito. Não havia mobilidade. Logo, trabalhar não era visto como algo valoroso.

Esse entendimento é reforçado por Sérgio Buarque de Holanda (1997), em uma das obras mais importantes sobre a sociedade brasileira: *Raízes do Brasil*. Ele diz que, na verdade, o preguiçoso não era o índio, muito menos o negro escravo, submetido aos trabalhos mais forçados, e sim a colonização ibérica, portuguesa e espanhola que, diferentemente dos ingleses nos EUA, vinha para cá com muito mais espírito de aventura, do que vontade de trabalhar. Os “passeios” de nossos tão afamados bandeirantes pelos sertões do Brasil eram notadamente o refle-

xo desta mentalidade, em busca de terras, braços e riquezas.

Somente com o fim da escravidão, seguido de um fluxo de imigrantes gigantesco, a proclamação da república, e a chegada de novas idéias, liberais, é que a situação começou a mudar. A chegada dos imigrantes, com a idéia de “fazer” a vida, buscando melhores condições do que as que tinham em seus países de origem, começa a estabelecer uma relação entre trabalhadores e patrões completamente diferente do escravo, que sabia que sua condição seria sempre a mesma. Agora o trabalho começava a ser valorizado e visto como caminho para a ascensão social e melhoria das condições de vida.

Um segundo momento histórico, que colaborou ainda mais para o aumento da importância do trabalho em nossa sociedade, foi a urbanização do Brasil, o crescimento das cidades e a industrialização. Essa etapa criou novas possibilidades de inserção profissional por meio da especialização cada vez maior do trabalhador. O que antes era simplesmente braçal e pouco qualificado, começava a ter mais diferenciações, diversas categorias, gerando uma hierarquia específica do mundo do trabalho. Tarefas de chefia, profissões liberais, “trabalho de escritório”, atividades mais intelectualizadas ganhavam importância, relegando a um segundo plano as colocações menos especializadas. Essa diferenciação, mais do que apontar simplesmente as características do trabalho industrial e urbano, acabou por desnudar as enormes desigualdades e as diferenças sociais que agora eram apontadas pelas enormes diferenças na educação e capacitação dos trabalhadores e no seu desempenho profissional. Essas características, nos últimos anos, só se acirraram, alimentadas por um longo período de estagnação econômica, o que aumentou a necessidade de especialização para o trabalho. Enfim, é assim que vivemos hoje: trabalhadores especializados e qualificados buscando eternamente mais informação para

sobreviverem em um mundo mutável e veloz. É nesse mundo que os jovens têm que se inserir e vencer.

O jovem e o trabalho

Segundo dados do IBGE (2000) existem 34 milhões de jovens no Brasil. Desses quase 85% vivem nas cidades, sendo que cerca de 10 milhões deles (31%) vivem em regiões metropolitanas. Quando incluímos os dados de renda familiar a desigualdade é gritante: em 2000, apenas 41,3% dos jovens viviam em famílias com renda familiar per capita de mais de 1 salário mínimo, sendo que 12,2% dos jovens viviam em famílias cuja renda per capita era de até $\frac{1}{4}$ do salário mínimo. Nesse cenário de desigualdade e pobreza, a Professora Felícia Madeira (1998) aponta alguns temas importantes para entendermos a situação atual.

Para ela há uma mudança nas condições de trabalho que cada vez exigem mais trabalho qualificado. Um dos indicadores é o aumento do uso de computadores, uma mudança tecnológica que altera não só toda a nossa vida mas, especificamente, o trabalho. Desta constatação, verifica-se que as mudanças do trabalho devem ser seguidas de mudanças no campo da qualificação e da educação profissional. Hoje, cada vez menos, a “capacitação deve ser pontual, dirigida a ofícios ou tarefas específicas” e tratar de temas mais amplos e permanentes, uma educação de gestão e dos processos, mais do que para tarefas. Quanto melhor a qualificação, melhor o nível de empregabilidade do jovem. Um dos pontos principais de seu estudo aponta um “vício” em se buscar fora do mundo escolar as razões para a evasão e baixa atratividade da escola para os jovens. Ou seja, o problema educacional tem suas raízes no próprio sistema de ensino, descartando que a pobreza e a entrada no mundo do trabalho estejam relacionadas a evasão escolar. Ela ainda afirma,

reforçando seus argumentos, que o trabalho, segundo as perspectivas das famílias brasileiras, não se afasta da escola, “eles são complementares e não excludentes”, funcionando como dois aspectos de um sistema que contribui para “sedimentar a solidariedade familiar e a formação ética dos filhos”.

Concluindo, a autora afirma que o desemprego juvenil deve ser encarado como estrutural, atingindo sempre altos níveis em todos os países. A especificidade do caso brasileiro deve-se a grande desigualdade educacional dos jovens, o que resulta em desigualdade na sua inserção profissional. Ou seja, a educação e a qualificação dos jovens, desenvolvidas com parâmetros que levem em consideração as novas especificidades do trabalho e de suas relações são o caminho para a solução desse problema, visão importante também compartilhada por Gomes da Costa.

O pedagogo social Antonio Carlos Gomes da Costa (2007) caracteriza algo que ele denomina “cultura da trabalhidade” como o desenvolvimento de uma postura empreendedora diante da vida. Para isso ele descreve três grupos de habilidades, básicas, específicas e de gestão, que o jovem deve dominar para ser bem sucedido no mundo de hoje.

As habilidades básicas são fundamentais; sem elas o jovem não adquire as outras e não tem possibilidade de progredir. Elas são o domínio da leitura e escrita e do cálculo; são habilidades que permanecem com as pessoas e são praticadas sempre, inclusive na obtenção das outras habilidades.

As habilidades específicas estão diretamente ligadas à prática profissional; que capacitam o jovem para produzir um bem ou um serviço. Sua característica é a flexibilidade, necessária para acompanhar as mudanças e inovações tecnológicas.

As habilidades de gestão capacitam o jovem para avaliar, gerenciar, dirigir e controlar seu próprio trabalho e o dos outros.

São habilidades fundamentais para que o jovem adquira a capacidade de empreender, de planejar melhor sua vida e identificar e visualizar seus objetivos.

Sem essas ferramentas, o jovem fica vulnerável, não conseguindo posicionar-se para identificar as oportunidades que surgem, às vezes por não reconhecer essas oportunidades, outras vezes por não estar preparado para aproveitá-las. Hoje, mais do que simples tarefas, por mais especializadas que sejam, o jovem deve aprender a ser o senhor do seu destino, assumindo seu papel de protagonista, percebendo sua inserção social, tendo clareza sobre seus objetivos e acumulando habilidades para identificar as possibilidades que a vida lhe oferece.

Conclusões

A velocidade das mudanças tende a aumentar cada vez mais. A verdadeira sociedade, para além do trabalho, caminha no sentido de entender os processos e desenvolver habilidades de gestão e não em buscar a especificidade das tarefas, do fazer coisas. As relações do trabalho são cada vez mais flexíveis, sendo um sonho nostálgico a realidade em que o emprego fixo, se é que algum dia ele existiu, seria a solução dos problemas de empregabilidade de qualquer um. Hoje em dia, o que vale é a natureza empreendedora a ser desenvolvida pelos jovens, a capacidade de planejar sua própria vida, de aproveitar as oportunidades, de construir coletivamente, com base na sua experiência e autonomia individual, saídas que permitam o seu desenvolvimento e a construção de uma realidade melhor e mais justa. Vivemos num mundo em que o desenvolvimento das potencialidades deve ser a tônica.

Para terminar, um último recado para os jovens. Cada vez mais o conhecimento e a informação são nossos bens mais

preciosos e importantes. Devemos entender que o investimento em educação e qualificação nunca é suficiente, sabendo que aqueles que enfrentam o mundo do trabalho mais bem preparados são os que têm maior chance de sucesso. Dessa forma, sempre que o jovem tiver que optar, é bom que ele possa escolher ampliar sua formação e atrasar sua estréia profissional. Por mais que a necessidade, as propostas de emprego, ou as oportunidades de trabalho, sejam absolutamente sedutoras, devemos pensar que com mais qualificação as oportunidades, os trabalhos e a remuneração serão ainda melhores.

Referências

Buarque SH. Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras; 1997.

Costa ACG. In: Preparação para o Mundo do Trabalho Instituto Credicard. Via Imprensa. São Paulo, 2007.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Censo Demográfico 2000 [citado 2008 junho 22]. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>.

Madeira F, Rodrigues EM. Recado dos Jovens: Mais Qualificação. In: Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas. Brasília: CNPD; 1998.

Marx K. O Capital. Rio de Janeiro; 1971.

Weber M. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. São Paulo: Livraria Pioneira; 1985.

ASPECTOS SUBJETIVOS DA ENTRADA NO MUNDO DO TRABALHO PARA O JOVEM

Felícia R. R. S. Araujo

Os jovens enfrentam uma fase de intensas modificações durante a adolescência, quando se despedem da infância, rumo à fase adulta.

Algumas referências que eram indiscutíveis começam a ser questionadas ou observadas de outra forma. O mundo começa a ser percebido de outra maneira. Aos poucos essas mudanças ficam mais nítidas e vão tomando forma nas transformações que acontecem no corpo, nas relações sociais e nas idéias anteriores.

Inicia-se uma etapa de separação da família de origem e dos modelos tradicionais fornecidos por elas, num processo de desinvestimento das identificações antigas, pelo qual os modelos idealizados na infância começam a ser questionados e deixam de ser seguidos fielmente.

Esses modelos deixam de ser satisfatórios num momento em que ainda não há nenhum outro referencial confiável a ser seguido. É intensa a necessidade de novos modelos, num processo que busca autonomia e nova identidade. É um período em que o novo entra em contato com o velho e por isso a existência de grandes contestações e críticas contra aquilo que é antigo. Embora essa postura seja entendida muitas vezes como rebeldia por aqueles que acompanham o jovem, esse espírito crítico e questionador se apresenta como uma característica importante, que ajuda o adolescente a refletir sobre as suas próprias re-

ferências e o impulsiona em busca de sua maneira de ser e de se apresentar a esse mundo todo novo.

Ao abandonar o ambiente conhecido, vive a dificuldade e o receio de lidar com o peso das novas escolhas que deverá fazer. Essa preocupação surge, principalmente, ao se dar conta de seu comprometimento cada vez maior com as coisas que decide. O jovem experimenta forte ambivalência interna. Entre sentimentos de poder e impotência, apresenta desejos de dependência e independência, e oscila entre as atitudes de seu repertório infantil e a entrada na vida adulta.

Se o jovem está inserido em uma situação de risco social, esse período que já é, em si, conflituoso, pode se tornar ainda mais conturbado. A falta de estrutura e de condições mínimas de desenvolvimento interferem no modo como o jovem vai enfrentar esse período de mudanças, e pode maximizar os riscos.

Muitas vezes o adolescente é introduzido ao mundo do trabalho no momento em que enfrenta o desafio de construir para si novas maneiras de se apresentar ao mundo, de entendê-lo e de responder às expectativas externas. E o novo ambiente de trabalho requer o exercício de um papel diferente.

O jovem inicia um processo de descoberta de como ser um jovem trabalhador, se comportar de maneira adequada, se relacionar com as pessoas do trabalho de forma apropriada e como avaliar essas novas situações.

As reflexões sobre a nova experiência que se anuncia em suas vidas, ao ingressarem no Mundo do Trabalho, são trazidas de atendimentos realizados com grupos de adolescentes recém inseridos nessa nova tarefa.

Ao iniciarem suas atividades no novo emprego, os jovens freqüentemente dizem-se perdidos, deslocados, observados e avaliados, ao mesmo tempo em que ficam entusiasmados e interessados por esta nova fase e pela construção de sua nova postura.

Demonstram, também, grande saudade da fase anterior de sua vida, inclusive por ser conhecida, mas também por ser mais leve, tranqüila, solta. Muitas vezes lembram com saudades de acordar mais tarde, de dormir mais tarde, de estarem menos cansados nos finais de semana e de saírem com os amigos com maior freqüência.

É importante quando o jovem pode conversar sobre essas dificuldades e sobre a falta de momentos que hoje não acontecem mais da mesma maneira. Refletir sobre isso faz com que se dêem conta da falta do que passou. Isso pode prevenir que atuem, mesmo sem se dar conta, de maneira compensatória, estabelecendo estratégias que supram essa falta de alguma maneira. Essas atitudes podem aparecer de diversas formas, como no abandono de alguns compromissos, na negligência de algumas tarefas, como se já estivessem doando-se o suficiente, ou na tentativa de manter o mesmo ritmo de divertimento, que agora seria exagerado e estressante.

Experimentam a descoberta dessa nova maneira de se comportarem e por isso tendem a utilizar as referências anteriores para considerar e responder às exigências do Mundo do Trabalho. É comum resgatarem as expectativas antigas com as figuras de autoridade, e depositarem sobre o patrão, a nova figura de autoridade com a qual convivem. Esperam dos chefes o mesmo que esperavam dos professores, por exemplo, ou seja, o ensinamento tolerante das novas atividades, o envio de uma tarefa por vez, e a tolerância e flexibilidade na entrega dos trabalhos. Por estarem acostumados com o ritmo dos trabalhos escolares e com as exigências cabíveis na escola, sentem-se muito cobrados.

Esperam, que a convivência com os colegas de trabalho ocorra como acontecia com os amigos da escola ou da rua, e, aos poucos, percebem as novas maneiras de se relacionarem com esses amigos. É justamente em função disto que tendem

a fecharem-se nos grupos de amigos já conhecidos, quando os encontram nesse novo ambiente. Isso confere maior segurança ao se apresentar em um novo local, mas, por outro lado, pode prejudicar a interação com pessoas novas quando ficam presos e restritos às pessoas familiares. Sentem-se protegidos porque em grupo não é preciso se apresentar ou se comportar de maneira tão pessoal e não se arriscam na busca de novas formas de relacionamento com os outros. Podem optar por se esconderem atrás da impessoalidade dos grupos.

Relatam, estarem estressados com a nova fase da vida. Dizem-se muito cansados, impacientes, irritados, sensíveis demais. Isso pode ser decorrente do aumento das atividades, e da restrição de alguns momentos de descanso, já que muitos trabalham durante o dia e estudam à noite. Porém, essa sensação de cansaço também pode ser entendida pelo gasto de energia para se constituírem nesse novo papel, nessa fase de experiências todas novas. É preciso prestar atenção em tudo, avaliar com cuidado todas as situações, e optar por uma postura e por um comportamento, tudo isso sem a confiança e a agilidade do que já é natural ou cotidiano.

Transformam-se também as relações dos jovens com os pais. Por isso, os adolescentes devem aprender a conviver com os pais de maneira coerente com a mudança que ocorreu, também, dentro da sua casa.

Alguns pais tornam-se menos tolerantes com os filhos, cobrando-lhes o descanso, proibindo-os de encontrar os amigos em horas desapropriadas, supervisionando a hora de acordar e o que fazem com o dinheiro. Muitos estão preocupados que os filhos invistam o máximo possível nessa oportunidade e consigam resultados cada vez melhores na vida.

Outros permitem maior liberdade aos filhos, garantindo que decidam as coisas por si mesmos, confiando em suas de-

cisões e em suas atitudes. Estão certos de que os filhos estão mais responsáveis, e mais maduros, podendo, eles mesmos, ordenarem as suas vidas. Acreditam que os jovens precisam de menos cuidados e menos supervisão dos pais.

Freqüentemente os jovens se sentem mais valorizados pelas suas famílias por estarem no Mundo do Trabalho. Isso fica bastante claro para eles dentro de suas casas, apesar de muitas vezes os pais não contarem esse sentimento. Algumas vezes os pais preferem não dizer o quanto estão orgulhosos porque não têm liberdade afetiva com eles, e outras vezes porque ficam com medo de o filho relaxar nas atividades e deixar de se empenhar nessa nova forma de vida. De qualquer forma, os jovens relatam sentirem falta de ouvir isso dos pais.

Transforma-se, também, a relação do jovem com o dinheiro, pois nesse momento passa a ter mais dinheiro sob o seu comando. Alguns disponibilizam-se a ajudar a família, e às vezes, a família pede ajuda. É comum que o jovem se perceba em conflito, pois, por um lado, pretende retribuir o cuidado que a família teve com ele, e acha-se no dever de ajudar os pais em algumas despesas. Por outro lado, sente-se tentado a comprar, com seu próprio dinheiro, algumas coisas que deseja.

Normalmente decide ajudar a família, reservando alguma parte para si mesmo. Isso também transforma a relação dentro de casa. De um lado os pais sentem-se ajudados, de outro, o jovem sente-se ajudando a família. Essa nova implicação do jovem dentro de casa garante alguma transformação da relação do filho com os pais.

Freqüentemente sente dificuldade de administrar o dinheiro que recebe. Deseja muitas coisas e muitas vezes não sabe quanto seu salário alcança. É comum decidirem pagar em prestações e alguns formam dívidas.

Vestem-se de maneira diferente quando trabalham; em

geral com roupas sociais que nunca haviam utilizado. No início sentem-se estranhos, como se estivessem fantasiados, o que se transforma em motivo de brincadeira uns com os outros. Aos poucos, isso perde a graça e podem perceber como a roupa ajuda a fazer parte do novo Mundo do Trabalho, e como os ajuda a se apresentarem de uma nova maneira nesse ambiente diferente. Percebem, inclusive, que são tratados de maneira mais respeitosa quando estão com roupas apropriadas para o novo ambiente. De qualquer forma, os sapatos permanecem o alvo campeão de reclamações, por machucarem os pés.

Alguns jovens apresentam, também, ansiedade em relação ao futuro. Muitas vezes questionam-se sobre a continuidade desse emprego, e ficam receosos de que a situação termine a qualquer momento, e sentem-se como se não fossem capazes de conseguir novo emprego. Outros, um pouco mais fortalecidos, dizem-se empenhados para ficar no primeiro emprego, mas acreditam que terão bons resultados em novas entrevistas de trabalho se isso for necessário.

Ao mesmo tempo em que o jovem apresenta algumas dificuldades importantes ao ingressar no Mundo do Trabalho, pode compreender, aí, aspectos preciosos para a sua vida.

Percebem que, aos poucos, se colocam nas situações de modo mais maduro, com uma postura que exige maior respeito, sentem-se mais a vontade para mostrar as suas idéias, e têm mais opiniões e apreciações próprias sobre os assuntos tratados.

Percebem-se mais tranquilos para lidar com questões conflituosas em suas vidas, ao contrário do que acontecia quando se sentiam perdidos e sem saídas. Muitas vezes respondiam a essas situações com brigas e agressões, que passam a não ser mais atitudes positivas e eficientes.

Sentem-se mais organizados no espaço e se organizam

melhor no tempo, sendo cada vez mais pontuais. Essa aquisição reflete-se também, em uma organização interna, observando-se menos confusos, e menos perdidos nos problemas, podendo distinguir as variantes e tratar delas com maior precisão.

Avaliam de maneira diferente seus antigos costumes, mesmo fora do ambiente de trabalho. Mostram-se muitas vezes vestidos de outro modo, inclusive nos finais de semana.

Trazem novos planos e desejos, e constroem uma nova perspectiva para o futuro, em que começam a surgir planos de estudos e outros aspectos que não pareciam interessantes.

Essas diferenças denunciam maior maturidade, que se revela não apenas na postura profissional, mas também na vida fora do trabalho. Demonstram uma estrutura pessoal mais complexa e melhores instrumentos para lidar com os conflitos. São aquisições preciosas para todos os jovens, inclusive aqueles que se decidem por novas formas de trabalho, diferentes da primeira experiência.

Nessa fase de descoberta do Mundo do Trabalho, o jovem precisa do apoio das pessoas nas quais confia. Pessoas próximas como pais, amigos, educadores, namorados, são de importância fundamental. Além disso, precisam de momentos de reflexão e de suporte, em que se sintam acompanhados nos desafios enfrentados.

É fundamental que possam se apropriar dos ganhos que tiveram nessa nova experiência e possam refletir sobre algumas dificuldades que ainda enfrentam. É importante que assumam essas novas responsabilidades, e adotem essa nova fase da vida, ao mesmo tempo em que entendam o trabalho como uma realidade da vida de todo mundo e uma oportunidade de crescimento.

Ao enxergar o lado positivo dessas transformações, é possível validar o sofrimento e o cansaço que é próprio desse momento da vida, quando, muitas vezes, sentem que devem

deixar de ser jovens para serem bons trabalhadores. Precisam, portanto, encontrar o significado do trabalho em sua vida, e investigar formas diferentes de se divertir e de ser jovem, para que possam tornarem-se pessoas satisfeitas, felizes jovens trabalhadores.

Referências

Byington CA. Adolescência e interação do Self individual, familiar e cósmico. *Junguiana*. 1988; 6: 47-118.

Durval F. *O Pai Possível: Conflitos da Paternidade Contemporânea*. São Paulo: Educ/FAPESP; 2003.

Santos MF, Bastos ACS. Padrões de Interação entre Adolescentes e Educadores num Espaço Institucional: Resignificando Trajetórias de Risco. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. 2002; 15 (1): 45-52.

CONTEXTUALIZANDO A ADOLESCÊNCIA

Felícia R. R. S. Araujo e Maíra Clini

A adolescência é uma fase repleta de mudanças. O corpo muda, o comportamento muda, o mundo passa a ser percebido de uma maneira diferente. Porém, nem sempre a adolescência foi vista como uma etapa do desenvolvimento humano. Tampouco é algo que acontece de maneira uniforme para todos os indivíduos. O contexto social, bem como características individuais, interferem no desenvolvimento do processo de cada jovem. Segundo Ariès (1981), até o século XVIII a adolescência foi confundida com a infância. A partir do início do século XIX passou-se a distinguir tal fase da vida, a “juventude”, como era então chamada, e a diferenciá-la da infância e da idade adulta. O mesmo autor defende que o século XX é o século da adolescência, pois se deseja chegar a essa fase cedo e nela permanecer por muito tempo. Melo et al. (2007) explicita que esse é um momento de crescimento marcado por transformações biológicas, psicológicas e sociológicas. O adolescente estabelece novas relações consigo mesmo, com seus pais e com o mundo. Através de um processo gradativo ele sai da infância e prepara-se para a vida adulta e para sua inserção na sociedade. Erikson (1976) utiliza-se do conceito de moratória social, o qual se refere a um período de pausa, um compasso de espera em relação aos compromissos e obrigações do mundo adulto. Durante esse período é permitido ao adolescente experimentar possibilidades sem se comprometer terminantemente com elas. O jovem pode explorar o novo mundo no qual está ingressando, pesquisando alternativas, através da antecipação do futuro e da sua projeção

em direção a ele. Oliveira et al. (1997) complementam que esta evolução ocorre por etapas, que se caracterizam por crises. No processo de busca de identidade, o adolescente passa a integrar as experiências passadas, desenvolvendo um sentido de individualidade e consciência cada vez maior do próprio destino.

Também é importante lembrar que a adolescência não é um fenômeno universal, tampouco acontece de maneira padronizada em todos os lugares do mundo. Becker (1996) salienta que não há apenas uma adolescência, mas sim várias, pois apesar das mudanças físicas acontecerem de maneira parecida sempre, há variações significativas, culturais e individuais, no que se refere aos níveis psicológicos e das relações do indivíduo com o ambiente.

Becker (1996) também critica a adolescência no que se refere à imagem de inadaptação e imaturidade que está presente na idéia de inadequação ao mundo adulto:

“Do ponto de vista do mundo adulto, isto é, o sistema ideológico dominante, o adolescente é um ser em desenvolvimento e em conflito. Atravessa uma crise que se origina basicamente em mudanças corporais, outros fatores pessoais e conflitos familiares. E, finalmente, é considerado “maduro” ou “adulto” quando bem adaptado à estrutura da sociedade, ou seja, quando ele se torna mais uma “engrenagem da máquina”¹.

Becker (1996) afirma que os adultos tendem a defender a preservação do sistema tal como ele se encontra, e que o novo pode abalar as estruturas dominantes. Então, o conflito e o questionamento que explodem no adolescente podem ser muito perigosos, podem ameaçar a manutenção do sistema, tão

¹ Becker D. O que é adolescência? São Paulo: Brasiliense. 1996; p. 9.

conhecido e dominado pelos adultos. Para conter tais explosões, a sociedade chama isso de “crise normal”, e a adaptação do adolescente ao sistema torna-se a “cura”. Becker propõe um novo modo de olhar para essa fase da vida: *“Talvez possamos, em vez disso, explicar esse fenômeno como a passagem de uma atitude de simples espectador para uma outra ativa, questionada. Que inclusive vai gerar revisão, autocrítica, transformação”*². Assim, essa fase poderia ser vista como uma quebra daquilo que até então já era dado ao indivíduo, e este passa a agir sobre a sua vida, fazendo escolhas e questionando o mundo ao seu redor.

De acordo com Faria (2003), há um desinvestimento em identificações antigas, que eram modelos seguidos e idealizados na infância, e surge a necessidade de buscar novos modelos. O jovem terá de fazer escolhas importantes, como: preferências amorosas, vocações profissionais, e outras questões existenciais. Inicia-se uma época de separação da família de origem e de seus modelos tradicionais para uma busca da autonomia e da identidade.

Ao viver essas novas dificuldades e realizar esse processo de descoberta interna, o jovem, muitas vezes, adquire características de grandiosidade e poder, apresentando dificuldades na aceitação dos limites e na avaliação de suas verdadeiras possibilidades. O jovem, nessa fantasia de onipotência, testa alguns limites e muitas vezes enfrenta os pais ou a sociedade.

A discussão sobre a percepção dos limites se faz importante em todas as fases da vida, inclusive na infância, mas se torna mais evidente no período da adolescência.

Esse processo de inflação contribui, por um lado, para essa busca de força interna e de novas referências que serão seguidas, revestindo o adolescente do poder transformador e revolucionário. É uma fase de revolução de valores. Por outro lado, esse processo pode acontecer de maneira negativa quando o

² Becker D. O que é adolescência? São Paulo: Brasiliense. 1996; p. 10.

adolescente sente-se desajeitado, feio, incapaz e deprimido. Até que possa encontrar um novo equilíbrio e tornar-se um jovem adulto, ele transitará entre a onipotência e a impotência.

Nesse processo intenso de busca e construção, é comum a procura pelo grupo de iguais, que muitas vezes fornece alternativas de novas referências. É um intenso conflito entre a pressão pela conformidade e pertencimento ao grupo de iguais, e muitos processos internos poderosos que são individuais e, muitas vezes, não estão de acordo com o padrão do grupo.

Nessa nova fase, surge também, o interesse por relações amorosas, que vão se constituindo cada vez mais maduras. A sexualidade, que começa a despontar como vertente importante na vida dos jovens, leva-os a descobrir outras experiências com o outro e consigo, inclusive corporalmente.

A sexualidade é uma novidade difícil para os pais, os quais, geralmente, não confiam na responsabilidade dos filhos em relação a experiências sexuais. Por sentirem-se inseguros em relação ao grau de maturidade que percebem nos filhos, temem que a fantasia de onipotência possa levá-los a algumas atitudes irresponsáveis.

Faria (2003) ressalta que durante a infância, a família representa um lugar de proteção e de segurança que é desfeito na adolescência. Perosa (2004) concorda e nos remete ao lugar que a criança ocupa na família como um lugar de significação de sua existência, preenchendo-a de sentido e que define sua vida. Isso acontece principalmente quando há esse contorno afetivo que permite a criança ser parte da família, a qual a protege, cuida dela e a ensina sobre suas obrigações e deveres. Nessa época, os pais são idealizados e percebidos como figuras de poder, o que facilita a identificação da criança com os modelos e referenciais fornecidos pela família. Nesse período correspondem à imagem de um bom menino, para agradar aos pais.

Na adolescência a veneração pelos pais se dissipa e a idealização desse modelo se quebra, de acordo com Faria (2003). Na medida em que vai crescendo, a referência da família passa a ser insuficiente para o indivíduo, que se percebe diferente de seus pais ou parentes próximos. *“O adolescente perde (ou, para crescer, renuncia) a segurança do amor que era garantido à criança, sem ganhar em troca outra forma de reconhecimento que lhe parecia, nessa altura, devido³”*. As referências anteriores já não lhe servem mais completamente, e ainda não houve tempo suficiente para que novas referências pudessem ser encontradas.

Perosa (2004) afirma que a perda do contorno afetivo que definia a criança e a preenchia de significado é dramática, pois não oferece um novo referencial no qual o recém adolescente possa encontrar significado para sua vida. Sente-se angustiado e sozinho pela perda desse espaço, e tem dificuldade em lidar com o peso de escolhas que agora deve fazer.

Melo et al.(2007), complementa que há muita ambigüidade nessa fase da vida, pois o indivíduo oscila entre as referências da infância, e o chamado da vida adulta. Todos os novos estímulos, tais como as mudanças corporais, a eclosão da libido, e as novas imposições sociais podem deixar o adolescente perplexo, e o seu comportamento passa a expressar todos esses conflitos. Segundo Melo et al. (2007), o jovem oscila entre o desejo de dependência e o de independência, entre as atitudes do seu repertório infantil e outras, nas quais busca afirmar-se como adulto. Por ser uma fase de grandes mudanças, o adolescente apresenta comportamentos contraditórios, instáveis e defensivos.

O contexto social, a realidade econômica, a estrutura familiar, ente outros aspectos, interferem diretamente nesse processo. Muitas vezes a falta de estrutura e de condições mínimas

³ Calligaris C. A adolescência. São Paulo: Publifolha. 2000; p. 24.

de desenvolvimento podem conturbar ainda mais um processo que, em si, já é muito complexo. Nomeamos “adolescentes em situação de risco social e pessoal”, os jovens que estão “[...] *expostos a ambientes violentos, muitas vezes envolvidos pelo tráfico de drogas, vítimas de abuso e negligência ou exploração. Sua história de vida inclui experiências de abandono, exploração e vida na rua [...] 4*”.

Os autores supracitados explicitam também a co-relação entre fatores pessoais e contexto social, salientando a importância da compreensão sistêmica das interfaces entre processos individuais e efeitos do contexto. Ao avaliarmos o possível risco ao qual esses jovens estão expostos, devemos considerar fatores de proteção e vulnerabilidade, e resiliência.

Segundo Melo et al. (2007), a situação entre adolescência e situação de risco pode ser muito grave, pois, para evitar a vulnerabilidade nessa fase da vida seriam extremamente necessárias relações saudáveis com o mundo. Porém, nesses casos, os jovens acabam sendo expostos a uma concentração alta de violência.

Quando privado de suas possibilidades básicas, o adolescente tem mais dificuldade em descobrir esse novo modo de ser - modo de ser adulto consciente, adulto cidadão - pois tudo o que ele poderia projetar e experimentar do mundo adulto está blindado para ele. Resgatar com o jovem a sua história e sua perspectiva de futuro, num projeto pessoal assinado por ele mesmo, pode resgatar a sua dignidade, criar sentido à sua vida.

Passando a olhar-se nessa perspectiva, o adolescente adquire a capacidade de construir e avaliar o passado, reescrever sua história, compreender o presente e ir concebendo o futuro -

⁴ Santos MF, Bastos ACS. Padrões de Interação entre Adolescentes e Educadores num Espaço Institucional: Resignificando Trajetórias de Risco. Psicologia: Reflexão e Crítica. 2002;15 (1):45.

na adolescência ele constrói os projetos com os quais pretende inserir-se na sociedade e é nesse momento que ele pode tornar-se mais solidário com as relações sociais, havendo um reconhecimento mútuo entre o sujeito e a sociedade. A conquista da possibilidade de socialização leva o adolescente a deixar o âmbito da família e ganhar a amplitude dos limites da humanidade. Como se vê, a adolescência é ganho de poder: corporal, sexual, intelectual - significa possibilidade. Essa possibilidade se efetiva, no entanto, única e exclusivamente, com processos de socialização adequados e de qualidade. (Melo et al., 2007).

Os educadores que acompanham jovens têm um papel fundamental no seu processo de socialização, na construção de projetos sociais, e no desenvolvimento de um indivíduo consciente e saudável. Acompanhá-los nessa transição exige a construção de uma maneira de relacionamento criativa, e para isso é importante lançar mão de algumas habilidades, tais como a capacidade fundamental no seu processo de socialização, na construção de projetos sociais, e no desenvolvimento de um indivíduo consciente e saudável. Acompanhá-los nessa transição exige a construção de uma maneira de relacionamento criativa, e para isso é importante lançar mão de algumas habilidades, tais como a capacidade de fazer acordos e negociações.

Essa relação criativa entre educador e adolescente pode ajudá-lo na ressignificação da sua história, na criação de um projeto pessoal que faça sentido para sua vida, e no resgate da sua perspectiva de futuro. A presença do educador é fundamental para que o jovem possa assumir seu lado adulto, responsável. Para que a relação seja construtiva, o educador deve ser empático à situação em que o jovem se encontra, considerando as especificidades da adolescência e do indivíduo. Essa relação pode trazer à tona aspectos relevantes da história do educador, que podem ajudá-lo a resgatar elementos infantis e adolescentes

importantes, deixados no passado, e integrá-los à sua personalidade atual. Esta experiência pode ser enriquecedora para o desenvolvimento individual do educador.

Referências

Ariès P. As idades da vida. In História Social da Criança e da Família. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

Becker D. O que é adolescência: São Paulo: Brasiliense; 1996.

Berg VD. Metablética: evolução psicológica. São Paulo: Mestre Jou; 1965.

Byington CA. Adolescência e interação do Self individual, familiar e cósmico. *Junguiana*. 1988; 6: 47-118.

Calligaris C. A adolescência. São Paulo: Publifolha; 2000.

Durval F. O Pai Possível: Conflitos da Paternidade Contemporânea. São Paulo: Educ/FAPESP; 2003.

Faria D. O Pai Possível: Conflitos da Paternidade Contemporânea. São Paulo: Educ/FAPESP; 2003.

Erikson E. Identidade: Juventude e Crise. Rio de Janeiro: Zahar;1976.

Melo EM, Melo MAM, Pimenta SMO, Lemos SMA, Chaves AB, Pinto LMN. A violência rompendo interações. As interações superando a violência. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*. 2007; 7 (1): 89-98.

Oliveira CAA, Costa, AEB. Categorias de conflitos no cotidiano de adolescentes mineiros. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. 1997;10 (1).

Perosa MAY. Adolescência e Paraíso. Texto gentilmente cedido pelo autor, não publicado. 2004. p 3.

Santos MF, Bastos ACS. Padrões de Interação entre Adolescentes e Educadores num Espaço Institucional: Resignificando Trajetórias de Risco. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. 2002; 15 (1): 45-52.

Bloco Mundo do trabalho

Éra superamento todo dia,
Tem que trabalhar.
Mais acho que isso é do ser humano
e todo mundo tem que passar por isso...

Trabalhei na rotina normal
e até que eu gostava do que eu fazia lá,
era emprego pra mim bacana,
tipo não tinha nada de muito pesado.
A carga horária era pesada, rotina,
é legal você ter seu salário no final do mês
E tal.

DESAFIOS PARA AS CHEFIAS DE JOVENS EM SITUAÇÃO DE RISCO

Patricia Loyola

Alavancar a inclusão de jovens no mundo do trabalho é um compromisso rico e diverso ao qual empresas, governo e sociedade prestam cada vez mais atenção, dada a relevância e o imediatismo da causa.

Considerando a amplitude do tema, abordarei apenas a perspectiva empresarial, mesmo porque é esta a área na qual concentro minha experiência.

Gerenciar um programa de inclusão pelo trabalho é tarefa que requer zelo contínuo por todos os atores envolvidos. Em vista da grande e legítima demanda dos jovens nesse processo, podemos nos sentir tentados a concentrar nossas atenções e suporte neles apenas. Entretanto, escolher esse caminho seria olhar para a questão por uma lente objetiva, quando na verdade precisamos de uma grande angular.

Certamente, o propósito final é o desenvolvimento do beneficiário e de sua empregabilidade, porém a chefia desse jovem possui papel fundamental no processo e nem sempre recebe o cuidado devido, fator que pode comprometer a eficiência e eficácia do programa.

A chefia é a ponte entre o jovem e a organização. É ela que direciona e acompanha o aprendizado de seu liderado, assim como o integra à equipe e aos demais departamentos.

Educação vem do latim educere, que significa “tirar de dentro, extrair”.

Educar vai além de oferecer conhecimento, significa também extrair o que de melhor existe dentro das pessoas. (Loures, 2008).

Portanto, o desafio das chefias está, justamente, em conhecer o jovem, entender suas potencialidades para, então, mostrar possíveis caminhos de desenvolvimento.

É nesse processo que surge a armadilha da percepção, pois é comum que os líderes interpretem as atitudes e aparências de seus liderados comparando-as com suas próprias. Embasados em seus valores pessoais, os líderes nem sempre enxergam as verdadeiras motivações envolvidas, ou seja, sentimentos, preocupações, medos e vontades do jovem em situação de risco, que, certamente, carrega uma história de vida bastante distinta da sua.

Ao buscar aproximar esses mundos diferentes, em parte, inspirados por condições socioeconômicas heterogêneas, as chefias podem adotar posturas distintas:

- Há aquelas que atuam de forma superprotetora, pois, ao deparar com as difíceis experiências de vida do jovem, são movidas por compaixão e tendem a querer compensá-los, desempenhando um papel maternal ou paternal.
- Por outro lado, o líder pode preferir não se envolver com diferente realidade do jovem, por temê-la e, mesmo que inconscientemente, acaba por tornar-se ausente, não estabelecendo sua responsabilidade de direcionador.
- Existe, ainda, aquela chefia exigente ao extremo, que costuma olhar mais para as deficiências do que para as potencialidades, agindo com cobranças exageradas desde o início do período de aprendizagem, por entender que essa “disciplina” é importante para o beneficiário.
- Sem dúvida, há também aqueles que compreendem

com naturalidade seu papel de “educador corporativo” e agem com equilíbrio e assertividade, promovendo o melhor ambiente de aprendizado possível para o jovem.

Pela necessidade de alinhar todos esses padrões ao objetivo de aproximar os três primeiros comportamentos do último apresentado, minimizando distorções de papéis, é essencial a atuação presente e contínua da gestão do programa no suporte às lideranças de jovens em situação de risco.

Em auxílio a esse processo, podem-se utilizar ferramentas como reuniões individuais de acompanhamento qualitativo, linha direta para auxílios pontuais, relatórios periódicos e cartilha descritiva sobre o programa, detalhando direitos e deveres das chefias.

Tão importante quanto o apoio às chefias, é fundamental o acompanhamento das famílias, que devem estar alinhadas aos valores do programa para que atuem como incentivadoras dos participantes.

Voltando o foco para o centro dos cuidados, o jovem, além da capacitação pelo trabalho bem monitorada, deve contar com supervisões psicopedagógica e social periódicas, feitas por uma equipe especializada na organização social e parceira da empresa.

O conjunto de ações e de diferentes olhares para todos os atores envolvidos, certamente enriquecerá o programa e atenderá com mais eficácia o desafio maior, que é a inclusão econômica e social de nossos jovens.

Referência

Loures R. Proposições Provocativas – Ensaio sobre sustentabilidade e educação. Sistema FIEP. 2008



COMPETÊNCIAS PARA O MUNDO DO TRABALHO – AMBIENTE ORGANIZACIONAL

Herbert Klassa

Abordar a questão das competências para o mundo do trabalho entre jovens e o ambiente organizacional é um desafio muito estimulante, por ser necessário unir informações de mercado, do ambiente corporativo e utilizar uma linguagem objetiva, mas que contribua com as ações educativas de educadores, pedagogos, assistentes sociais, e outros que lidam diretamente com jovens. Muitas vezes esse público possui um entendimento e visões próprias (muito ricas e profundas sobre questões sociais, políticas e educacionais) que colidem com o pragmatismo vigente nos ambientes organizacionais.

Para abordar esse tema, é necessário discutir alguns tópicos, objetivando desenvolver um raciocínio lógico e progressivo para um melhor entendimento das demandas, dos problemas e das possíveis soluções a respeito do tema. Assim, cada tópico será apresentado de forma resumida, com a idéia que pretendemos informar e fazer entender e sentir.

O objetivo é apresentar um panorama geral sobre o mercado de trabalho x ambiente organizacional, as competências requeridas e os dilemas oriundos desse binômio, de forma a proporcionar uma visão crítica sobre o assunto, entre educadores preocupados com a formação de jovens para o mundo do trabalho, de tal forma que tais questões possam ampliar o olhar para o contexto de trabalho em empresas.

Assim, serão abordados os seguintes tópicos: diagnóstico, ser competente, ingresso do jovem no mercado de trabalho,

ambiente organizacional, um excelente lugar para se trabalhar, o que fazer para contribuir com a inserção do jovem no mercado de trabalho, as gerações atuais do mercado de trabalho.

Diagnóstico

Inicialmente apresentaremos alguns dados sobre a situação do jovem brasileiro e o mercado de trabalho, que por si só, indicam a dimensão dos problemas brasileiros e o desafio dessa temática.

Primeiro, carecemos de dados estatísticos atuais. Nossas pesquisas ocorrem em períodos de quatro a cinco anos. De qualquer forma, destacamos alguns dados, extraídos do PAD - Pesquisa de Amostra por Domicílios, realizada em 2004 pelo IBGE:

Com relação ao trabalho infantil:

- 10% dos jovens entre 10 e 14 anos ajudam à família, com maior concentração dessa situação na zona rural;
- entre 5 e 17 anos, o percentual de crianças e jovens que estão na labuta sobe para 11,8%;
- entre 5 a 9 anos, 1,5% já realizam algum tipo de atividade remunerada;
- há mais crianças e adolescentes (75%) do que adultos (19,6%) trabalhando na agricultura;
- a perspectiva é que o Brasil só vai erradicar o trabalho infanto-juvenil em 2022;

Com relação à escolaridade, os números da pesquisa do IBGE indicam que a taxa de analfabetismo entre brasileiros vem caindo nos últimos anos, sendo que em 2004, era de 10,5%.

Apesar da significativa redução dos índices de analfabetismo, percebemos um número significativo de trabalho infantil e não podemos deixar de frisar que, as crianças/jovens que estão

na escola, não saem preparados para o mercado de trabalho. Podemos dizer que a experiência impacta bem mais que escolaridade na probabilidade de um jovem estar empregado. Além disso, um ano de experiência aumenta 20% a probabilidade de o jovem encontrar-se empregado, sendo que o aumento de um ano de escolaridade aumenta apenas em 1% essa mesma probabilidade.

Percebemos de forma nítida, que o mercado privilegia a experiência em detrimento da educação.

No Brasil, segundo pesquisa feita pela Fundação Perseu Abramo, apenas 36% dos jovens entre 15 e 24 anos têm emprego. Outros 22% já trabalharam, mas estão desempregados atualmente. Nas regiões metropolitanas, os jovens demoram 15 meses para conseguir o primeiro emprego ou uma nova ocupação. No total, 66% deles precisam trabalhar porque todo o seu ganho, ou parte dele, complementa a renda familiar. Apenas 30% dos jovens, usam seu salário só para si. A remuneração mensal é o principal item de satisfação dos jovens que trabalham.

Os dados acima evidenciam a magnitude do desafio que o Brasil tem em gerar uma educação adequada e inserir o jovem no mercado de trabalho no momento (idade) adequado, uma vez que o cenário é de jovens que iniciam o trabalho precocemente.

Ser competente – um grande desafio

Se, por um lado, temos jovens que precisam gerar renda precocemente, por outro temos um mercado exigente, que necessita de competências específicas.

A partir de alguns conceitos utilizados pelos profissionais de Recursos Humanos sobre “Competência”, observamos as principais competências requeridas pelo mercado.

Segundo Paulo Green *“uma competência individual é uma descrição escrita de hábitos de trabalhos mensuráveis e*

habilidades pessoais utilizados para alcançar um objetivo de trabalho¹”.

Para Parry, competência é: “um agrupamento de conhecimentos, habilidades e atitudes correlacionadas, que afeta parte considerável da atividade de alguém, que se relaciona com o seu desempenho, que pode ser medido segundo padrões pre-estabelecidos, e que pode ser melhorado mediante treinamento e desenvolvimento²”.

Uma abordagem muito utilizada em Recursos Humanos é o CHA:

72

C	CONHECIMENTO	Saber	o que conhecemos, mas não necessariamente colocamos em prática.
H	HABILIDADES	Saber Fazer	o que praticamos, temos experiência e domínio sobre.
A	ATITUDES	Querer Fazer	as características, que nos levam a praticar ou não o que conhecemos e sabemos.

Para o mercado não basta ter conhecimento, e saber fazer é necessário querer fazer. São algumas competências valorizadas pelas empresas na busca de profissionais, mesmo sendo estes, jovens:

¹ Green P. Desenvolvendo competências consistentes. Rio de Janeiro: Qualitymark 1999; p 28.

² Parry SB. Just What is Competency ? Training – Jun. 1988; p. 59-64.

Competência	Descrição
Criatividade	Capacidade de inserir novas idéias para solucionar problemas e de ter boas idéias para administrar situações imprevistas.
Iniciativa	Antecipar-se a erros e propor mudanças que tragam bons resultados.
Empreendedorismo	Habilidade de trabalhar com metas e ter visão de mercado.
Trabalho em Equipe	Ter facilidade de relacionamento interpessoal e de cooperação. Promover a integração e produtividade da equipe.
Comunicação Eficaz	Saber expressar e organizar as idéias com clareza. Saber identificar e disseminar métodos eficazes de comunicação.
Liderança	Motivar as pessoas na busca por resultados. Capacidade de formar e inspirar a sua equipe.
Proatividade	Não esperar que o mandem na hora de executar uma tarefa. Ter iniciativa e energia nas ações.

Segundo Teixeira, o profissional ideal é aquele que possui conhecimentos técnicos, é aquele capaz de aprender o funcionamento de uma ferramenta, tem habilidade para transformar este conhecimento em resultado e tem atitude.

Em outras palavras, é necessário ter competências, ou seja, conhecimentos, habilidades e atitudes em duas frentes: primeiro as técnicas ou específicas, em que o domínio sobre determinado tema se faz necessário; segundo as comportamentais, em que seja qual for a área de atuação, nunca se faz nada sozinho. Portanto, precisamos saber nos relacionar, comunicar, conviver, ser útil sem confrontar e desrespeitar (competências de relações interpessoais).

O ingresso do jovem no mercado de trabalho

Para discutir as formas de inserção no mercado de trabalho vigentes, vamos inicialmente considerar que a partir de 1996 o Ensino Médio passou a compor a Educação Básica, de caráter obrigatório e gratuito, a partir de uma determinação legislativa, incluindo como uma das finalidades do Ensino Médio, no artigo 35, *“a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores³”*.

No entanto, sabemos das dificuldades que o atual Ensino Médio, tem para preparar o jovem para o mercado de trabalho. Esse papel está sendo assumido pelas empresas, instituições de ensino privadas, pelo sistema S (Senai, Senac), ou ainda por iniciativas de ONGs com programas de educação para o trabalho.

Há um direcionamento muito forte nas empresas para a preparação dos seus profissionais, para a capacitação em exercer determinadas funções. O conceito do momento é o de “Universidades Corporativas” ou “Educação Corporativa”, em que a

³ Ministério da Educação (MEC) Brasil. Lei de Diretrizes e Bases. Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio; artigo 35. 2000. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/baseslegais.pdf> . [Acesso 07 março 2006].

empresa firma uma parceria com alguma instituição renomada e desenvolve programas de aperfeiçoamento, capacitação e desenvolvimento sob medida para seus profissionais.

Assim, além de competências específicas, o mercado, exigente, está preocupado com o aprimoramento de seus colaboradores.

No caso dos nossos jovens, a entrada no mercado de trabalho não é um processo fácil. Algumas portas de entrada se dão através de indicação de terceiros, contrato de experiência temporária, cooperativas de trabalho, análise de formulários preenchidos, entrevistas, avaliação psicológica e de aptidão física, entre outras.

Para os que vencem esses obstáculos e conseguem ingressar, muitas vezes, isso se dá em condições não muito adequadas, com baixa remuneração, instabilidade, com vínculos de curtos períodos ou ainda em atividades muito simples. O ingresso no mercado de trabalho costuma ser “doloroso”. Apesar dos programas de integração que algumas empresas possuem, muitas vezes a integração acontece apenas no setor de Recursos Humanos, com uma apresentação sobre o histórico da empresa e os direitos e deveres do trabalhador.

Quando o jovem chega ao seu departamento, onde realmente vai exercer as funções, a “coisa” muda de figura. Via de regra, não há uma recepção estruturada, que facilite sua aprendizagem e integração aos demais colegas.

Normalmente o jovem vai aprender na proporção de sua curiosidade, habilidade de relacionamento e simpatia, e da boa vontade de seus colegas. Há exceções, mas são raras.

O quadro é complexo, pois em geral temos um jovem que não foi preparado nem tecnicamente, nem em competências “socializantes”. E no ambiente de trabalho, mesmo que implicitamente, são exigidos dele competências de comunicação,

criatividade, compromisso, respeito, relacionamento, amabilidade. Se o segmento de trabalho for na área de serviços, são requeridas, ainda com mais ênfase, a atenção, economia, assiduidade, pontualidade e responsabilidade. Assim, quando entra no mercado, o jovem se vê numa situação delicada, porque não consegue atender às demandas que muitas vezes não são explícitas, mas precisam ser sentidas, interpretadas, decodificadas e transformadas em respostas concretas.

Ambiente Organizacional

Além das competências exigidas dos jovens, devemos discutir a cultura organizacional e o ambiente gerado nas empresas, departamentos, setores, como resultado da cultura predominante para entender o contexto em que o jovem ingressará, a que demandas terá que responder.

76

Podemos definir Cultura Organizacional como o conjunto de crenças, normas e valores que orientam o comportamento das pessoas que trabalham na empresa. Podemos afirmar que Cultura Organizacional é a forma como as pessoas Sentem, Pensam e Agem na organização. De acordo com a cultura predominante, criam-se alguns ambientes organizacionais.

Em um ambiente **NEUTRO** a cultura predominante baseia-se na omissão ou autoritarismo por crises (quando a coisa fica feia, surgem ordens). Já em um ambiente **DIRETIVO**, o autoritarismo e a formalidade prevalecem. A hierarquia é respeitada mesmo em detrimento da meritocracia. Em um ambiente **PROTETOR**, a cultura predominante é paternalista, humanista em excesso e as pessoas sentem-se desorientadas. Em um ambiente **POLÍTICO**, prevalecem os conchavos, as conveniências, o carreirismo, em que as relações são interesseiras, e as pessoas procuram se esquivar de conflitos, ninguém se compromete com as

responsabilidades e metas. Já em um ambiente com **ESPÍRITO DE EQUIPE**, observa-se um ambiente maduro, em que os assuntos e os problemas são discutidos de forma transparente. O ambiente é equilibrado, a divergência de opiniões é respeitada e até requerida para obter-se maior número de abordagens de soluções. O clima de negociação é do tipo “ganha ganha”.

É preciso saber que o jovem encontrará um mix desses ambientes ao ingressar em uma empresa e precisa saber como se comportar para obter sucesso. Nesse mix, algumas culturas são preponderantes em relação à outras e, portanto, os ambientes correspondem à essas culturas.

Um excelente lugar para se trabalhar

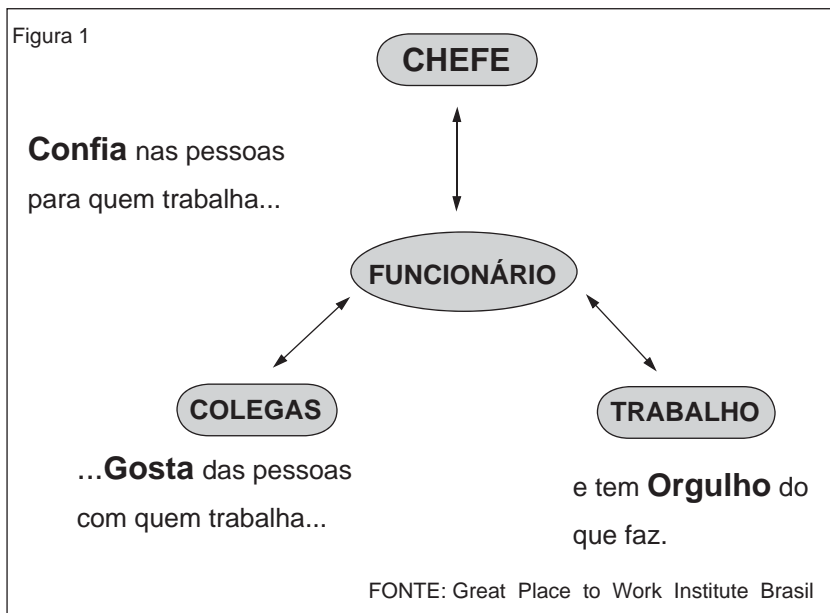
Ainda falando sobre ambiente de trabalho, apresentamos uma das Pesquisas de Clima Organizacional mais consistente e confiável em sua metodologia de aplicação. É a utilizada pelo Instituto Great Place To Work - GPTW. A missão do Great Place To Work é “Construir uma sociedade melhor ajudando empresas a transformar seu ambiente de trabalho”.

O método do Instituto Great Place To Work, possui mais de 25 anos de experiência em estudos do ambiente de trabalho, presente em 41 países tendo mais de 10.000 empresas que já responderam a pesquisa. No Brasil, a metodologia é utilizada consistentemente, desde 1997 e é responsável pela elaboração e divulgação do guia **As Melhores Empresas Para Trabalhar** em parceria com a Editora Globo – Revista Época.

A figura 1 demonstra o que é considerado pelo Instituto GPTW, para que uma empresa seja um excelente lugar para se trabalhar.

O esquema apresenta um tripé formado pela Confiança, Orgulho e Camaradagem no ambiente de trabalho. O vínculo

de confiança entre o colaborador e seu “chefe”, é um dos principais no “tripé” que forma esta metodologia. Esse vínculo é subdividido em três dimensões, relacionadas à percepção do funcionário em relação as suas chefias: a credibilidade, o respeito e a imparcialidade.



A Credibilidade relaciona-se a percepção do funcionário em relação à liderança sobre as comunicações abertas e acessíveis, a competência da chefia na coordenação de recursos e a integridade e honestidade desta na condução dos negócios.

O Respeito relaciona-se a como o funcionário acredita ser visto pelo seu líder, o apoio recebido para o seu desenvolvimento profissional, a demonstração de apreço e reconhecimento por parte da chefia, a sua colaboração e envolvimento em decisões relevantes e a valorização do funcionário também como indivíduo.

A Imparcialidade relaciona-se a percepção dos funcionários sobre “as regras do jogo”, como o tratamento equilibrado em

termos de recompensas, a ausência de favoritismo e de discriminação e processo de apelação.

Os outros dois vínculos que completam o tripé da metodologia são orgulho e camaradagem. É avaliado se existe motivo de orgulho por parte do funcionário em relação ao trabalho realizado, ao sentimento de pertencer a uma certa equipe e a imagem da organização na comunidade.

Com relação à camaradagem, que pode ser definida como o sentimento de bem-estar com o grupo de trabalho, observa-se a habilidade de poder ser você mesmo, a atmosfera acolhedora e socialmente afável do ambiente de trabalho e o sentimento de “família” ou “equipe”.

Esta pesquisa mostra quantas variáveis podem estar presentes no ambiente de trabalho e interferem na relação do funcionário e sua chefia. Isto ilustra outros fatores com os quais os jovens vão se deparar no ambiente de trabalho.

O que fazer para contribuir com a inserção do jovem no mercado de trabalho

Ao apresentar as competências que o mercado exige em seus funcionários, por um lado, e descrições de ambientes organizacionais por outro, a intenção é mostrar o cenário que o jovem trabalhador vai encontrar na empresa. Mas, é também para mostrar alguns dos aspectos que precisam ser trabalhados nos jovens em programas de formação para o mundo do trabalho. Muitas dessas competências já são metas de programas pedagógicos, pois ter boa comunicação, trabalhar bem em equipe, etc... são boas características para qualquer situação de vida.

Algumas metodologias educacionais já se preocupam em desenvolver aspectos que estão sintonizados com as atuais demandas do mercado. Por exemplo, trazemos alguns pensamen-

tos do pedagogo Célestin Freinet. A Pedagogia Freinet surgiu buscando atender necessidades consideradas vitais na criança.

A forma social e humana da escola deve ser considerada para alcançar o pleno desabrochar do indivíduo autônomo, ser social responsável, co-detentor e co-edificador de uma cultura. Como? Através do desenvolvimento do senso de responsabilidade e do senso cooperativo, da sociabilidade, do julgamento pessoal, da reflexão individual e coletiva, da criatividade, a expressão e comunicação, além do saber-fazer (know-how), dos conhecimentos úteis e da capacidade de reduzir os pontos de desigualdades socioculturais.

Na Pedagogia Freinet, a escola deve assegurar uma verdadeira formação, aquela que dá o mesmo valor à inteligência verbo-conceitual e aos mais simples trabalhos feitos com as mãos. *É a Pedagogia do Trabalho, a Pedagogia do Bom Senso, a Pedagogia do Sucesso.* É necessário despertar a motivação.

80

O que faria surgir a motivação no aluno? Motivar seria despertar no indivíduo o querer aprender. O aluno se sente motivado quando suas necessidades vitais são satisfeitas. São necessidades: se organizar; agir-descobrir, criar (inata em todo ser humano), se expressar, se comunicar, viver em grupos, ter sucesso.

Outras abordagens pedagógicas também favorecem o desenvolvimento de habilidades que serão úteis no ambiente de trabalho e também na vida. Esta é apenas um exemplo.

Finalizando

Não se pretende esgotar a questão, mas trazer alguns tópicos para reflexão envolvidos na questão das competências para o mundo do trabalho e o ambiente organizacional.

Para finalizar, vale destacar que, além das competências, e dos contextos das empresas é necessário considerar as

características da atual geração de jovens. Eles têm entre 16 e 29 anos, possuem habilidades para fazer várias coisas simultaneamente. Possuem uma pressa incontrolável, são ligados à Internet, desde que nasceram. Encaram o trabalho como uma ferramenta para a realização dos seus projetos pessoais e priorizam seus interesses, tendo dificuldade de abrir mão de desejos pessoais em favor de algum emprego. É uma geração criada pela televisão, com pais ausentes ou omissos.

Assim, os programas de educação para o trabalho precisam considerar, além do contexto e exigências das empresas, os interesses dos jovens atuais, suas necessidades e dificuldades.

Portanto, se forem considerados todos os pontos aqui discutidos, poderemos aproximar pontos de vista diferentes e buscar uma troca entre todos os interesses envolvidos.

Referências

Fundação Perseu Abramo. Os Jovens no Mercado de Trabalho no Brasil. Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2007. Disponível em <http://www2.fpa.org.br/> [acessado em 15 março 2008].

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Pesquisa de Amostra por Domicílios. 2004. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2006/default.shtm>. [acessado em 15 março 2008].

Ministério da Educação (MEC) Brasil. Lei de Diretrizes e Bases. Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio; artigo 35. 2000. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/baseslegais.pdf>. [acessado em 07 março 2008].

Freinet C. Pedagogia Freinet. Disponível em <http://www.freinet.org.br/pedagogia.htm> [acessado em 02 março 2008].

Teixeira CM. Seminário Nacional Universitas/BR. 2006.



E O QUE LHE FALTAVA ERA OPORTUNIDADE...

O porquê da Geração de Renda como instrumento de mudança

Raquel Barros

Ela morava nas ruas da cidade, suja, grande, agitada, feia e bonita ao mesmo tempo, triste e colorida. Sua mãe estava longe, de distância, de atenção, de amor; seu pai, desaparecido, desconhecido. Mas ela tinha alguém no meio de tantas faces desconhecidas, um filho, alguém que não sabia bem onde estava e quem era, mas era sua companhia, seu motivo de dor e de alegria.

Uns passavam e ficavam com dó, outros tinham muito medo, outros revolta, ainda alguns se sentiam culpados, angustiados, muitos não faziam nada, muitos queriam fazer...

Os que não ignoravam ou fingiam ignorar a imagem dela e dele naquela rua, com aqueles carros, com aquele olhar, com aquele sorriso confuso, com vontade de gritar, pensavam que lhe faltava comida, talvez cobertor, talvez faltasse amor, ou falta de vergonha, falta de família, falta de educação, falta de tudo, falta de mundo para viver.

Muito poucos conseguiam ver ali o que existia, o que enriquecia aquela pessoa, o que tinha de bom, porque tinha de bom: tinha coragem, tinha vontade de viver, tinha talento em driblar a vida, tinha talento em conceber na miséria, tinha conteúdo, tinha experiência, tinha emoção...

Só lhe faltava uma coisa: oportunidade.

Esta é a história não de uma, mas de milhões de jovens,

mulheres, adultos que dizemos viver em situação de vulnerabilidade social, porém nunca refletimos que quem vive assim tem talentos e poderes maiores e mais fortes que os nossos. Vulnerável é a situação, quem ali vive desenvolve competências, habilidades, se organiza, compartilha.

Devemos mudar as lentes que nos deram para ver o mundo e devemos olhar não de cima, mas de lado, para essas pessoas, para que elas possam, no mesmo nível nosso, mostrar suas habilidades e, conosco, construir um caminho mais suave para suas vidas. Isso é - oportunidade.

E assim começa uma proposta de Geração de Renda. Reunindo pessoas que, apesar de talvez nunca terem trabalhado, nunca terem recebido um pagamento, sabem coisas, querem coisas e cabe a nós reconhecer isso e elaborar projetos que atendam não somente as nossas expectativas de consumo ou mesmo de vida, mas sim acolham as competências de quem os vai desenvolver. Só assim podemos, realmente, gerar a renda, e finalmente, rumar para a sustentabilidade.

O que é Geração de Renda: é a entrada de Dinheiro em um caixa, em uma conta bancaria, na mão dessas pessoas, na vida dessas crianças.

O que não é: oficinas terapêuticas que ensinam habilidades (muitas vezes não respeitando os saberes de cada um) e fazem coisas bonitinhas para que a pessoa entenda que pode fazer coisas bonitinhas, os famosos panos de prato (necessários, mas muitas vezes limitantes).

Não é também um curso profissionalizante que ensina uma “profissão”, se é que ensinar uma profissão realmente se faz atrás das mesas e das cadeiras (quem fez uma universidade sabe bem quando e onde se formou: foi na prática, no contato dia a dia com a experiência, com a realidade, com as dificuldades, não decorar a teoria de um autor, mas ao enfrentar

problemas e propor soluções) e depois elaborar um belo currículo e colocar no mundo, este sim VULNERÁVEL e COMPETITIVO, AGRESSIVO, a pessoa com a idéia de que agora tudo vai mudar. Não serão os cursos profissionalizantes isolados de outros compromissos mais um modo de reforçar processos de exclusão?

Profissionalizar é importante, não podemos sair por aí fazendo coisas sem adquirir competências que nos ajudariam a fazê-las. Acredito, porém, na profissionalização integrada às ações de geração de renda que, por sua vez, estão articuladas com os saberes e as habilidades de quem as faz.

Geração de renda não é um espaço periódico dentro de uma empresa como aprendiz, ganhando uma bolsa e isentando-a de impostos. Os espaços de aprendizagem são importantes e necessários, porém devem fazer parte de um processo contínuo de inserção econômica e, conseqüentemente, social.

E que renda é essa? Deve ser a capaz de oferecer uma qualidade de vida para essas pessoas, não importa o valor, contanto que venha, realmente, acrescentar e fazer a diferença na vida da pessoa. Vender biscoito na festa Junina da minha cidade uma vez por ano, mesmo sendo uma entrada de dinheiro, não podemos dizer que é um processo de geração de renda.

No entanto, se considerarmos a geração de renda como um conjunto de todas essas ações, e se atuarmos com responsabilidade e em conjunto com as talentosas pessoas com quem parcerizamos, vamos estar no caminho do que hoje se estuda e se almeja, que são os negócios sociais ou os processos de inclusão econômica.

Segundo o Banco Interamericano de Desenvolvimento, *“um negócio inclusivo é uma iniciativa empresarial que, **sem perder de vista seu objetivo de lucro**, contribui para a superação da pobreza através da incorporação de cidadãos de baixa renda em*

*suas cadeias de valor, sejam como fornecedores, distribuidores, clientes, empregados ou sócios”, resultando na “criação de **valor agregado** com um efeito multiplicador direto na **geração de emprego, bem-estar social e desenvolvimento produtivo**”.*

Foi sob essa premissa que estruturamos as ações de geração de renda da Lua Nova¹. Tentamos atuar concretamente na necessidade e desenvolver de maneira sensível e integrada os talentos, as idéias, e os sonhos daquelas jovens.

Estamos em processo de construção contínua que engloba a criação, implantação, avaliação de atividades, valores, comportamentos, regras, educação econômica, equilíbrio entre missão, realidade. Administração ética, qualidade de vida no trabalho, comprometimento, capacidade operacional e competitividade, rede de parceiros, criatividade e inovação são palavras imperativas para o processo de geração de renda.

Nosso trabalho está estruturado em vários eixos de atuação, nos quais as jovens, em conjunto com técnicos e educadores passam não somente para aprender, mas para construir junto seu percurso, respeitando suas capacidades e minimizando suas limitações.

Que eixos? Vejamos:

Nossas atividades originaram-se da necessidade de conseguir renda para as jovens mães que a Lua Nova acolhe. No início vimos o quanto nosso amadorismo poderia prejudicar a verdadeira proposta de inclusão econômica e social.

Decidimos organizar as atividades de geração de renda integrando as diversas modalidades discutidas acima, uma vez que contamos com uma população que necessita de atenção diversificada. Por isso realizamos Oficinas Terapêuticas durante o processo de residência na Lua Nova. Após essa vivência, essas jovens passam pelo que chamamos de Grupo de Trabalho, em que são aprendizes nas oficinas de geração de renda e, ao

mesmo tempo, discutem e preparam-se para a inserção no mundo do trabalho, aprendendo técnicas, comportamentos, o que também pode ser chamado de profissionalização. Finalmente, inserem-se nas atividades de geração de renda da Lua Nova que, aos poucos, vão adquirindo personalidade jurídica diferenciada e passam a ser negócios inclusivos.

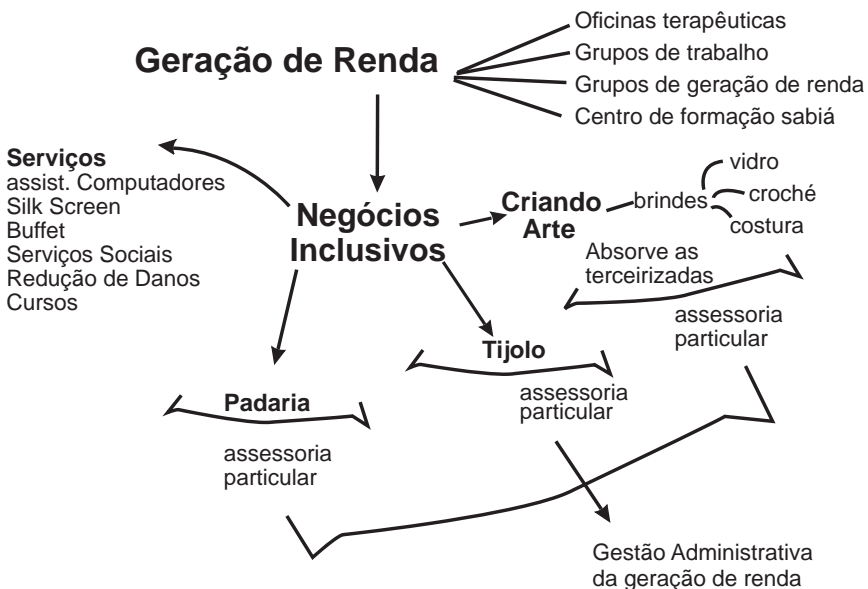
Temos como atividades de geração de renda:

- *Criando Arte*: formação de costureiras e criação, desenvolvimento, produção e venda de bonecas e brindes.
- *Empreiteira Escola Lua Nova*: criação de grupos de construção civil para a venda de produtos e serviços e construção de casas para população de baixa renda.
- *Panificadora Lua Crescente*: produção e venda de biscoitos artesanais, além de serviços de coffee break e brunchs.
- *Arte e Amor em Vidro*: jóias em vidro reciclado.
- *Brindes da Lua*: produção de brindes corporativos com o conceito de reaproveitamento de resíduos e de inserção da cadeia de valor das próprias empresas que doam os resíduos.

Outra modalidade de geração de renda são os serviços. Os processos pedagógicos na Lua Nova como inclusão digital, prevenção de DTS, AIDS, planejamento familiar são também processos de formação de multiplicadores. Estes podem gerar renda participando de programa preventivo na própria instituição. Além disso contamos com um grupo de silk screen, serviços de coffee break e brunch servidos a empresas etc.

¹ Lua Nova organização da sociedade civil que através da parceria com jovens mães em situação de risco desenvolve atividades de acolhimento, geração de renda, desenvolvimento comunitário e pessoal, moradia e inserção social.(www.luanova.org.br).

O esquema abaixo mostra o modo como estamos organizados na Lua Nova.



Desenhamos um modelo de atuação com processos bem definidos para cada uma das nossas atividades e cada um deles atua complementando o outro, e ao mesmo tempo em que gera renda oferece um aprendizado que auxilia no seu projeto de vida. Este modelo nos permite não somente conhecer os talentos e as habilidades de cada uma delas, como possibilita que estas se apropriem e se apoderem de suas competências, desenvolvendo ações participativas e concretas. Realizando sonhos e possibilitando que sonhos de novas jovens possam ser descobertos e realizados, quebra-se o ciclo vicioso da miséria e da submissão, implantando novas soluções de vida.

Lua Nova Raquel

Produção

Aumentar o número de produtos, melhorar os processos da produção e assumir uma postura de maior participação e responsabilidade.

Tornar as pessoas autônomas e solidárias, fazendo com que o Criando Arte torne-se um projeto auto-sustentável. Assessora e capacita pessoas, faz reunião no C. Arte e mensal de integração.

Poupança

Poupar dinheiro em grupo para realizar um objetivo comum que melhora as nossas condições de vida.

Gestora Val

Organiza/Controla/Cobra/Avalia o processo de produção e os funcionários, o espaço físico, a limpeza, os materiais e as ferramentas e máquinas. É responsável pela Administração. Livro Ponto. Reunião Semanal na Lua Nova.

Geração de Renda Silvina



Criando Arte

Educadora Neusa

Faz moldes e amostras, ensina a costurar. Acompanha as meninas da Lua Nova no programa Aprendiz, e a ficha do EFREN. Participa da reunião mensal de integração da lua nova com a comunidade.

Programa Aprendiz

Acolhe, capacita e proporciona renda.

Desenvolvimento Silvina/Neusa

Criar produtos novos e realizar um desfile/concurso.

Comunidade

Ação de troca com os núcleos. As meninas vão até a comunidade para ensinar ou recebem as meninas do C Arte.

Vitória Régia

Um dos núcleos no qual vamos intensificar a capacitação para terceirizar parte da produção e poder aceitar encomendas maiores

Cooperativa

Possibilidade de transformar o Criando Arte num projeto independente administrado pelas próprias meninas.

Alfabetização

Conhecimentos básicos de matemática e escrita, cidadania e higiene.

Esperamos assim, cada vez mais inovar e revelar os talentos invisíveis de cada uma dessas nossas grandes mulheres.

Referências

Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Disponível em <http://www.iadb.org/?lang=pt> [acessado em 12 maio 2008].



ATENÇÃO À FAMÍLIA ATRAVÉS DE OFICINAS DE GERAÇÃO DE RENDA: INCLUSÃO SOCIAL E CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL DE FAMILIARES DE JOVENS EM SITUAÇÃO DE RISCO.

Alberto A. Comuana e Suely A. Fender

“[...] quando eu tinha a idade de meu filho, meus pais diziam que no futuro tudo seria melhor. E hoje, nós não pensamos assim [...] pensamos que não tem emprego, que não adianta ir para a escola, a poluição irá acabar com o planeta, [...] e os nossos filhos acham que a gente é trouxa de trabalhar tanto e só poder comprar o celular mais barato da loja e ainda ficar contente [...] a gente não pensa no futuro achando que vai melhorar[...]”¹.

Esta é a resposta de uma mãe, durante um grupo multifamiliar, no qual refletiam sobre o sonho de seus filhos e sobre os sonhos que os pais tinham para seus filhos.

Os familiares chegam ao Projeto Quixote expondo dificuldades e problemas com suas crianças e jovens, que vivenciam diversas e complexas situações de risco e de exclusão social.

São comuns relatos contundentes da vivência de pessoas sofridas, envergonhadas, desvalorizadas, impotentes diante de sua dura realidade. Pessoas que perderam a capacidade de indignar-se diante de sua condição de sofrimento, que não reconhecem suas próprias competências e recursos.

Alguns familiares, entretanto, apesar de vivenciarem um sentimento de impotência frente a sua dura realidade, ainda acreditam que algo possa mudar em suas vidas. Isso aparece na expressão de uma avó que tinha o neto em situação de risco de vida: *“Meu neto está bem, mas eu não estou [...] não sei o que fazer [...] mas tenho certeza que aqui vocês poderão me ajudar. [...] eu quero salvar a vida dele e preciso da ajuda de vocês²”*.

Essa possibilidade de mudança também aparece na fala de uma mãe que já freqüentava o atendimento há algum tempo:

“[...] Eu mudei meu jeito de lidar com B. Antes eu batia nele, no meu marido, em quem me contrariasse. [...] eu sempre apanhei [...], mas agora eu percebi que não adianta bater, eu estou aprendendo a conversar. Ele continua fazendo das deles, mas eu não faço mais das minhas (rindo). [...] eu fazia a mesma coisa que a polícia faz. [...] eu sou mãe, não policial, e estou melhor comigo. [...] bater me fazia ficar muito mal³”.

As crianças e jovens atendidos pelo Projeto Quixote (QXT) apresentam-se em situação de grande vulnerabilidade por diversos motivos, entre eles, o uso indevido de drogas, a transgressão da lei, a situação de rua, a falta de perspectivas positivas de futuro, o pouco interesse pela escola, a baixa renda familiar. Essa complexa situação sugeriu a ampliação do nosso trabalho, que se propôs a abordar as figuras parentais, buscando potencializá-las em seu papel protetor, e assim melhorar a qualidade de vida e de relacionamento familiar.

O Núcleo de Família nasceu com o objetivo de acolher as famílias que procuravam o QXT e oferecer um espaço físico

^{1, 3} Relato de uma mãe participante do grupo multifamiliar do Projeto Quixote.

² Relato de uma avó participante do grupo multifamiliar do Projeto Quixote.

e psicossocial que privilegiasse o fortalecimento das relações entre pais e filhos. A idéia era possibilitar o diálogo e o resgate de potenciais e auto-estima, e a conscientização dessas famílias a respeito de suas condições de vida, responsabilidades, capacidades e possibilidades de mudanças, para, desta forma, exercerem melhor sua cidadania.

Iniciamos o atendimento familiar dentro de um enquadre clínico tradicional, mas, em pouco tempo, descobrimos que isso não era suficiente, pois as famílias apresentavam demandas de ordem material, física, educacional, emocional e social, que não poderiam ser abordadas em uma configuração estritamente clínica.

A partir disto, construímos alguns manejos dentro do tripé clínico, pedagógico e social, através da articulação de referenciais teóricos que permitissem compreender o todo de forma dinâmica, sistêmica e contextual. Como resultado, observamos a aproximação dos familiares, que, vinculados ao serviço, davam continuidade ao tratamento dos filhos, fortalecendo os vínculos de confiança entre família- adolescente/criança – instituição. Uma das estratégias criadas, neste momento, foi a oficina de mães.

Origem da oficina de mães

“Ofício de perguntar, o ofício de contar histórias, o ofício de ocupar as mãos – todos esses representam a criação de algo, e esse algo é alma. Sempre que alimentamos a alma, ela garante a expansão ⁴”.

Em 1997 iniciamos o Grupo de Mães, utilizando uma oficina de costura como instrumento facilitador para a formação de vínculos afetivos e crescimento pessoal. A oficina buscava aumentar a aderência dos adolescentes aos seus tratamentos e criar condições para reduzir o impacto dos fatores de risco, por

meio da inclusão social. Isso proporcionaria, também, melhora na qualidade de vida de seus familiares. A premissa inicial era que familiares mais satisfeitos com suas próprias vidas e com condições psicossociais adequadas, poderiam desempenhar melhor seu papel na proteção e educação dos filhos.

Através desse grupo de mães, construímos um espaço que integrava o trabalho subjetivo e a inserção social, e permitia que a mãe se distanciasse por algumas horas de sua dura realidade cotidiana, usufrísse de um tempo para si, e assim, mais fortalecida e renovada, voltasse a enfrentar as dificuldades de sua vida a partir de outros parâmetros. Registramos muitas frases que expressavam esta satisfação.

“[...] estar aqui é bom, eu nunca tive tempo para mim, nunca pintei um pano de prato [...]”⁵ .

“[...] aqui eu aprendi a fazer artesanato, fui para a escola e estou mais feliz, pois eu estava para ficar louca dentro de casa, meu marido bebe e usa drogas, meus dois filhos estão presos e crio meu neto com HIV [...]”⁶ .

“[...] frequentar o grupo me ajudou a ter mais mansidão, compreensão, e ser capaz de me expressar mais, melhor e sem agressividade”⁷ .

A Oficina de Mães cresceu e observamos que a presença das mães repercutia positivamente nos filhos, que pareciam se sentir mais valorizados, orgulhosos delas, e com uma aderência maior aos seus atendimentos. Algumas mães se transformaram

⁴ Clarissa PE. Mulheres que correm com os lobos – Mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. 6ª ed. Rocco: Rio de Janeiro; 1995. p.30. [Coleção Arcos do Tempo].

^{5, 6, 7} Relatos de mães da oficina de mães do Projeto Quixote.

em agentes preventivos, dentro da própria família e também em suas comunidades. Tal trabalho possibilitou às protagonistas o despertar de suas potencialidades, de seus sonhos, bem como os mecanismos possíveis para cada uma delas realizá-los.

Oficina de mães e geração de renda: de mães atendidas para mães artesãs.

Em 2000 idealizamos um projeto de Geração de Renda, que se iniciou com a produção das próprias mães durante a oficina, sensibilizando-as para a organização de uma futura cooperativa. A possibilidade de organização em cooperativas traria a oportunidade de inserção no mercado de trabalho e de construção de uma autonomia financeira, dentro das formas socialmente aceitas na sociedade. Assim, deixariam de depender de alguém ou de alguma instituição, melhorando suas condições de vida.

No início da produção de objetos artesanais, o mais importante era a capacidade de concluir o trabalho. Não havia preocupação com a estética, com as combinações de cores e materiais, nem com as exigências do mercado. Realizamos vários tipos de atividades: oficina de pães, confecção de chinelos, de bijuterias, de panos de prato, de crochê; até que o artesanato com costura se apresentou como o mais significativo para a nossa população. Acreditamos que a ritualização do espaço do grupo foi determinante para a conquista da fase atual, realizando-se toda sexta feira à tarde, independente do número de pessoas que ali estivessem.

A Oficina de Mães se estruturou e ganhou legitimidade em função do interesse comum da maioria das mães - a atividade de costura. Percebemos, a cada dia, que agregar o trabalho subjetivo, pedagógico e social à geração de renda contribui para o fortalecimento da identidade e da auto-estima das mães,

mostrando-se uma forma eficaz de construir vínculos com as famílias atendidas, de proporcionar uma adesão maior ao grupo e de promover o surgimento de demandas espontâneas de atendimento.

Uma das mães expressa em palavras uma das principais motivações para participarem do grupo, dizendo:

“Antes eu pensava que só sabia mexer no fogão e arrumar a casa [...] Hoje eu me dou mais valor, aprendi a mexer na agulha (costurar), coisa que nunca pensei que poderia fazer [...]. O dinheiro é importante mas mais importante ainda é isso aqui, a gente descobrir que a gente é melhor do que pensava[...]”⁸.

“Eu não sabia nem pregar um botão de camisa, colava com superbonder[...]”⁹.

96

A Oficina de Mães foi sendo construída como um espaço privilegiado de aprendizagem, de troca afetiva-emocional, de pertencimento ao grupo e de elaboração de diversos sentimentos. Quando agregado à geração de renda através da confecção de produtos artesanais, surge a mãe artesã.

Esta nova possibilidade permitiu que as mulheres olhassem para suas habilidades e para seu desejo de produzir de uma maneira mais generosa, podendo apreciar o que produzem e sentirem-se motivadas para produzir mais e com melhor qualidade. A motivação fez com que elas comesçassem a ensinar outras mulheres em suas comunidades, que as viam fazendo os trabalhos na porta de casa, e trouxessem cada vez mais mães para a Oficina.

8, 9 Relatos de mães da oficina de mães e geração de renda do Projeto Quixote.

As mães participavam de maneira cada vez mais ativa, tanto da produção como das decisões acerca de assuntos relativos à qualidade do produto, o material a ser utilizado, cores e modelos, atualização de preços, participação nos bazares e pontos de vendas, criação de novos modelos de tapetes e almofadas. No grupo foram surgindo algumas mães líderes, que passaram a discutir o material que seria levado para fazer em casa, a dividir encomendas, verificar qualidade dos produtos e apreciar o trabalho da companheira. Isso tudo legitimava e valorizava o trabalho delas, e esse sentimento é expresso na fala de uma mãe-artesã ao ver vários tapetes serem expostos para venda: *“Nossa...eles são bem bonitos mesmo..quando a gente está fazendo....eles não parecem tão belos, mas quando os vê todos juntos... são lindos, nem sei dizer qual é o mais bonito¹⁰”*.

Os efeitos da Oficina de Mães se ampliaram com a combinação do trabalho já desenvolvido pelas mães artesãs e a multiplicação de saúde nas comunidades de origem destas famílias, através do incentivo ao retorno à escola e da capacitação das mães atendidas para atuação como multiplicadoras em questões de saúde e prevenção de situações de risco, como uso de drogas, violência doméstica, exploração sexual, e outros.

No início de 2008, a oficina recebeu uma consultoria, que tinha o objetivo de fortalecer o grupo de produção das mães atendidas pelo Projeto Quixote, através do desenvolvimento de uma nova linha de produtos com identidade própria e conhecimentos em gestão e mercado.

Esse novo momento trouxe algumas transformações e também novas ansiedades. Evidenciaram-se diferentes interesses, disponibilidades e desejos entre elas; algumas são mais empreendedoras, outras mais habilidosas, algumas possuem mais iniciativas e outras demonstram mais vontade de vencer seus limites. No entanto, elas ficaram assustadas, pois não sa-

biam se conseguiriam atender aos pedidos, inseguras em relação a quantidade e a qualidade dos produtos. Algumas mães relatam, também, o medo de perder o clima agradável da oficina de mães: *“Será que agora não poderemos mais conversar sobre a nossa vida? ¹¹”, “O dinheiro não é o mais importante aqui na oficina, o mais importante é a gente vir e sair feliz daqui ¹²”*.

Outras demonstraram dúvidas a respeito do empenho de outras mães com o trabalho: *“Eu não sei se conseguirei fazer todos os chaveiros, as outras vão ajudar a fazê-los?¹³”*

Apesar das ansiedades, as mães estão cumprindo com as encomendas, a produção tem qualidade cada vez melhor, aprimoraram a confecção dos bordados, das almofadas, e do acabamento de cada produto. Observamos que algumas mães apresentam maiores dificuldades (cognitivas e/ou clínicas) e estão superando seus limites e vivendo experiências de sucesso no trabalho com o novo produto.

98

A prática que elas estão adquirindo a cada nova peça realizada, a oportunidade de trabalharem em equipe e dividir tarefas, e a tranquilidade para acolher seus medos do insucesso proporcionará maior autonomia e confiança para estas mulheres.

O trabalho desenvolvido com as famílias é realizado em fases: a fase inicial de acolhimento, em seguida, o tratamento através da participação dos familiares em atendimentos clínicos individuais e em grupos multifamiliares e, por último, a geração de renda e capacitação profissional através das oficinas de mães.

Assim, a participação de mães e familiares em um projeto de geração de renda envolve tanto o resgate das competências que essas pessoas já possuem, como a valorização de suas potencialidades em seu papel protetor. A consequência desse trabalho é um impacto positivo na melhora da qualidade de vida das mães, na rede familiar e na comunidade onde vivem.

10, 11, 12, 13 Relatos de mães da oficina de mães e geração de renda do QXT.

Educação para o mundo do trabalho: jovens e famílias

O Núcleo de Família investe nas figuras parentais, fortalecendo-as nas suas atividades educativas com os filhos. Um de seus grupos atende pais de jovens que estão inseridos no Programa de Educação para o Mundo do Trabalho, oferecendo suporte aos pais dos adolescentes que se preparam para o primeiro emprego, e para pais dos jovens que já estão inseridos no mercado de trabalho.

O envolvimento das famílias no processo de inserção profissional dos filhos adolescentes é uma das maneiras de fortalecer as competências familiares e enfatizar as forças e potenciais tanto do adolescente como dos familiares. Esse trabalho também ajuda os jovens e os pais a refletirem sobre a representatividade que o trabalho tem em suas vidas e sobre os projetos de vida de todos eles, incluindo a escolarização e a capacitação profissional.

Os pais e responsáveis dos adolescentes inseridos no programa são atendidos e acompanhados em grupos, individualmente e através de visitas domiciliares. Através de conversas, estimulamos os familiares a falarem de si e refletirem sobre quem são, como vivem, como lidam com seus sentimentos, com o que sonham, quais são seus desejos, em busca da singularidade de cada um deles. Ao contarem suas histórias, auxiliamos no entrelaçamento do passado, presente e futuro e na construção de uma forte conexão entre pais e filhos. Acreditamos que, mais fortalecidas, as famílias podem recontar suas histórias de origem e transformar o futuro das novas gerações.

O grupo com familiares de jovens que buscam o primeiro emprego tem como objetivo principal possibilitar a reflexão sobre suas expectativas, ansiedades e exigências em relação aos filhos, dentro do eixo família- trabalho – escola - qualidade de vida. Pretende-se, também, ajudar pais e filhos a entender

como esse eixo norteia suas vidas, para que possam aproveitar melhor as oportunidades de crescimento profissional.

Nos encontros com os familiares são discutidos diversos temas, como significado do trabalho para cada um dos familiares; início da vida profissional de cada um, trabalho atual e expectativas de futuro; sonhos e frustrações em relação ao exercício profissional; importância deste Programa na vida do adolescente; considerações sobre a escola: aspectos positivos e negativos; o que representa para os pais a bolsa recebida pelo adolescente e a administração desse dinheiro; discriminação entre educação para o trabalho, agência de empregos, Lei do Aprendiz; Núcleo de Família como espaço de acolhimento e atendimento aos familiares.

Como resultado desta aproximação com as famílias, observamos que a baixa frequência aos atendimentos está associada às famílias que vivenciam maior vulnerabilidade social e necessidades de acompanhamentos clínicos, e entre os principais motivos do distanciamento do atendimento encontramos os problemas com alcoolismo, distúrbios psiquiátricos ou emocionais, déficits cognitivos, carência de recursos, entre outras questões.

Observamos, também, que parte da renda dessas famílias provém do mercado informal de trabalho, como bicos, biscoitos, serviços domésticos e outras ocupações não reconhecidas como profissão. Há, inclusive, uma linha divisória muito estreita entre as atividades consideradas lícitas e as ilícitas.

A trajetória escolar dos jovens em situação de vulnerabilidade muitas vezes está condicionada às circunstâncias que estes vivem, como mudanças constantes de endereço, muitas vezes para outras cidades, instabilidade sobre o futuro, uso de drogas, comportamentos de risco, gravidez na adolescência, entre outras.

Notamos que alguns adolescentes têm dificuldades para demonstrar suas habilidades, suas potencialidades, desenvolver

novos hábitos e assumir responsabilidades, e estas condições pioram com a distância das famílias.

Nesse sentido, o objetivo do Grupo de pais de adolescentes que já estão inseridos no mercado de trabalho é envolver os familiares de forma efetiva no acompanhamento do jovem nesse processo, já que os jovens estão enfrentando novas demandas, para as quais ainda não dispõem de repertório adequado. O suporte familiar pode atenuar os efeitos de eventos estressantes do cotidiano profissional e escolar dos jovens, que passam a ter sua rotina diária modificada. Muitos deles passam a acordar mais cedo e dormir mais tarde, e precisam trabalhar, estudar, namorar, cuidar da própria roupa, etc. O trabalho de envolvimento dos pais nesse período da vida dos filhos pretende trazer maiores ganhos para a vida daqueles que experienciam o primeiro emprego formal.

Os principais temas discutidos nestes encontros são o esclarecimento sobre o contrato dos adolescentes com a Empresa, salário, benefícios, deveres e responsabilidades; objetivos da capacitação para o aperfeiçoamento constante dos jovens através da educação formal e outras oportunidades para o enriquecimento dos currículos; importância da escolarização na vida profissional: frequência, notas, expectativas de futuro dos adolescentes e da família em relação à continuidade da escolarização; administração do salário; assuntos como: atraso no trabalho ou na escola, alimentação, cuidado pessoal, expectativas de futuro e sonhos dos adolescentes e de seus pais; sexualidade na adolescência, DST/AIDS e prevenção de gravidez não planejada; importância dos pais como suporte dos filhos neste momento.

Observamos que os familiares ficam orgulhosos e felizes com o fato de os filhos terem conseguido o primeiro emprego e estarem aproveitando a experiência de trabalho dentro de uma empresa. Os familiares reconhecem que essa oportunidade

pode transformar a vida de seus filhos, e falam sobre as dificuldades que os mesmos enfrentam para conseguir o primeiro emprego, uma vez que se exige experiência que os jovens não têm. Alguns pais entendem que essa oportunidade de trabalho protege os adolescentes da vulnerabilidade, aumenta a auto-estima, prepara-os para o mundo adulto. Isso é expresso por um pai que percebe que o trabalho transforma o filho: “[...] *fazendo da criança um homem* ¹⁴”. Os pais também se referem à escolaridade, como pré-requisito fundamental para a conquista profissional, “[...] *tudo que faz precisa colegial* ¹⁵”.

Em função da baixa renda familiar, a introdução destes jovens no mercado de trabalho muitas vezes representa a única fonte de renda segura para suprir as necessidades familiares. Em alguns casos, os familiares referem que o salário dos adolescentes contribui consideravelmente nas despesas da casa, e essa quantia representa metade do orçamento doméstico, sendo utilizada para o pagamento de várias despesas como alimentação, conta de água, luz, telefone, reforma ou ampliação da casa.

Em outros casos, o adolescente decide sozinho como gastar o seu salário. Alguns o fazem de maneira ponderada, se mantendo e ajudando a família no que for necessário, e outros gastam de forma inadequada e sem critério.

Por um lado, a experiência profissional alimenta sonhos, mas traz também a consciência das limitações, pois os recursos recebidos pelos filhos não são suficientes para satisfazer todos os desejos. Nesse momento, as prioridades precisam ser estabelecidas e o futuro planejado, pois quando discutimos planos de vida, os pais falam sobre o desejo de alguns adolescentes ingressarem na Universidade. Entretanto, apesar de relatarem o desejo dos jovens, muitas vezes manifestam pouca esperança em conseguir, pois alegam “*Universidade é para filho de rico* ¹⁶” ou “*Universidade pública não é acessível para o pobre, pois não*”.

teve boa escola antes ¹⁷”.

A nossa experiência neste trabalho com pais tem demonstrado que a inserção do jovem no mercado de trabalho remunerado lhe confere outro estatuto dentro da organização familiar e na própria comunidade. Para alguns pais, essa condição reduz a vulnerabilidade e o risco a que os filhos ficam expostos, permitindo-lhes uma vida digna. Há pais que alimentam a esperança de uma velhice mais protegida, já que não podem contar com aposentadoria. E outros familiares, a partir de sua participação nesses grupos, voltaram a estudar e a ter perspectivas de melhores empregos.

Referência

Carter B & MacGoldrick M e cols. As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar. Porto Alegre: Artes Médicas; 1995.

Fishman HC. Tratando adolescentes com problemas: uma abordagem de terapia familiar, Porto Alegre: Artes Médicas; 1996.

Fonseca C. Caminhos da adoção. São Paulo: Cortez; 1995.

Nogueira MA, Romanelli G, Zago N (Org). Família & Escola: trajetórias de escolarização camadas médias e populares. 2ª ed. Rio de Janeiro: Vozes; 2003.

Sarti CA. A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres. Autores Associados: Campinas; 1996.

Szymanski H. Práticas Educativas familiares e o sentido da constituição identitária. Paidéia. Cadernos de Psicologia e Educação.2006; 16: 81-90.

14, 15, 16, 17 Relatos de pais do núcleo de família do Projeto Quixote.



POLÍTICAS PÚBLICAS DE APRENDIZAGEM OU POLÍTICAS DE JUVENTUDE

Paulo A. A. Baltazar

Para entrar no tema de forma sucinta e imediata, falar de aprendizagem é falar de juventude. Para o jovem, a questão “o que vou fazer da minha vida?” se coloca de forma absoluta, e ainda, pela lei, só os jovens podem ser aprendizes. Então, nada mais honesto e coerente que o eixo da reflexão e da ação política parta daí: aprendizagem é uma questão de juventude.

Mas não se pode dizer que a aprendizagem seja tratada como uma política de juventude. De forma preponderante, é uma política de emprego, uma estratégia para criar postos de trabalho, e, além disso, conserva sua abordagem tradicional, focada nas necessidades do mercado. Desde sua criação a aprendizagem se consolidou como estratégia privilegiada para a produção de mão de obra qualificada para o parque industrial e os serviços urbanos.

Então, o que há de novo que altera esse cenário? Há o jovem, como há a criança e o adolescente, no sentido de identidades reconhecidas e detentores de direitos específicos. O jovem, o adolescente e a criança surgem como objetos de afirmação e não apenas de negação “os ainda não adultos”. Tornam-se, também, autores e não apenas consumidores de valores e mercadorias. Sujeitos de identidades e de direitos reconhecidos, mas não plenamente efetivados, lutando para validar seus lugares no imaginário coletivo e nos espaços institucionais, para além do universo do mercado e do consumo.

Outra novidade importante, que transforma radicalmente o cenário: já não há trabalho para todos, e cada vez haverá menos trabalho para um número também cada vez maior de pessoas. Quando o modelo industrial e tecnológico aponta no sentido de tornar descartável o trabalho humano, responder à questão de como garantir uma inserção social digna para todos torna-se fundamental para a própria idéia de sociedade (pelo menos se queremos continuar a pensá-la como uma sociedade democrática constituída de seres humanos).

Nesse contexto, entendemos que qualquer forma de abordar o tema será, antes de tudo, uma tomada de posição ética. E ética é escolha, e não regra ou norma. As políticas públicas de aprendizagem traduzem as opções que a sociedade brasileira faz, neste início de século 21, em relação ao que ela entende como juventude, como inserção social digna, como democracia e como ser humano.

Então, o que é juventude? A necessidade de responder a essa pergunta já deu muitos livros, que deram muitas respostas e foram fundamentais para se saber que “juventude” é plural, que pode ser muitas coisas, e que podemos decidir sobre o que desejamos que venha a ser. Entre esses muitos aspectos, dois parecem quase indiscutíveis: que ela se expande, que cada vez ocupa mais tempo na vida das pessoas, e que cada vez há mais pessoas vivendo nesse tempo.

Outros aspectos não tão “quase indiscutíveis”, mas fundamentais: juventude é tempo de optar, é tempo de experimentar, é tempo de errar e é tempo de liberdade. Optar, errar, experimentar, ser livre, parecem coisas bem humanas, demasiadamente humanas como diria um filósofo.

Concluindo, se a aprendizagem se encontra naquele ponto em que se cruzam decisões sobre o que iremos fazer nas nossas vidas e a liberdade de escolher, de errar, de experimen-

tar, a principal função das políticas públicas voltadas para o jovem e o trabalho é a de ampliar a liberdade de errar e de mudar, de aumentar o repertório de opções e de chances de boas escolhas, e acima de tudo, de experimentar. Tudo isso nos leva a algo entre a formação e a produção, muito mais perto da escola do que da fábrica.

Da demanda do mercado para o direito do cidadão

O trabalho é um dos direitos humanos, mas se a idéia de “ser humano” é algo novo na história do homem, ter direitos é mais novo ainda.

Há pouco mais de 100 anos, no Brasil, era natural que pessoas fossem escravas de outras, ou seja, nem todas eram humanas, pelo menos não humanas da mesma maneira. Em muitos lugares isso ainda é assim. E quando dizemos que todos são iguais perante a lei, facilmente percebemos que para muitos, alguns são mais iguais, e outros bem menos iguais, e entre esses menos iguais há também os mais desiguais, como negros e mulheres pobres.

Se por um lado celebramos um discurso da igualdade entre os homens, a realidade se funda principalmente em práticas de apropriação e exploração das desigualdades reais que existem entre eles. E a posição do jovem que vai ao mercado de trabalho é de um desigual em extrema vulnerabilidade. O que ele tem a oferecer é pouca qualificação e inexperiência, que são rapidamente transformadas em menores salários e piores condições de trabalho.

Olhando para a diversidade da juventude, percebemos que é naturalizada a idéia dos jovens que sequer completaram o ensino básico sejam inseridos no sistema produtivo, mas apenas aqueles que “precisam”, cujas famílias são pobres e não po-

dem subsidiar sua dedicação exclusiva aos estudos. Para eles a necessidade prevalece sobre a liberdade, pois quando se tratam de jovens cujas famílias têm condições materiais, também é “natural” que se possa optar por fazer essa inserção após a conclusão de curso superior, ou só depois de uma especialização.

As políticas públicas tradicionais procuraram criar mecanismo para inibir o trabalho precário e precoce de crianças e garantir condições de trabalho menos indignas para os jovens, e ao mesmo tempo, manter viável, disponível e barata a absorção dessa mão de obra.

O que esteve no centro da questão não foi o direito do jovem ao trabalho e à construção de seu projeto pessoal de vida produtiva, mas de como garantir, dentro de padrões legais, a manutenção de uma oferta de mão de obra farta e adequada para o mercado. Isso permanece evidente nas definições das ocupações com cursos subsidiados pelos sistemas nacionais de aprendizagem, cardápios reduzidos e preparados de acordo com as principais demandas da indústria e do comércio.

Políticas públicas de aprendizagem que reconhecem o jovem como sujeito de direito são aquelas que priorizam e favorecem a permanência na escola e a elevação da escolaridade, garantindo tempo para os estudos; que oferecem espaços de formação em habilidades gerais, inclusive de gestão, e articulam cultura, conhecimento, tecnologia e trabalho, que ampliam o número de ocupações, com formação disponível e de percursos formativos com possibilidade de mudanças de opção; que se articulam com políticas de subsídios e de bolsas para conclusão do ensino básico e acesso ao curso superior.

Além disso, também serão emancipatórias as políticas públicas capazes de perceber e atender os desiguais nas suas desigualdades, como jovens do campo que pedem adaptação e articulação da aprendizagem com sua diversidade territorial,

ou como jovens que vivem em situações de extrema vulnerabilidade, privação e violência, para os quais é necessária uma inserção protegida.

A realidade do jovem brasileiro e o trabalho

O jovem brasileiro representa quase 50% da população do país, e tem menos de 24 anos. Mais de 30 milhões de brasileiros têm entre 15 e 24 anos, desses, menos da metade está na escola, e muitos têm que trabalhar para garantir a sobrevivência da família.

Nesse contexto, a opção que se coloca para o jovem não é entre a inserção precoce no mercado de trabalho ou a permanência na escola e nos estudos, mas entre uma inserção digna ou indigna, e é dentro dessa lógica da necessidade que as políticas de aprendizagem foram sendo construídas.

Além disso, esse enorme contingente de jovens representa grande parte da massa de trabalhadores desempregados disponível no mercado, que irá definir a relação entre oferta, demanda e o custo da mão de obra.

Deixar para trás a lógica da necessidade em direção a uma lógica da liberdade, portanto, representa uma opção ética sobre o que é juventude, trabalho digno, democracia e humanidade, e uma decisão política sobre o papel do trabalho e a primazia do ser humano na construção e distribuição da riqueza.

As políticas de aprendizagem no Brasil são políticas distributivas de renda e de justiça social quando garantem condições de trabalho e remuneração adequadas às reais necessidades de jovens trabalhadores, e quando reduzem a pressão por sua inserção precoce e desqualificada favorecendo um melhor equilíbrio entre oferta e demanda de mão de obra.

Aprendizado, escola e universidade

Nas poucas oportunidades de ouvir a voz do jovem que vive o aprendizado no Brasil, o que percebemos é uma extrema coerência. Nas entrevistas e pesquisas a que tivemos acesso ficou claro que a grande maioria percebe o contrato de aprendizagem como uma oportunidade para o financiamento de seus estudos.

A questão central para eles não é a manutenção do emprego nem a complementação da renda familiar, nem a realização de projetos de consumo ou produção, mas sim poder concluir o ensino médio e/ ou cursar a universidade, presentes no imaginário e percebidos pelos jovens como a principal estratégia para a superação de uma profecia negativa de futuro, que todo jovem brasileiro pobre carrega desde o nascimento.

No entanto, a sobrecarga da transferência dessa responsabilidade para o próprio jovem reforça e reproduz as desigualdades encontradas na realidade, com os usos perversos que dela se faz. Por isso, são imprescindíveis políticas públicas de aprendizagem que se articulem com a ampliação da escolaridade, universalização do ensino médio e o acesso ao ensino superior dos jovens pobres, cujas famílias não podem subsidiar seus estudos sem comprometer sua própria subsistência.

A importância da inclusão tecnológica

É importante ressaltar o tema da inclusão tecnológica face às aceleradas mudanças geradas pela implantação das tecnologias digitais, que são rapidamente sentidas e absorvidas pelos jovens, sujeitos naturalmente mais sensíveis para a apropriação do novo, sejam ferramentas ou linguagens.

Hoje o computador representa um desejo social, e para o jovem com certeza tem esse valor. Mais que um ícone de con-

sumo, há na apropriação das tecnologias digitais um potencial emancipatório ainda não totalmente dimensionado, nem obrigatoriamente realizável.

A inclusão dessas novas tecnologias no sistema de ensino representa uma revolução que, para muitos pesquisadores, só é comparável com a aquisição da linguagem, desenvolvimento da escrita e invenção da imprensa. Com ela o aluno deixa de ser apenas um receptor de informação e conhecimento e se tornar, simultaneamente, um produtor.

A mediação não será mais feita apenas pelo professor, mas por meios tecnológicos em que jovem navega livremente e permite que o mestre possa se dedicar a tarefas mais nobres, voltadas para a construção ética e política do ser humano. O formato da sala de aula, a divisão das disciplinas, a construção dos currículos e a própria concepção do que é “estudar” deverão ser ressignificadas.

O mundo do trabalho não é menos impactado que a escola, e nesse momento o mercado se adianta na recepção e absorção dessas tecnologias. Assim, o aprendizado se torna um espaço, e para muitos o único espaço de uma inclusão tecnológica, fundamental para uma inserção digna e qualificada em um futuro que já chegou. Portanto, as políticas de aprendizagem também podem ser usadas como espaços estratégicos para a construção de uma cidadania digital emancipatória.

Conclusão

Alguns desses elementos já podem ser encontrados de forma fragmentada em políticas públicas implantadas nos últimos anos, em especial no decreto de regulamentação da lei de aprendizagem, nos novos investimentos em educação profissio-

nalizante e iniciação tecnológica, na oferta de subsídios e bolsas para a conclusão da formação básica e superior, na reestruturação do sistema nacional de aprendizagem, na discussão sobre a edição de um estatuto da juventude e na implantação de uma política nacional de juventude.

Essas iniciativas demonstram que vivemos uma transição entre paradigmas, em que a convergência e a articulação de diversas políticas setoriais poderão concretizar as promessas contidas em cada uma delas, desde que uma política nacional de juventude seja reconhecida como o centro de sua integração sistêmica.

Finalizando, é preciso reconhecer e fortalecer a juventude como um sujeito plural de múltiplos direitos, e, por isso mesmo, é melhor dizer “juventudes”. E para dar legitimidade e permanência às transformações desejadas é urgente trazer a dimensão da participação política para o primeiro plano, com a construção de políticas públicas de jovens, para jovens e, principalmente, com jovens.

Referências

Abramo HW, Branco PPM, (org.) Pesquisa: Perfil da Juventude Brasileira. In: Retratos da Juventude Brasileira, análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Perseu Abramo; 2005. p. 369 – 446.

Castro MG. Políticas Públicas por Identidades e de Ações Afirmativas: acessando gênero e raça, na classe, focalizando juventudes. In: Novaes R, Vanucchi P (Org). Juventude e Sociedade, Trabalho, Educação, Cultura e Participação. São Paulo: Perseu Abramo; 2004.

Frigotto G. Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidades, desafios e perspectivas. In: Novaes R, Vanucchi P (Org). Juventude e Sociedade, Trabalho, Educação, Cultura e Participação. São Paulo: Perseu Abramo; 2004.

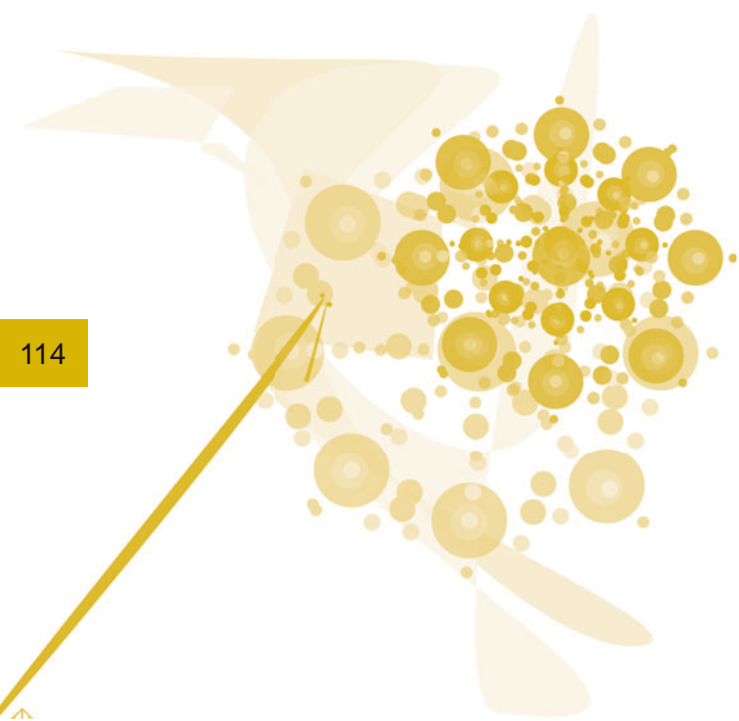
Juventude Brasileira e Democracia: participação, esferas e políticas públicas. IBASE; 2006.

Monitoramento e Avaliação do Programa Petrobrás Joven Aprendiz. FUNDAÇÃO ABRINQ e INDEX; 2008.

Pochmann M. Juventude em busca de novos caminhos no Brasil. In: Novaes R, Vanucchi P (Org). Juventude e Sociedade, Trabalho, Educação, Cultura e Participação. São Paulo: Perseu Abramo; 2004.

Ribeiro RJ. Política e Juventude: o que fica da energia. In: Novaes R, Vanucchi P (Org). Juventude e Sociedade, Trabalho, Educação, Cultura e Participação. São Paulo: Perseu Abramo; 2004.

Rodriguez E (consultor), diversos autores. Políticas Públicas de/ para/ com Juventudes. UNESCO; 2004.



Bloco Educador

Eles passaram a sonhar...
faz parte do processo, né?
Incentivar os jovens ao sonho...

[...] e já vem pessoas te perguntar
o que você quer fazer,
o que você quer ser,
falam que legal o que você esta fazendo,
olha fulano, ele leva jeito...

Eu acho que é importante pras ONGs formar
não funcionários e sim patrões, entendeu?
Isso é importante pro Brasil.

ENCONTROS DE REDE: O OLHAR DOS EDUCADORES PARTICIPANTES¹

Organizadora Rita Puosso

*Alan Costa Cardoso dos Santos
Alexandra Vicente de Assis
Aparecida Maria dos Santos Carvalho
Carla Terezinha S N Clementino
Caroline Carvalho da Silva
Célia de Cássia da Silva Moura
Cleonice de Almeida Pinto
David Ramos de Oliveira Zacarias
Edinalva Ribeiro de Abreu
Fábio Augusto Martins
Gisele Cassiano Rocha da Silva*

*Ivone dos Santos Garcia
Jeferson Vieira de Jesus
José Aécio Oliveira de Almeida
Juliana Paiva Pereira
Maria Urcicia das Neves
Marli Pereira dos Santos Teixeira
Raniel Elias de Oliveira
Regina Vorussi
Rita de Cássia Garção Puosso
Silmara Pivato Bortali
Vera Lúcia Cordeiro Heck*

117

Durante nove meses um grupo de educadores que atua com jovens em situação de risco participou de um processo, com cursos e encontros para a discussão da educação para o mundo do trabalho. Este capítulo nasceu do trabalho maravilhoso desenvolvido nesse período.

Educadores sociais, cada um com sua formação e visão, tornaram os encontros extremamente ricos, produzindo sementes de um trabalho que, certamente germinará e produzirá bons resultados.

As discussões foram muitas, as experiências compartilhadas, os especialistas ouvidos com muita atenção, e os educandos atendidos nos projetos foram recebidos com orgulho e esperança de um futuro mais justo e digno.

¹ Este texto é resultado de um processo de criação coletiva de 22 educadores de jovens em situação de risco, participantes do projeto “Educação para o mundo do trabalho entre jovens em situação de risco: conceitos e manejos.” (ver anexo).

O Artigo 58 do ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente diz: *“No processo educacional respeitar-se-ão os valores culturais, artísticos e históricos próprios do contexto social da criança e do adolescente, garantindo-se a estes a liberdade da criação e a juventude”*. Podemos dizer que o grupo reunido para esse curso se preocupa em cumprir esse artigo nos projetos em que exerce seu trabalho, pois entende que o jovem deve ter liberdade, respeito e participação no processo educacional, seja na educação formal ou não, conhecendo seus direitos e deveres, tornando-se, assim, cidadão.

Durante as discussões, o grupo percebeu que as reflexões giravam em torno de três eixos temáticos, que foram escolhidos para nortear este capítulo, que resume nossos encontros:

- 1 - Situação de risco
- 2 - Papel do educador
- 3 - Mundo do trabalho

No 1º Eixo, refletimos sobre a vulnerabilidade social que acomete o jovem. No 2º Eixo, buscamos refletir sobre a prática, o olhar e a escuta junto ao jovem e, no 3º Eixo, Mundo do Trabalho, refletimos sobre os desafios do jovem em situação de vulnerabilidade em inserir-se no mercado de trabalho e, também, os motivos que nos levam a criar programas de educação para o mundo do trabalho.

Situação de risco dos jovens

As famílias e, às vezes, o jovem, por iniciativa própria procuram um projeto com a expectativa de mostrar que são capazes, que podem vencer o preconceito e produzir, estudar, trabalhar, gerar renda.

Mas, no dia a dia, nós, educadores, nos deparamos com uma visão negativa sobre os jovens nas falas de familiares. Mui-

tas vezes são desvalorizados, criticados. Como nas falas: “árvores que dão frutos podres devem ser cortadas pela raiz²” ou “esqueçam que eu existo, já falei que eu não sou mais mãe dele. Ele que se vire sozinho³”. Os familiares, muitas vezes, parecem desacreditar do potencial dos filhos, ou estão cansados.

Ouvimos muitos depoimentos de jovens e de educadores, que sintetizam muito bem a importância de nosso trabalho e da visão de que precisamos considerar as características pessoais dos jovens, ter sensibilidade, lançar sempre um olhar atento, renovado, criar oportunidades onde se pensa que elas não existam.

Seja em uma ONG, no CRECA, no Abrigo, no Projeto Ambiental, nas parcerias com as grandes empresas, o importante é acreditar, valorizar, não esmorecer. Como canta Ivan Lins “Desesperar jamais, aprendemos muito nesses anos, afinal de contas não tem cabimento, entregar o jogo no primeiro tempo”.

Não podemos nos sentir impotentes quando falhamos. É claro que é doloroso, mas às vezes falhamos, não conseguimos atrair esses jovens para o mundo do trabalho, a estima deles está baixa demais, o seu mundo parece ter desabado e várias vezes são vítimas de preconceito dentro da própria família.

“Eu nunca me imaginei desse jeito, mas outro dia eu tava queimando e caiu uma pedrinha bem pequenininha, mas eu virei tipo um bicho... derrubei o quarto inteiro atrás da pedrinha⁴”.

“Eu aprendi que para educar meu filho eu preciso me reeducar⁵”.

2, 3 Fala de familiares atendidos.

4 Relato do jovem D., 17 anos, usuário de crack.

5 Relato da Sra. A., mãe de adolescente em atendimento, disse isso na presença do filho.

“Depois que eu e meu filho começamos a ser atendidos por vocês, percebi que eu deveria parar de usar drogas e álcool, se eu quisesse salvar meu filho e foi isso que eu fiz”⁶.

“Meu filho não mente para mim, só quando ele faz essas coisas”⁷.

“Não, só estou fumando uns 8 cigarros de maconha por dia”⁸.

As situações são sempre complexas. Os desafios que enfrentam já são demasiado grandes, e pensar a questão do mundo do trabalho no contexto desses jovens torna a tarefa dos educadores mais árdua. Mas, isso não é motivo para que os educadores sociais desistam, muito pelo contrário. Encontramos forças para continuar, pois são vidas em nossas vidas, encontros que o destino nos reservou. Escolhemos o caminho do bem, do social, do ouvir, atender, cuidar e já não podemos escapar mais. É um trabalho lento, de formiguinha, que, aos poucos, vai se ampliando, formando elos, se concretizando.

O papel do educador

O trabalho dos educadores mostra experiências carregadas de conquistas, às vezes pequenas, mas significativas. O educador se envolve, comemora os ganhos, mas também lida com suas impotências. Às vezes reconhecer os talentos do jovem, já faz diferença. Isso é visível nos relatos que compartilhamos com o grupo:

⁶ Relato da Sra. R., mãe de adolescente em medida sócio-educativa.

⁷ Relato da Sra. E., mãe de adolescente que aos 12 anos infracionou pela 3ª vez, em menos de 2 anos.

⁸ Relato de D., jovem de 18 anos respondendo à sua orientadora se estava usando drogas.

“Tem um relato bem simples, que me marcou bastante. Um adolescente veio transferido de outro educador [...] vi que ele era muito reservado e que não dava abertura para entrar muito em questões pessoais, aí foi o momento que eu peguei as notas e a frequência dele na internet e confirmei que ele estava muito bem, se destacando em relação aos outros na escola, mostrei a ele e seu sorriso largo me emocionou, foi assim que eu consegui conquistá-lo e ele começou a se expressar aos poucos. Agora ele está encerrando a medida de uma maneira satisfatória e eu percebi que a partir das dificuldades desse jovem eu achei algo de positivo, vi um resultado na vida dele⁹”.

“Estou na entidade há pouco tempo, estou aprendendo. Tem uma criança que era muito rejeitada por todos, sempre ia muito suja, pais separados, eu observei, me aproximei e um dia dei um sorriso para ele, então ele disse: ela sorriu para mim. Quero dizer que ele era tão rejeitado lá dentro que um sorriso... (silêncio) para a gente é muito gratificante e emocionante ver uma criança que por um simples sorriso que recebe ela considera o máximo¹⁰”.

Para o educador, o jovem possui conhecimentos e habilidades que podem ser aprimoradas, mas muitas vezes nem o jovem reconhece isto. É através do vínculo com o jovem, com seus sucessos, que o educador conquista confiança e ganha terreno para trabalhar.

“- Olha dona, a única coisa que eu tenho que dizer é que se eu consegui foi porque a senhora me ajudou.

E respondi:

- Não, você se propôs dessa vez a ser responsável, saber que tinha que terminar, tinha que cumprir pela primeira vez,

então o mérito é todo seu. Parabéns! E acho que agora é vida nova.

E ele diz:

- É, e inclusive eu já passei na escola, e consegui minha vaga para voltar a estudar.

O meu objetivo com aquele menino e meu desafio maior eu consegui ¹¹”.

Mundo do trabalho

“Vou falar um pouco do eixo situação de risco e o mundo do trabalho. Temos o PET (Programa de Educação para o Trabalho) na ONG em parceria com o SENAI. Havia uma aluna extremamente tímida, muito humilde, com os dentes tortos. Conseguimos incluí-la no Programa Ação Jovem e ela passou a receber uma bolsa de R\$ 60,00 por mês. Foi muito emocionante quando ela me mostrou os aparelhos dentários que havia colocado graças à bolsa e ainda me disse que ajudava um pouco em casa. Essa jovem despertou nas aulas de maneira maravilhosa, fala mais, se expressa, tem ótimas notas. É maravilhoso! Às vezes não imaginamos a grandeza do nosso trabalho e as dificuldades e os problemas diários nos consomem e, por vezes, não nos deixam enxergar pelos múltiplos olhares que precisamos ter no trabalho social; precisamos reconhecer que formamos cidadãos e esse exemplo é muito bacana¹²”.

O mundo do trabalho tem suas regras próprias. Rotinas, resultados, muitas exigências. E os jovens, para ingressarem nele, passam por um processo de adaptação difícil. Muitas vezes

9, 10, 12 Fala de educador do grupo.

¹¹ Conversa de um educador com jovem atendido.

não possuem os requisitos mínimos na visão do empregador: “não falam direito”, “não se comportam bem” e competem com outros jovens que tiveram condições de vida mais favoráveis.

Às vezes as competências que possuem não são reconhecidas.

“Tem um jovem que a gente atende, ele só tem 11 anos e está fora da escola; foi expulso da escola; esse menino está fora da escola há três anos, praticamente ele não é alfabetizado, e, segundo a escola, ele não consegue aprender. O mais engraçado disso é que ele anda de ônibus por São Paulo inteiro, ele compra bolacha, tem noção onde é o norte, o sul, e ele não anda só no seu bairro ele vai para o centro. Essa relação que os pais fazem que a escola é aquela ponte para conseguir um trabalho, para não ficar nas ruas, como fica neste caso? ¹³”.

Outros jovens conseguem ingressar em trabalhos formais e desenvolvem suas habilidades. Mas muitos enfrentam problemas nos locais de trabalho.

“A dificuldade que esses jovens enfrentam, o preconceito nas empresas, acabam sofrendo. O desprezo que enfrentam, quando chegam num ambiente, ninguém dá atenção¹⁴”.

Os educadores buscam criar alternativas que respeitem os interesses dos jovens, mas enfrentam os limites impostos pelo mundo, que preza resultados. Crescem outras formas de incentivo para o trabalho do jovem, apostando mais na criação de seus próprios empregos, em uma postura mais empreendedora.

^{13, 14} Fala de educador do grupo.

Afinal, o risco que corremos, se não juntarmos forças, é ainda ouvir depoimentos como este:

“O que você ganha se matando em um mês, eu ganho em um final de semana¹⁵”.

Já com saudades dos encontros, porém com a oportunidade de deixarmos registrados alguns dos nossos bate-papos, idéias e depoimentos, deixamos para a conclusão um depoimento de quem é para nós a mola mestra de nosso trabalho: o jovem em situação de vulnerabilidade, sem nos esquecermos da importância de trabalharmos também com suas famílias qualquer que seja o seu arranjo.

“Eu gostaria de trabalhar, comprar um carro e uma casa. Deixar de dar sofrimento para minha mãe, mas não é fácil sair dessa vida¹⁶”.

Em alguns momentos precisamos superar nossas fraquezas, aceitar nossos fracassos, superar nossos preconceitos, acreditar, ter força, caráter, empenho, apoio da Rede Social que está cada vez mais ampla e encarando com seriedade e profissionalismo o Jovem em Situação de Vulnerabilidade.

Referências

Estatuto da Criança e Adolescente – ECA. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L8069.htm>.

Lins I. Despertar Jamais música disco Cantando Histórias 2004.

¹⁵ Frase dita por um adolescente que se encontra envolvido com o tráfico de drogas.

¹⁶ Relato do jovem J., 18 anos, quando questionado sobre seus planos para o futuro.

CIDADANIA: SENTIMENTO DE PERTENCER

Roberto Carlos Madalena

“A cidadania expressa um conjunto de direitos que dá à pessoa a possibilidade de participar ativamente da vida e do governo de seu povo. Quem não tem cidadania está marginalizado ou excluído da vida social e da tomada de decisões, ficando numa posição de inferioridade dentro do grupo social ¹”.

Os sentimentos de pertencimento colocam o ser humano em uma posição fundamental diante da vida social, econômica e política, perpassando pela vivência do ter, possuir ou não ter, não possuir. Conseqüentemente, é através desse paradigma social que os lugares das pessoas, na sociedade são postos, de maneira quase definitiva, assumindo e garantindo uma posição social política, econômica e cultural, que muitas vezes parece eliminar o processo na vida. Seria o determinismo ² o responsável pela acomodação das pessoas em não acreditar que a vida é um processo?

O processo garante constantes mudanças, provoca modificações na vida individual e coletiva e não uma posição fixa na sociedade, já que a vida é uma sucessão de experiências, armazenadas através das gerações, devendo estimular o livre-arbítrio.

A cidadania, antes de ser um conceito, é um desejo que precisa de oportunidade para se manifestar através da relação

¹ Dallari DA. Direitos Humanos e Cidadania. São Paulo: Moderna, 1998. p.14.

² **Determinismo** é a doutrina que afirma serem todos os acontecimentos, inclusive vontades e escolhas humanas, causados por acontecimentos anteriores, ou seja, o homem é fruto direto do meio, logo, destituído de liberdade de decidir e de influir nos fenômenos em que toma parte. Enciclopédia Wikipédia.

entre as pessoas, garantida como direito.

Acreditar que não podemos mudar o nosso comportamento, nossa posição social ou história é justamente o que não alimenta as ONG's que trabalham com jovens, pois, para elas, pessoas são muito mais do que genética, meio e momento, e apostam no investimento rumo ao crescimento pessoal e a transformação.

De acordo com Jung, as relações humanas são determinadas pelo "inconsciente coletivo" (reservatório de imagens latentes, chamadas arquétipos ou imagens primordiais, que cada pessoa herda de seus ancestrais). Será que haveria sentimentos, idéias coletivas que contribuiriam para uma inércia social? As teorias são referências para pensamentos, mas não são dadas como acabadas. Discutir e praticar a cidadania também se constrói, e se legitima, e é um processo que se inicia e não se quer mais largar.

126

Cidadania e o sentimento de ser cidadão, significa, então, refletir sobre o papel social de cada um, garantindo, não somente os aspectos legais, mas também reelaborar o sentimento de exclusão social, de quem está dentro e de quem está fora da vivência dos direitos de cidadão.

No caso específico de jovens em situação de risco social, vivendo em condições socioeconômicas miseráveis, os benefícios de ser cidadão previstos em nossa constituição, garantidos pelos direitos universais, são negados ou não assumidos. Nesse caso, a vivência é ao mesmo tempo estar fora e estar dentro de um esquema político, social e econômico, que garante esse "pertencimento de se sentir fora", excluído. Será que não existe um benefício social por trás dessa fantasia ideológica? Será que não é uma forma de racionalização para justificar o que vemos acontecendo em nossa sociedade?

O pobre não tem o seu lugar! Será? É nas periferias,

guetos e cortiços, nas ruas, que o “inconsciente coletivo” de exclusão garante um sentimento imutável, e as mudanças só se manifestam no campo do imaginário, dos sonhos. Sonhar é um privilégio para um número incontável de seres humanos que vagueiam pelo mundo subjetivo, alucinando, pela cidade ou pelos pátios da loucura dos hospitais psiquiátricos.

Dizem que a criança e o jovem são o futuro da história. Será que é possível mudar o rumo da história? Acreditar numa possível transformação, e que uma nova história possa ser construída, de forma bem diferente, tem sido o objetivo principal das oficinas com os jovens, estimulando um encontro com o potencial individual e coletivo, e promovendo uma mudança no espaço coletivo, que se estende nos diálogos até a Família, a Escola, o grupo de amigos, e, quem sabe, nos sonhos.

A criação do nosso planeta, diz a ciência, ocorreu devido a uma explosão no universo, o big-bang. Da mesma maneira precisamos atingir o coletivo através de uma explosão de idéias, e efetivar os direitos, atrelados aos deveres, desmitificando a idéia de que só os super-heróis são capazes de lutar pelos fracos e oprimidos, tornando nossa força consciente, pois é no inconsciente coletivo que está o conjunto de necessidades/potencialidades reprimidas em todos os indivíduos que formam uma coletividade.

As histórias em quadrinhos são uma linguagem juvenil que servem como ferramenta essencial nas discussões das relações do jovem com ele mesmo e com a sociedade. A exemplo de personagens que estão relacionadas aos super-heróis, com suas super-aventuras, é despertado o desejo de liberdade, que rompe as barreiras sociais e naturais, impostas socialmente. Eles fazem o que gostaríamos de fazer, mas não fazemos: desafiar o mundo.

Sendo assim, cada jovem ganha força em nossos encontros, pois garantimos a individualidade na coletividade, ou seja,

nas relações micro e macro adquirindo consciência e liberdade. Tal como Marx colocou, a consciência do que não é consciente é fundamental para o processo de libertação humana: *“É preciso tornar a opressão real mais opressiva, acrescentando-lhe a consciência da opressão; é preciso que a vergonha se torne ainda mais vergonhosa, apregoando-a. (...) É preciso mostrar e ensinar ao povo a assustar-se de si próprio, para infundir-lhe coragem”*³.

Nos encontros com jovens, o diálogo é capaz de fazer fluir a inquietude. Aos poucos, deixam de ser grupos silenciados, permitindo a construção de um sentimento de apropriação do conhecimento sobre a sua história social, e estimulando a construção de um Projeto de Vida. Assim, vão fortalecendo-se para a preparação e formação para o Mundo do Trabalho, entendendo a sua lógica e conquistando a autonomia necessária para a sua realização enquanto ser coletivo. Ao conhecer-se e reconhecer-se enquanto ser social, o jovem torna-se consciente da sua cidadania, através da autonomia, fundamentada nos primórdios da filosofia grega, ilustrada no diálogo entre Sócrates e Ménon: *“numa Praça de Atenas, o mestre insiste que o escravo Menon deve procurar, nele mesmo, a resposta (...) o discípulo é quem deve descobrir a verdade...”*⁴

Os jovens que vivem em complexas situações de risco, às vezes, não vêem caminhos para conquistar a liberdade. Então, buscam formas de serem reconhecidos no espaço a que pertencem, assumindo literalmente o seu papel. Nos grupos juvenis de contestação encontram os caminhos para lutar pela sua cidadania, através de letras de rap, graffiti, pichação, cometem atos ilícitos (roubo, furto, etc), e assumem posturas que agridem a sociedade. Usam gírias, posturas, vestimentas e comporta-

³ Marx K. Crítica da Filosofia do Direito de Hegel. Introdução. In: Revista Temas de Ciências Humanas. nº 2, 1977, p. 4.

⁴ Gadotti M. Escola Cidadã. São Paulo. Ed. Cortez, 1997, p. 9-10.

mentos que representam o mal, buscando intimidar a sociedade que, segundo eles, os excluem. E pagam caro por essa suposta exclusão. Mas ao mesmo tempo, talvez esta os coloquem no seu devido lugar social. Será?

Entendemos que esse lugar de vivência é estigmatizado por parecer estar à margem. Mas, ao mesmo tempo, ser marginal é um espaço que garante e legitima um papel social.

Outro aspecto importante na conquista da cidadania é a comunicação que assume uma importância fundamental na relação dos jovens com a sociedade. A falta de comunicação é uma das formas mais alienantes que não garante pertencimento. Com a comunicação os jovens podem conseguir um novo papel na sociedade, se apropriando da sua historicidade, sendo um ser atuante, que sabe dos seus direitos e deveres, renovando o seu pensamento, modificando a sua própria história. Os jovens podem resgatar sua autonomia através da autoconfiança, conquistada com sua aprovação enquanto ser coletivo e pela auto-estima preservada e legitimada no grupo.

O estar dentro e fora é um sentimento a ser mais bem estudado, pois a cidadania perpassa o campo ontológico e histórico da palavra, caminha pelo campo psicossocial das relações de pertencimento, como direito ou como herança arquetípica de uma sociedade estratificada. Você está dentro ou está fora?

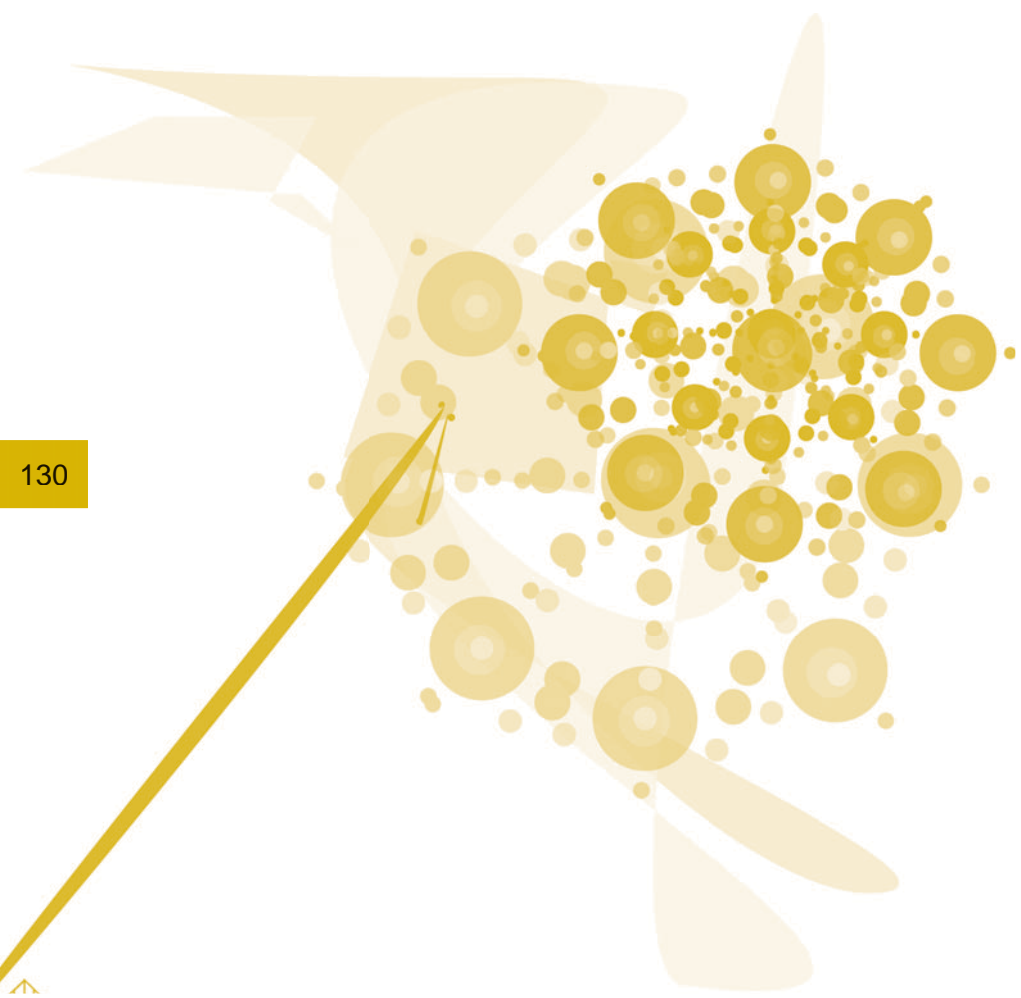
Referências

Dallari DA. Direitos Humanos e Cidadania. São Paulo: Moderna;1998.

Gadotti M. Escola Cidadã. São Paulo: Cortez; 1997.

Marilza Mestre RCP. As Representações sociais e o inconsciente coletivo: Um Diálogo entre duas linhas teóricas, Curitiba. Revista Psico UTP Online.nº 4, 2004.

Marx K. Crítica da Filosofia do Direito de Hegel. Introdução. In: Revista Temas de Ciências Humanas. nº 2, 1977.



PROJETO DE VIDA: O QUE VOCÊ QUER PARA SUA VIDA?

Aline Jardim Vasconcelos

“Eu quero trabalhar, estudar e ter a minha família¹”.

Muitos jovens chegam com essa fala no Projeto Quixote. Mas será que é isso mesmo que eles querem para suas vidas, ou será que acham que é isso que nós queremos para a vida deles?

O Projeto de Vida é um planejamento, é a busca do caminho que uma pessoa deseja ou tem a possibilidade de trilhar. Construir o Projeto de Vida significa a tentativa de realização de sonhos e desejos, que podem ser vividos no presente e, claro, também no futuro.

O Projeto de Vida dá sentido a existência do jovem, porque envolve o próprio cuidado com sua vida, e sua perspectiva diante das oportunidades que o mundo pode oferecer.

É interessante pensar na construção de oportunidades, nas articulações possíveis destas e no envolvimento em novos grupos sociais, na busca por outras relações e contatos, que podem ser um meio para o jovem ter autonomia na realização do seu Projeto de Vida.

Inicialmente, quando pensamos em Projeto de Vida, podemos ser tocados por uma idéia complexa de longo prazo, constituída por um emaranhado de relações que definem a expressão da subjetividade no mundo objetivo e concreto.

O Projeto de Vida tem a ver também com a relatividade da realidade em que vive uma pessoa, a sua realidade pessoal

¹ Relato de um jovem, participante do Projeto Quixote.

diante do mundo social e com suas oportunidades e limitações. O Projeto de Vida de um jovem é integrado por pequenas e importantes reflexões e ações, que irão significar a própria existência, o próprio sentido de estar vivo e de ir em busca de novas realizações.

O acolhimento

O Projeto Quixote (QXT) é freqüentado por jovens com situações de vidas diversas, que chegam para os nossos grupos, muitas vezes, sem sonhos, com poucas expectativas dentro e fora dessa organização, ou nenhum Projeto de Vida.

Dentro do QXT, os jovens têm a oportunidade de, inicialmente, participar do grupo de acolhimento, composto por uma equipe multidisciplinar que, por meio de um trabalho integrado, busca oferecer-lhes alternativas e diferentes experiências.

No grupo de acolhimento, os educadores experimentam vivenciar com eles, atividades que transitam nas diferentes linguagens. Portanto, o objetivo do grupo é acolher e proporcionar aos jovens que, de alguma maneira, encontrem a sua linguagem para expressarem novas histórias no mundo.

É interessante pensar em Projeto de Vida, como algo flexível, e que pode ter início na própria participação do jovem no QXT, ou seja, o fato de o jovem freqüentar nossa organização já pode ser considerado uma nova possibilidade e, também, parte do seu Projeto de Vida.

É importante, ainda, o acolhimento entre os jovens, porque isso é o que legitima a participação em um grupo. Nesses encontros buscamos que o espaço de acolher seja experimentado por todos, diante de suas falas sobre suas experiências e de suas atitudes com o grupo.

E como transformar sonhos em realidade?

*“quando eu tiver setenta anos
então vai acabar esta minha adolescência
vou largar da vida louca
e terminar minha livre docência
vou fazer o que meu pai quer
começar a vida com passo perfeito
vou fazer o que minha mãe deseja
aproveitar as oportunidades
de virar um pilar da sociedade
e terminar meu curso de direito
então ver tudo em sua consciência
quando acabar esta adolescência”².*

O Projeto de Vida pode ser transformado e redesenhado conforme o momento em que o jovem se encontra. Quando trabalhamos com o mesmo, devemos estar atentos àquilo que faz sentido para ele. O Projeto de Vida de um jovem deve ter significado para ele no contexto de sua história.

A importância de existir um grupo de acolhimento no QXT, é evidente, já que, nesse espaço, os jovens têm a oportunidade de exporem suas situações de vida, e por meio de atividades que abordam diversas linguagens, encontrar sentido naquilo com que ainda não tiveram contato.

“Estou aqui porque o meu amigo me disse que era legal”³.

“Quero participar do Quixote Jovem”⁴.

“Estou feliz hoje porque vou participar das oficinas de graffiti e break”⁵.

² Paulo Leminski, 1983.

^{3, 4, 5} Relatos de jovens participantes das oficinas do Projeto Quixote.

Os educadores

O papel do educador é vital como mediador, como “fazedor” de boas perguntas que instigam o olhar curioso. Também como criador de vínculos e de um espaço pedagógico acolhedor, em que possa construir-se (educando-se enquanto aprendiz).

A ação dos educadores que estão junto com estes jovens também é muito importante, pois a disponibilidade para lidar com situações diversas, com diferentes pessoas, e ver cada jovem em sua singularidade e história de vida é essencial na criação de um vínculo verdadeiro e de confiança.

O grande instrumento de trabalho do educador é sua disponibilidade interna e, também, sua mediação, que pode possibilitar o diálogo entre o que o jovem trás consigo e aquilo que aquele quer instigar.

As atividades propostas são algumas vezes uma integração do desejo dos jovens com o desejo dos educadores: muitas vezes, propostas simples, que são um meio para chegarem a outros lugares...

É comum certa apatia no desenvolvimento das atividades, aprender a lidar com a negação e a resistência dos jovens frente a uma proposta de trabalho faz parte do Projeto de Vida, e da ação educativa, que busca sempre considerar aquilo que os jovens trazem de conhecimento.

É importante estar atento e sensível ao que os jovens expressam na sua corporeidade, nas suas gírias, nas suas histórias, e também no silêncio, que é muito comum em nossos grupos.

O nosso olhar junto com o olhar do jovem

No QXT, os jovens podem encontrar diversas alternativas: têm a oportunidade de escolherem oficinas que se aproxi-

mam dos seus desejos. Muitas vezes chegam a esses grupos apenas para experimentar e, surpreendentemente, se identificam e assumem o compromisso de integrar um grupo.

Junto ao desejo do jovem há o olhar da equipe multidisciplinar, que busca construir o projeto terapêutico de acordo com o olhar clínico, social e pedagógico integrados, a partir das necessidades observadas e experiências compartilhadas.

A questão do trabalho muitas vezes faz parte realmente daquilo que alguns jovens buscam para suas vidas, enquanto projeto. Essa característica pode estar presente desde que o jovem chega ao Quixote, mas acontece também após o contato em nossos grupos, com outros jovens, com pessoas que vivem em uma perspectiva de vida diferente.

É interessante perceber que nem todos querem, ou estão preocupados com o mundo do trabalho. Precisamos estar sensíveis e próximos para reconhecer aqueles que desejam isso e aqueles que não desejam. Entre essas alternativas, buscamos conhecer os jovens que participam do nosso projeto e, principalmente, ouvi-los, para que realmente o nosso trabalho aconteça com significado.

Mais uma tarde de acolhimento...

Hoje, ao escrever, lembro com alegria de fazer parte de uma história real que ainda acompanho no QXT. O jovem chega ao nosso grupo, vestido de cores escuras e expressão fechada, sério e sem olhar em nossos olhos... Participa da atividade proposta ao grupo, mas interage apenas quando chamado. Faz em silêncio, e sem perguntas.

Volta muitas outras vezes ao grupo e continua calado... Fica algum tempo sem vir... E quando volta vem acompanhado pela namorada, e por um amigo. Ela participa de apenas um dia

do acolhimento e não fica...

Ele continua freqüentando sem ela, e começa a agir diferente, inseparável do amigo, inclusive ainda hoje. Juntos no grupo começam a falar com outras pessoas...

Logo escolhem a oficina de break e aprendem a dançar. Em seguida, descubro que estão juntos no grupo de break do QXT, rumo ao Rio de Janeiro, para uma apresentação! Sei que ele também foi selecionado para participar do Quixote Jovem!⁶ Vejo que vai quase todos os dias ao QXT! Sempre participa das festas e dos passeios e idas ao teatro.

Sua aparência mudou muito; agora tem cores, é mais alegre e anda junto a muitos outros jovens, meninos e meninas.

Ele realmente “tá” muito diferente!

Há poucos dias o vi, todo arrumadinho, camisa e calça social e mochila nas costas, é claro junto de seu amigo inseparável. Fiz um elogio pra eles: “Vocês estão bonitos hein!”.

Ele respondeu: É claro, sempre!

Referências

Ferre Z. Educadores dos Novos tempos. In: Bedoian; Lescher (org) Conceitos e estratégias para o atendimento de crianças e jovens em situação de risco. São Paulo; 2007.

Freire P. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1970.

Freire P. Pedagogia da Autonomia. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1997.

Leminski P. In: <http://www.gropius.hpg.ig.com.br/leminski.htm> [acessado em 03/10/2008].

Vigotsky LS. A Formação Social da Mente. O desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores. São Paulo Martins: Fontes; 1991.

⁶ Quixote Jovem – Programa de Educação para o mundo do trabalho do QXT.

PLANEJAR É PRECISO, E VIVER É PRECISO TAMBÉM!

Tokie Ueda Robortella

*“Cheguem até a borda, disse ele.
Eles responderam: - Temos medo!
Cheguem até a borda, ele repetiu.
Eles chegaram, ele os empurrou...
e eles VOARAM...¹”*

A falta de visão de futuro na vida dos jovens em situação de risco social relaciona-se a baixa auto-estima, a “inércia” social, através da acomodação, econômica, política e cultural, a falta de valores profundos na vida. Não sabem planejar o futuro ou não acreditam nele, não estipulam objetivos e metas; só acreditam em mudanças de endereço e nada mais.

Ao ingressar em um Programa de Educação para o Mundo do Trabalho, o jovem precisa aprender e apreender o sentido de planejar, estipular metas, objetivos, e resgatar os valores da vida. Para isso, as atividades básicas que envolvem o cotidiano mais simples e o ambiente profissional mais sofisticado devem permear os encontros nas aulas. Esse é um processo educacional em que input e output são mediados por situações que direcionam para um aprimoramento das competências básicas e estimulam o desenvolvimento das habilidades, através de dinâmicas, textos, casos de sucesso.

Cada jovem tem um ritmo próprio, muitas vezes querem resultados imediatos, pois acham que devem aproveitar o tempo. O motivador das ações pode ser a necessidade de

¹ Cyro Rodrigues Barretto. <http://www.perspectivas.com.br/17e.htm>. T&D - abril de 1999.

auto-realização pessoal e social, ou mesmo necessidades financeiras. Isso explica muitas vezes se lançarem no mundo informal das relações de trabalho, optando momentaneamente pela ilegalidade (tráfico de drogas, prostituição, bicos, etc).

Para mudar esse perfil presente em grande parte dos jovens, faz-se necessário construir um plano coletivo e um individual garantindo que o grupo consiga ao mesmo tempo atingir as metas e objetivos gerais iniciais, que ajudaram a direcionar o trabalho, ganhando legitimidade entre os participantes, além das metas e objetivos pessoais, que devem estar atreladas à realidade na qual o jovem está inserido.

Assim, começamos pelo diagnóstico construído por uma equipe multidisciplinar com o jovem, através de conversas e atividades que serão importantes para entender melhor se o que jovem procura realizar é um sonho, uma vontade ou realmente um desejo. O diferencial é o grau da motivação que garante o passo a passo e se realmente será capaz de continuar mesmo diante de circunstâncias externas como pressão do grupo de amigos, familiar e etc.

Descobrir e fortalecer as potencialidades dos jovens e desenvolver suas habilidades garante, no percurso do desenvolvimento do projeto de vida, descobrir quais são as suas forças pessoais (vontade de vencer, entusiasmo, perseverança, facilidade de comunicar-se, etc), e suas fraquezas (preguiça, traumas de infância, auto-suficiência, insegurança, timidez, descontrole financeiro, etc). Uma vez identificadas suas fraquezas, pode-se aproveitar melhor as oportunidades, como diz um ditado popular: *“quem não sabe o que procura, não vê muitas vezes o que encontra”*.

Muitas vezes os jovens buscam um sonho motivado por razões externas, por exemplo: querem ser educadores, porque gostam de como os educadores o orientam; querem ser psicólogos, pois associam a pessoa à resolução de problemas diversos

da vida, e muitos não querem ser o que a maioria dos seus pais são, como: faxineiros(as), porteiros, traficantes, catadores de lixo, etc. Esse pensamento é legítimo, mas a falésia na vida deles é tão grande que, as vezes, não desenvolveram suficientemente as competências básicas para aguentarem uma situação trivial de rotina de trabalho, que incluem relações que não exercitaram na vida. Como diz Kao Feng: “*O mundo é uma cratera em chamas. Com que estado mental pode-se evitar ser queimado?*”²

Inserir-se no mundo do trabalho não resolve de vez os problemas da vida, o que precisa ser feito é um acompanhamento e planejamento no período pós-inserção, algo como planejar uma carreira profissional, como administrar o tempo, como administrar o dinheiro, etc.

Alguns passos são importantes ao caminhar no mundo do trabalho: os jovens, por não saberem escolher cargos, empresas, profissões, se omitem, ou acham muito difícil a inserção. Observam as dificuldades na vida dos seus pais, ou pessoas próximas que relatam situações com as quais teriam muitas dificuldades, desde exigências simples até posturas mais complexas.

Portanto, algumas etapas são necessárias, tais como:

1) Aprender a conhecer o mundo do trabalho: o que é uma empresa, a sua estrutura e hierarquia, regras e normas vigentes; perfil e atribuições dos cargos.

2) Aprender a fazer (executar) ser bom funcionário (pontual, assíduo, cumpridor de regras, ter iniciativa); ser pró-ativo; saber se comportar em uma entrevista; elaborar currículo; saber participar de dinâmica de grupo para seleção; como se comportar no primeiro dia de trabalho; como executar as tarefas e atividades; como utilizar a informática como ferramenta de trabalho.

²Lou Marinoff. Mais Platão, menos Prozac. Rio de Janeiro: Record; 2006. p.121. [traduzido por Ana Luiza Borges].

3) Aprender a viver junto: respeitar os colegas em sala de atividade; ter bom relacionamento com colegas de trabalho; inspirar confiança; ter espírito cooperativo com os colegas.

4) Aprender a ser: ter posturas e atitudes positivas no ambiente de trabalho; ser educado e ter comportamento adequado para trabalhar em empresa; ser você mesmo no mundo empresarial e corporativo.

Mas nenhum Projeto de Vida é linear. Nenhum progresso é linear. Nenhuma caminhada é linear. O percurso é feito aos saltos, rupturas descontínuas. Portanto, é preciso que cada um tenha a liberdade de avaliar sempre e por si só o seu processo, a sua vida, isto é, se auto-avaliar, regular sua ação e interferir no processo, transformando-o. Será somente através dessa vivência que os jovens poderão alcançar o sucesso individual e coletivo.

Referências

Barretto CR. <http://www.perspectivas.com.br/17e.htm>. T&D - [acessado em 01 abril 1999].

Deleuze G, Gattary F. O que é a Filosofia. São Paulo: Ed. 34; 1996.

Elias MN. Sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1994.

Lou Marinoff. Mais Platão, menos Prozac. Rio de Janeiro: Record; 2006. p.121. [traduzido por Ana Luiza Borges].

NO MUNDO DO TRABALHO QUEM NÃO SE COMUNICA, SE TRUMBICA

Roberto Carlos Madalena e Zilda Rodrigues Ferré

O homem, como um ser social, precisa se comunicar e viver em comunicação, para trocar conhecimentos e experiências, o que, o leva a assimilar e compreender o mundo em que vive, dando-lhe meios para transformá-lo.

Ao acumular as experiências de sua comunidade, o homem vai construindo uma cultura, que é transmitida de geração para geração. Para transmitir sua cultura, para suprir suas necessidades e buscar a melhor expressão de suas emoções, suas sensações e seus sentimentos, o homem se viu diante de certos desafios: um deles foi o de criar e desenvolver uma maneira de comunicar-se com seus pares, através da criação de símbolos e signos de vários tipos.

Comunicação é o ato em que pessoas compartilham informações, conhecimentos, sentimentos, opiniões. Dessa forma, interagem e, ao fazê-lo, influenciam e são influenciadas, o que faz com que se modifiquem.

Podemos nos comunicar de muitas maneiras: gestos, expressão corporal, sons, palavras. Mesmo regidos pela escrita, meio formal de comunicação, com leis, códigos e contratos, a realidade em que vivemos nos cerca de imagens e nos bombardeia o tempo todo com vários tipos e meios de comunicação. Muitas vezes, não nos damos conta de que tudo isso ajuda a construir e acaba fazendo parte do modo do pensar e sentir do jovem.

A comunicação é um espaço de afirmação e auto-reconhecimento. Todo ato comunicativo está relacionado com a leitura que temos de nós mesmos e do mundo.

Como o jovem se comunica hoje?

Vários fatores históricos contribuíram para a constituição das formas de comunicação da juventude. Diferentes formas de linguagens, em diferentes contextos, transformam as diversidades lingüísticas em algo comum. Isso ocorre devido aos meios de comunicação, que têm facilitado o encontro de diferentes regionalidades e nacionalidades, estimulando um aprendizado que antes era atribuído somente à escola em seu ambiente privativo, e que a realidade contemporânea já não comporta. Esse processo social, em que a nova geração está mergulhando ao nascer, põe em cheque as formas de se comunicar já estabelecidas, os comportamentos, os estereótipos, o modo de ver e pensar o mundo. A internet alterou os paradigmas da comunicação. Hoje, os jovens se conectam com vários pontos rapidamente, podem trocar imagens e idéias com facilidade e unir-se a grupos distantes, com novos códigos.

O jovem, estimulado a ser um cidadão crítico, entra em conflito com estruturas conservadoras, principalmente quando tem que estabelecer uma ligação entre sua relação social mais próxima (família, amigos, etc.) e o mundo do trabalho. Em geral encontra uma fronteira que separa mundos diferentes, marcados, por outras formas de se expressar, vestir, se portar e, entre esses extremos, busca um lugar, uma identidade própria. Portanto, se quisermos formar um cidadão crítico, temos que nos preocupar com as relações que o jovem estabelece com o meio.

A comunicação é um elemento fundamental no processo de inserção do jovem no mercado de trabalho, mas, muitas vezes, tem ocasionado a não inclusão no mercado formal de grande parcela da população. O processo de seleção exige um preparo que vem sendo cobrado pelas empresas contratantes, principalmente na área de serviços, em que saber se comunicar é a chave do sucesso.

Um jovem passou um ano em processo de aprendizagem em uma empresa. Em suas tarefas necessitava de um elemento fundamental, a comunicação, pois precisava circular por diversos andares, e fazer contatos com várias secretárias. Mas encontrou dificuldades, ficando conhecido como “mudinho”.

Esse caso ilustra a dificuldade que vai além da aprendizagem objetiva da língua, e passa, também, por aspectos subjetivos do jovem. No caso, o tempo e um processo de acompanhamento mais sistemático pode ajudá-lo, garantindo um desenvolvimento e a promoção, mais tarde, para um cargo que faz a mediação entre o cliente interno e o externo.

Mas nem sempre os jovens conseguem apoio para desenvolver suas habilidades e acabam perdendo oportunidades de crescimento. A comunicação está muito relacionada a capacidade de trabalho em equipe, autonomia, negociação, presentes em todas as relações sociais. Ela é fundamental para expressar angústias, desejos, aprendizagens. Quanto menor a possibilidade de expressão, mais limitada serão as trocas com o mundo.

Pensar como orientar esses jovens que estão no mercado de trabalho para uma comunicação melhor, seria um bom caminho para melhorar as relações. Precisamos criar um novo enfoque de educação e qualificação profissional para os jovens, principalmente o de família pobre, que emerge de situações complexas sociais, econômicas, políticas e culturais. Muitas vezes, os programas educativos se preocupam com conteúdos específicos e esquecem de provocar a aprendizagem em campos mais básicos, que são alicerces para toda a aprendizagem.

Comunicação, linguagem e cidadania são pontos fundamentais nos processos de formação, pois garantem o acesso a diferentes contextos sociais, e, principalmente, são ferramentas para o aprendizado das necessidades do mundo do trabalho, como os conhecimentos em informática e línguas estrangeiras.

Às vezes, o necessário é o reforço na utilização do português na comunicação oral e escrita.

De acordo com Chiavenato: *“O homem é considerado um animal dotado de necessidades que se alternam ou se sucedem conjunta ou isoladamente. Satisfeita uma necessidade surge outra em seu lugar e, assim por diante, contínua e infinitamente. As necessidades motivam o comportamento humano dando-lhe direção e conteúdo ¹”*.

Com o exercício da linguagem, com a necessidade de se expressar, vem a motivação para o aprimoramento. Assim, a interação, pode ser estimulada em todas as atividades realizadas, como um grande tema transversal.

Mas a preparação somente não basta. É preciso pensar em uma política pública em que o jovem possa melhorar a sua relação com o mercado de trabalho, para poder construir um futuro diferente e, sempre de forma crítica, desenvolver a flexibilidade, a criatividade, a liberdade para mudar de opinião e adotar nova postura, buscar o consenso, aprendendo a aprender e a reinventar-se, para comunicar-se melhor com o mundo que o cerca.

As políticas devem, ainda, revisar o papel da escola, pois a leitura do mundo, e a expressão no mundo, ainda têm na escola um ambiente privilegiado para o seu desenvolvimento.

Referência

Saussure F. Curso de Lingüística Geral. São Paulo: Cultrix; 1994.

Zaluar A. Cidadãos não vão ao paraíso: juventude e política social. São Paulo: Unicamp; 1994.

Chiavenato I. Introdução à teoria geral da administração. 6ª ed. São Paulo: Campus; 2000.

¹ Chiavenato I. Introdução à teoria geral da administração. 6ª.ed. São Paulo: Campus, 2000, p 128.

ANEXOS



ESCRITA COLETIVA

Graziela Bedoian e Roberto Carlos Madalena

Lançou-se um desafio ao grupo de educadores: transformar as ricas discussões em um texto que pudesse ser compartilhado com outros educadores. Um texto que fosse feito de forma coletiva.

Para tanto realizamos um processo com 5 encontros com os educadores para gerar o texto coletivo. A cada encontro o grupo tinha tarefas pré - determinadas que foram passo a passo construindo os temas do texto, a estrutura e os conteúdos, finalizando com uma redação que costurou todo o trabalho.

No primeiro encontro, o grupo foi dividido em dois e cada participante pensou exemplos, situações, ou discussões mais marcantes que representavam o trabalho do educador. Em seguida, os educadores trouxeram as situações para discussão e fez-se um painel único resumindo os tópicos levantados nos dois grupos.

No segundo encontro, os tópicos levantados foram relidos e classificados em três eixos temáticos. Cada tópico foi escrito em um papel e os educadores colavam os tópicos nos eixos levantados. Definiu-se a relação entre os três eixos temáticos com uma frase, que descrevia de forma resumida o que se pretendia com o texto.

No terceiro encontro, cada educador fez um depoimento sobre uma situação de seu trabalho cotidiano de atendimento. Este depoimento foi gravado e depois transcrito. Todos os depoimentos transcritos foram repassados aos educadores para comentários. Elegeu-se um educador para ser a figura do tecelão que teria como tarefa colocar os depoimentos nos eixos temáticos e costurar as discussões em um texto.

No quarto encontro, o tecelão trouxe os depoimentos classificados nos três eixos e o grupo discutiu a relação dos

conteúdos e depoimentos em cada eixo. O tecelão deveria juntar este material e transformar em um texto.

No quinto e último encontro, o texto elaborado pelo tecelão foi discutido e validado com o grupo.

O processo participativo mostra-se muito proveitoso para o grupo envolvido. Os conteúdos são construídos conjuntamente, portanto são representativos das experiências e vivências do grupo. O texto final é uma costura de várias idéias. Uma vez discutido em grupo a estrutura do texto (eixos) e o que se pretende falar nele, o trabalho é trazer exemplos e depoimentos para ilustrar os conteúdos previamente definidos. Assim, o grupo se reconhece no texto final, mesmo que tenha sido escrito de fato por um único representante.

Para a experiência ser bem sucedida o grupo precisa entender a proposta, ser generoso e trabalhar em equipe. Os coordenadores das atividades devem observar entre os participantes aqueles que já demonstram habilidade para registros, porém a escolha do redator final deve ser feita com o grupo. Além disso, o fundamental é a autoria do texto, todos os participantes são autores e o tecelão é um organizador.

O resultado desta experiência pode ser visto no capítulo Encontros de Rede: o olhar dos participantes, neste livro.

O PROJETO QUIXOTE

O Projeto Quixote é uma OSCIP ligada à Universidade Federal de São Paulo, que atua desde 1996 e tem como missão transformar a história de crianças, jovens e famílias em complexas situações de risco, através do atendimento clínico, pedagógico e social integrados, gerando e disseminando conhecimento.

Para enfrentar todos os dragões desta empreitada, o Projeto Quixote apostou na arte, na educação e na saúde como formas de aproximação e vinculação com estes jovens. Buscamos construir alternativas eficientes para os desafios cotidianos de suas vidas, como a violência, o abandono, a falta de referências e o abuso de drogas através de oficinas artísticas e estratégias clínicas e sociais, onde criatividade, afeto e expressão caminham sempre juntos.

O Projeto Quixote atua em duas áreas:

- **Atendimento:** com estratégias lúdicas, são construídos vínculos afetivos que possibilitam o surgimento espontâneo de demandas que são respondidas pela equipe multidisciplinar. Através dos programas clínico, pedagógico, família, educação para o trabalho, abordagem de rua e abrigo, acolhemos crianças, jovens e seus familiares.
- **Ensino e Pesquisa:** buscamos estudar a prática para produzir conhecimentos e subsidiar políticas públicas voltadas a crianças, jovens e famílias em situação de risco. Através de cursos, supervisões e consultorias para técnicos e educadores sociais de todo o Brasil buscamos trocar e multiplicar os aprendizados.

Com de programas específicos, oferecemos ações diferenciadas para os diversos públicos e necessidades.

Programa pedagógico:

Oficinas pedagógicas, artísticas e lúdicas como artes plásticas,

break, dança, teatro, gastronomia, informática, capoeira, graffiti, artesanato, cidadania, sexualidade.

Programa Clínico:

- Atendimento em psicologia, psiquiatria, pediatria, psicopedagogia e serviço social; sendo referência em abuso de drogas e saúde mental.
- Cuidar: Atendimento para vítimas de violência e abuso sexual.

Programa de educação para o trabalho:

- Quixote jovem - formação em competências básicas para o mundo do trabalho, através de oficinas de cidadania, comunicação e projetos.
- Agência Quixote Spray Arte – formação e geração de renda através do graffiti.
- Inserção no mercado de trabalho – formação, inserção e acompanhamento de jovens em empresas, como a Pricewaterhouse-Coopers.

150

Programa Família:

Atendimento psicossocial e geração de renda para familiares dos atendidos, através da produção e venda de produtos artesanais.

Programa Moinho do Bixiga:

- Abordagem de crianças e jovens em situação de rua da região central de São Paulo.
- Abrigamento.
- Rematriamento – retorno as suas comunidades de origem.

Desde 1996, o Projeto Quixote já atendeu mais de 5 mil pessoas. Por ano, são atendidos cerca de 900 jovens. Mais de 2500 educadores e técnicos passaram pelas ações da Área de Ensino e Pesquisa.

Como reconhecimento por suas ações o Projeto Quixote já recebeu diversos prêmios: Fundo Itaú Excelência Social - Fies 2008,

Prêmio Top Social ADVB 2007, com o projeto de Educação para o Trabalho “**Redesenhando o Futuro**” em parceria com a Petrobras, Finalista do Prêmio Itaú – UNICEF em **2007**, com o projeto Projeto Quixote, e em **2001** com o Programa Vivendo e Aprendendo, Finalista do prêmio Trip Transformadores em 2007, na categoria Teto; Finalista do Prêmio **Empreendedor Social 2006** da Folha de São Paulo em parceria com a Fundação Schwab; Selo Organização Parceira do **Centro de Voluntariado de São Paulo 2005**; Projeto de educação para o trabalho finalista na categoria “**Apoio à Criança e ao Adolescente**”, do Guia de Boa Cidadania Corporativa da Revista Exame e **1º Colocado no Concurso Nacional de Jingle** – SENAD em 2003; Diploma de Mérito pela **Valorização da Vida**, conferido pela Secretaria Nacional Antidrogas – SENAD em 2002; Prêmio Empreendedor Social 2000 pelo plano de negócios da **Agência Quixote Spray Arte** premiada também como idéia inovadora, pela Ashoka Empreendedores Sociais e pela Mckinsey & Company; Prêmio **Ação Criança 1999**, da Fundação Abrinq.

Entre nossos principais parceiros estão a Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social do Município de São Paulo (SMADS), Petrobras, Fundação Kellogg, Banco Safra, PricewaterhouseCoopers, Instituto Wal-Mart, Citieesperança, Instituto Gerdau, IBM, Merrill Lynch, Credit Suisse, Playcenter, entre outros.

www.projetoquixote.org.br

SOBRE OS AUTORES

Alberto Antônio Comuana,

mestre em Serviço Social pela PUC-SP, área de concentração - Políticas e Movimentos sociais, especializado em saúde mental pela UNIFESP, assistente social do Programa Presença Social na Rua.

Auro Danny Lescher,

psiquiatra, psicoterapeuta e coordenador do Projeto Quixote.

Aline Jardim Vasconcelos,

pedagoga, educadora no Projeto Quixote.

Bruno Pastore,

artista, escritor, sócio educador no Centro Cultural da Juventude Ruth Cardoso, participou do Programa Agente Jovem, formado e colaborador da Agência Quixote Spray Arte no módulo Graffiti.

Felícia R. R. S. Araujo,

psicóloga formada pela PUC-SP, especialista em Psicologia Clínica pela Clínica Psicológica Ana Maria Poppovick, mestranda em Psicologia Clínica Junguiana pela PUC-SP, psicóloga do Núcleo Clínico do Projeto Quixote.

Floriano Pesaro,

sociólogo formado pela USP, pós-graduado em Administração Pública pela Escola de Governo de São Paulo, com especialização em Ciências Políticas pela UNB e Processo Legislativo pela Câmara dos Deputados, em Brasília. Foi pesquisador do Núcleo de Pesquisa em Relações Internacionais e Comparada da USP.

Graziela Bedoian,

psicóloga com especialização em Psicologia Clínica pela Faculdade de Saúde Pública da USP, formação em toxicomania, psicanálise e gestão de projetos sociais. Coordenadora da área de Ensino e Pesquisa, e da Agência Quixote Spray Arte do Projeto Quixote.

Herbert Klassa,

administrador de empresas, com especialização em Recursos Humanos pela FECAP - Faculdade Escola do Comércio Álvares Penteado, gerente de recursos humanos do Playcenter e Playland. Consultor em treinamentos comportamentais e gerenciais pela Visão e Ação Consultoria Empresarial S/S Ltda.

Maíra Clini,

psicóloga formada pela PUC-SP, especialista em Psicologia Clínica pela Clínica Psicológica Ana Maria Poppovick, mestranda em Psicologia Social pela USP-SP, psicóloga do Núcleo Clínico do Projeto Quixote.

Patrícia Loyola,

há 10 anos no desenvolvimento e implementação de projetos sociais, graduada em Marketing pelo Mackenzie-SP, e MBA em Gestão Estratégica de Negócios pela FGV-RJ. Reúne sua experiência em empresas como Citibank, BCP Telecomunicações (atual Claro) e PricewaterhouseCoopers na qual é gerente de Responsabilidade Social. Entre suas atuais funções estão a gestão do voluntariado corporativo e do investimento social da PwC na comunidade, cujo foco principal é a inclusão de jovens no mundo de trabalho.

Paulo A. A. Baltazar,

consultor da Petrobras em projetos sociais, atuou na construção e desenvolvimento do programa Petrobras Jovem Aprendiz, do programa aprendiz legal e do termo de referência das estatais para o aprendizado. Participou do grupo fundador do Projeto Quixote e atuou em projetos voltados para os direitos da criança e do adolescente, os direitos humanos, o protagonismo juvenil e a economia solidária.

Raquel Barros,

psicóloga e mestre pela Universidade de São Paulo, psicóloga Clínica pela Universidade de Padova, especialista em atenção de Rua pela Regione del Veneto, especialista em Atenção à relação mães e filhos Universidade de Padova, Fellow Ashoka 1999. Consultora da Unesco para Educação e Vulnerabilidades. Presidente Associação Lua Nova (www.luanova.org.br). Coordenadora do Centro de Formação

em Tratamento Comunitário (Governo da Alemanha – União Europeia), especialista no enfrentamento violência sexual pela SEDH e ANDI.

Roberto Carlos Madalena,

professor de Geografia, coordenador do Programa de Educação para o Mundo Trabalho.

Suely A. Fender,

psicóloga, mestre em psicologia clínica pela PUC de Campinas, especialista em terapia de família e casal pela PUC-SP, formação em toxicomania, coordenadora do Núcleo de Atenção à Família do Projeto Quixote.

Tokie Ueda Robortela,

bacharel em Serviço Social pelo Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas, mestre em Serviço Social pela PUC-SP. Profissional com mais de 30 anos de experiência na área da assistência social nos setores Público e Privado. Especialista em capacitação de recursos humanos.

Zilda Rodrigues Ferré,

psicopedagoga, coordenadora do Programa Pedagógico do Projeto Quixote.

